

# *O fact-checking* como prática do jornalismo desportivo da TVI

**Relatório de estágio para a obtenção do grau de mestre em jornalismo.**

**Discente**

David Manuel Marques Piedade | N.º. 11802

**Orientador**

Prof. Adjunto Rui Fernando Almeida Simões

**Curso**

Mestrado em Jornalismo | 2.º. Ano

**Ano letivo**

2019/2020

**Junho de 2021**

## **Declaração anti plágio**

Declaro ser o único autor deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo na Escola Superior de Comunicação Social. Afirmo ainda que o presente relatório de estágio é original e nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer parte do corpo do trabalho) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação.

Atesto ainda que todas as citações estão corretamente identificadas com o apelido, o ano e página. Mais acrescento que tenho total consciência de que a deteção de plágio no presente trabalho pode levar à sua anulação.

Junho de 2021, o candidato.

David Peckob

## Agradecimentos

*“O sucesso não teria sido atingido se não tivéssemos pessoas capazes de nos apoiar e dar forças para atingirmos os nossos objetivos!”*

*- Autor desconhecido.*

Aos meus pais, Manuel e Rosa, pelo apoio demonstrado em cada luta e pela alegria em cada batalha superada. Muito obrigado por terem acreditado em mim!

Aos meus irmãos, Diogo, Ricardo, Rafaela e Miguel, pelas brincadeiras, pelo carinho e por me darem forças para continuar a trilhar o meu caminho!

Ao meu orientador, Prof. Rui Simões, pela paciência, pelo contributo e especialmente pelo companheirismo demonstrado ao longo dos últimos meses.

Aos meus afilhados pelas brincadeiras e por me apoiarem nas grandes decisões, mesmo quando não consegui estar presente em alguns momentos!

À minha família académica, porque o essencial é e será sempre invisível aos olhos.

Aos Eno pelo apoio, pelas brincadeiras e pela boa disposição diária.

Ao Fábio Anunciação e à Cátia Leal pela ajuda, pela boa disposição e disponibilidade.

À Editoria de Desporto da TVI pela oportunidade de integrar uma grande equipa!

À ESCS por ser a melhor instituição de ensino superior na área do jornalismo.

Aos meus professores pela paciência e ajuda ao longo dos últimos dois anos e meio.

Foi um privilégio estudar aqui!

A todos, um grande obrigado!

## Resumo

O presente relatório de estágio revela as representações dos jornalistas da Editoria de Desporto da TVI sobre processo de verificação de factos. Além disso, este estudo consagra uma análise reflexiva sobre os padrões e mecanismos utilizados no processo de verificação de factos. Adotou-se um método qualitativo, socorrendo-se de um período de observação participante de quatro meses e de cinco entrevistas não estruturadas aos jornalistas da TVI para dar resposta aos objetivos específicos da investigação.

Através da observação participante, descobriu-se que a verificação de factos é uma prática que emana da experiência dos jornalistas em contexto de trabalho, sendo que cada profissional tem métodos diferentes para confirmar os dados. Além disso, a verificação de factos na Editoria de Desporto pode ser dividida em três domínios distintos: direto, indireto e inexistente. Pode ser realizada de forma direta quando o jornalista utiliza os seus próprios recursos para confirmar os dados; pode ser indireta quando o jornalista recorre aos colegas de profissão ou às chefias para tentar chegar aos factos; Por último, também pode ser inexistente quando o jornalista não dá a informação; atribui o crédito da respetiva informação ao órgão de comunicação social; ou recorre às informações das agências noticiosas.

Além disso, o presente estudo expôs dados que evidenciam uma relação de confiança e proximidade entre a Editoria de Desporto da TVI e os jornalistas do *Mais Futebol*. Uma parceria estratégica que se estende à troca de informações, contactos e jornalistas entre os respetivos órgãos de informação. Com base no período de observação, percebeu-se que o tempo, o excesso de informação nas redes sociais, a luta pelas audiências e o bloqueio da informação por parte dos clubes são os principais entraves à verificação de factos.

Esta investigação serve para explicar a forma como ocorre o processo de confirmação das notícias de desporto na redação e, em simultâneo, para consciencializar o público quanto às dificuldades encontradas durante o processo de verificação dos dados. Face à existência de estudos residuais na área do desporto, o presente objeto de estudo adveio da necessidade de investigar a verificação de factos, empreendendo uma análise empírica que consagre o processo de averiguação da notícia no jornalismo desportivo.

**Palavras-chave:** Desinformação; Verificação de factos; Jornalismo desportivo; Factos jornalísticos; TVI.

## **Abstract**

The following internship report reveals the journalists from TVI sport's section about the process of facts verification. Besides that, this study congregates a reflexive analysis about the patterns and mechanisms used during the process of facts verification. Was adopted a qualitative method, bailing out a participative observation period of four month's and five unstructured interviews to TVI journalists to give an answer to the specific investigation objectives.

Through the participant observation was discovered that the facts verification is a practice that emanates journalist's experience in-work context, being that each professional has different methods to confirm the data. Furthermore, the verification of the sport's section can be divided in three distinctive domains: direct, indirect and nonexistent. Can be fulfilled directly when the journalist uses his own resources to confirm the data; can be indirect when the journalist has to resort to his colleagues to gather the facts; lastly, it can also be nonexistent, when the journalist doesn't give any information; the credits of the respective information are assigned to the media; it can also rely on news agency's information.

In addition, the following study exposed data that shows a relationship of proximity and trust between TVI sport's section and Mais Futebol journalists. A strategic partnership that extends to the information trading, contacts and journalists between each media. Based on the observation period, was noticed that, the time, the social media's information overload, the war for views and the information stoppage from the clubs, are the main obstacles to the facts verification. This investigation has the goal to explain the way the confirmation process of the sport news on essay, simultaneously, to raise awareness to the public to the difficulties found during the process of data verification. In view of the existence of residual studies in sport's area, the present object of study arose from the need to investigate the facts verification, undertaking an empirical analysis that enshrines the process of investigating the journalism of the news in sports.

**Keywords:** Disinformation; Fact-checking; Sports journalism; Journalistic facts; TVI.

## Índice de conteúdos

Declaração anti plágio .....	III.
Agradecimentos .....	IV.
Resumo .....	V.
<i>Abstract</i> .....	VI.
Glossário .....	13
Identificação dos jornalistas e outros interlocutores no estágio .....	15
<b>Introdução</b> .....	21
I. Escolha do tema .....	21
II. Estrutura do relatório de estágio .....	23
<b>I. Metodologia</b> .....	27
1. Pergunta de partida e objetivos de investigação .....	27
2. Abordagem metodológica .....	28
2.1. Observação participante .....	30
2.2. Entrevista não estruturada .....	32
2.2.1. Seleção dos entrevistados .....	34
<b>II. Enquadramento teórico</b> .....	35
▪ <b>Capítulo 1 - A desinformação e os <i>media digitais</i></b> .....	35
1. Definição do conceito de desinformação .....	35
2. Desinformação: estatísticas internacionais .....	36
2.1. Desinformação: caso específico de Portugal .....	39
3. Lógica de desinformação nos <i>media</i> digitais .....	40
3.1. Cultura de partilha nos <i>media</i> digitais .....	42

▪	<b>Capítulo 2 - O facto, a verdade e a objetividade jornalística</b>	46
1.	Conceção do significado de facto	46
1.1.	Acontecimentos, notícias e factos jornalísticos	47
2.	O jornalismo e a reivindicação da verdade	49
2.1.	Verdade e objetividade no jornalismo	52
3.	Os quatro procedimentos objetivos do jornalista	53
▪	<b>Capítulo 3 - <i>Fact-checking</i>: o resultado de uma crescente desinformação</b>	56
1.	Os primórdios do surgimento do <i>fact checking</i>	56
2.	Verificação de factos: a discórdia sobre a eficácia	58
2.1.	Verificação de factos: críticas aos critérios utilizados	61
2.1.1.	O (des) equilíbrio na verificação das declarações	63
2.1.2.	Elite de repórteres, reformadores e especialistas	65
3.	Verificação de factos: hipótese de um novo género jornalístico	66
4.	Os desafios que se colocam ao processo de verificação de factos	68
▪	<b>Capítulo 4 - O estágio na Editoria de Desporto da TVI</b>	71
1.	História da <i>Televisão Independente</i> (TVI)	71
1.1.	Editoria de Desporto da TVI	73
2.	Direção de informação no início do estágio - fevereiro de 2020	75
2.1.	Mudança na direção de informação - setembro de 2020	77
2.1.1.	Projeto de <i>fact-checking</i> : <i>Hora da Verdade</i>	81
III.	<b>Análise de dados: o estágio na TVI</b>	85
1.	Experiência profissional	85
1.1.	O primeiro dia de estágio	85

1.2.	Rotinas e dinâmicas da Editoria de Desporto .....	87
1.2.1.	A redação no período pós-confinamento .....	91
2.	As três modalidades de <i>fact-checking</i> da Editoria de Desporto .....	93
2.1.	Quando é que o <i>fact-checking</i> é realizado de forma direta? .....	95
2.1.1.	Consulta de informações em <i>websites</i> especializados .....	95
2.1.2.	Consulta das informações em comunicados oficiais .....	96
2.1.3.	Contacto com os assessores de imprensa .....	97
2.1.4.	Contacto com fontes não oficiais .....	98
2.1.5.	Recurso aos profissionais especializados .....	99
2.1.6.	Consulta de dados ou estatísticas oficiais .....	100
2.2.	Quando é que o <i>fact-checking</i> é realizado indiretamente? .....	101
2.2.1.	Recurso aos colegas de trabalho da TVI .....	101
2.2.2.	Articulação com a equipa do <i>Mais Futebol</i> .....	103
2.3.	O que fazer quando não há possibilidade de existir <i>fact-checking</i> ? .....	107
2.3.1.	Dar crédito aos órgãos de informação .....	107
2.3.2.	Não divulgar a informação .....	109
2.3.3.	Recurso às agências de notícias: <i>Lusa</i> , <i>AP</i> e <i>Reuters</i> .....	110
3.	O processo de <i>fact-checking</i> na perspetiva dos entrevistados .....	114
3.1.	Mecanismos de verificação de factos na perspetiva dos entrevistados .....	117
3.2.	As redes sociais e a necessidade de verificar as informações .....	119
4.	O bloqueio de informação como principal entrave à verificação de factos .....	121
5.	A hierarquização da relevância das verificações de factos .....	123
	<b>Conclusões finais</b> .....	125

I. Balanço do percurso na Editoria de Desporto da TVI.....	125
II. Resposta aos objetivos do presente relatório de estágio .....	127
<b>Referências bibliográficas</b> .....	132
<i>Websites consultados</i> .....	138
<b>IV. Apêndices</b> .....	139
<b>V. Anexos</b> .....	187

## **Índice de apêndices**

<b>Apêndice 1</b> - Entrevista de Pedro Benevides - Coordenador da <i>Hora da Verdade</i> ...	139
<b>Apêndice 2</b> - Entrevista de Joaquim Sousa Martins - Editor de desporto da TVI .....	147
<b>Apêndice 3</b> - Entrevista de Mary Caiado - Jornalista de desporto da TVI .....	152
<b>Apêndice 4</b> - Entrevista de João Paiva - Jornalista de desporto da TVI .....	162
<b>Apêndice 5</b> - Entrevista de Catarina Cardoso - Jornalista de desporto da TVI .....	172

## **Índice de anexos**

<b>Anexo 1</b> - Comunicado enviado por Maria Simões a Luís Ferreira sobre o adiamento da EDP Meia Maratona de Lisboa .....	187
<b>Anexo 2</b> - Informação enviada pelo Sporting C.P. sobre a retoma do futebol no pós-confinamento e as medidas de segurança nas conferências de imprensa .....	188
<b>Anexo 3</b> - Parecer e avaliação do responsável de estágio da TVI, Bruno Ferreira, sobre as tarefas executadas pelo candidato .....	189

## **Índice de figuras**

<b>Figura 1</b> - Direção principal de informação: 17 de fevereiro de 2020 .....	75
<b>Figura 2</b> - A restante direção de informação: 17 de fevereiro de 2020 .....	76
<b>Figura 3</b> - Direção principal da informação: 01 de setembro de 2020 .....	78
<b>Figura 4</b> - A restante direção de informação: 01 de setembro de 2020 .....	80
<b>Figura 5</b> - O processo de <i>fact-checking</i> na redação .....	93
<b>Figura 6</b> - <i>Fact-checking</i> na Editoria de Desporto da TVI .....	94
<b>Figura 7</b> - A importância do <i>fact-checking</i> e o número de jornalistas .....	123

## **Índice de quadros**

<b>Quadro 1</b> - Canais temáticos ligados à TVI .....	72
<b>Quadro 2</b> - Identificação de Pedro Benevides .....	139
<b>Quadro 3</b> - Identificação de Joaquim Sousa Martins .....	146
<b>Quadro 4</b> - Identificação de Mary Caiado .....	152
<b>Quadro 5</b> - Identificação de João Paiva .....	162
<b>Quadro 6</b> - Identificação de Catarina Cardoso .....	172

## Glossário

<b>AL</b>	Agência Lusa
<b>APN</b>	<i>Associated Press News</i>
<b>ARTV</b>	Canal Parlamento
<b>CIES</b>	Centro de Investigação e Estudos de Sociologia
<b>CMVM</b>	Comissão de Mercado e Valores Mobiliários
<b>CSP</b>	<i>Conseil Suisse de la Presse</i> - Conselho de Imprensa Suíço
<b>DP</b>	<i>Deutsche Presseratp</i> - Conselho de Imprensa Alemão
<b>ERC</b>	Entidade Reguladora para a Comunicação Social
<b>ESCS</b>	Escola Superior de Comunicação Social
<b>FPF</b>	Federação Portuguesa de Futebol
<b>J1</b>	<i>Jornal da Uma</i>
<b>J8</b>	<i>Jornal das Oito</i>
<b>JN</b>	<i>Jornal de Notícias</i>
<b>LP</b>	Liga Portugal
<b>MF</b>	<i>Mais Futebol</i>
<b>MIT</b>	<i>Massachusetts Institute of Technology</i> - Instituto de Tecnologia de Massachusetts
<b>NUJ</b>	<i>National Union of Journalists</i> - União Nacional de Jornalistas da Grã-Bretanha
<b>OBERCOM</b>	Observatório de Comunicação
<b>OPA</b>	Oferta Pública de Aquisição
<b>RTP</b>	<i>Rádio e Televisão Pública</i>

<b>SAD</b>	Sociedade Anónima Desportiva
<b>SIC</b>	<i>Sociedade Independente</i>
<b>SJ</b>	Sindicato dos Jornalistas
<b>SPJ</b>	<i>Society of Professional Journalists</i> - Sociedade Profissional de Jornalistas dos Estados Unidos da América
<b>TVI</b>	<i>Televisão Independente</i>

## Identificação de jornalistas e outros interlocutores

<b>Adérito Esteves</b>	Jornalista e cronista do <i>Mais Futebol</i> .
<b>André Leitão</b>	Assessor de imprensa das modalidades do Sporting Clube de Portugal.
<b>Andreia Palmeirim</b>	Jornalista da Editoria de Desporto da TVI. Além disso, também é apresentadora dos seguintes programas de desporto: « <i>Mais Bastidores</i> », « <i>Mais Transferências</i> » e « <i>Mais Ligas</i> ».
<b>Anselmo Crespo</b>	Assumiu o cargo de Diretor de Informação da TVI no dia 01 de setembro de 2020, depois de Sérgio Figueiredo ter deixado o cargo em junho de 2020.
<b>António José dos Santos</b>	Detentor do grupo de indústria agropecuária - VALOURO - em Portugal. Além disso, é o maior acionista privado do Sport Lisboa e Benfica com 12,7% das ações do clube.
<b>António Prata</b>	Jornalista e diretor adjunto de informação da TVI durante o período exercido pela direção de informação, liderada por Sérgio Figueiredo.
<b>Bruno Ferreira</b>	Jornalista e editor de desporto da TVI entre 17 de fevereiro e 01 de setembro de 2020. Após a mudança na direção, ficou como subeditor da Editoria de Desporto do quarto canal.
<b>Cândido Costa</b>	Antigo jogador de futebol e comentador do « <i>Mais Bastidores</i> » e « <i>Mais Transferências</i> ».
<b>Catarina Cardoso</b>	Jornalista da Editoria de Desporto da TVI. Além disso, também é apresentadora dos seguintes programas de desporto: « <i>Mais Bastidores</i> », « <i>Mais Transferências</i> » e « <i>Mais Ligas</i> ».
<b>Claúdia Lopes</b>	Apresentadora dos seguintes programas de desporto da TVI 24: « <i>Mais Futebol</i> » e « <i>Os Einsteins</i> ».

<b>Costinha</b>	Francisco Costa, conhecido no mundo do futebol por Costinha, é um antigo jogador de futebol profissional e colabora como comentador no seguinte programa de desporto da TVI 24: « <i>Os Einsteins</i> ».
<b>Dani</b>	Daniel Carvalho, conhecido no mundo do futebol por Dani, é um antigo jogador de futebol profissional e colabora como comentador nos seguintes programas de desportos da TVI 24: « <i>Os Einsteins</i> » e « <i>O Diário da Liga dos Campeões</i> ».
<b>David Marques</b>	Jornalista do <i>Mais Futebol</i> .
<b>Élvio Carvalho</b>	Jornalista do Departamento de Antena da TVI 24, intitulado por « <i>NewsDesk</i> ».
<b>Filipe Caetano</b>	Jornalista e editor da « <i>Geringonça</i> » durante a direção de informação, liderada por Sérgio Figueiredo. Atualmente, é editor da área do internacional na direção presidida por Anselmo Crespo.
<b>Francisco Pires</b>	Jornalista e editor da « <i>Geringonça</i> » durante a direção de informação, liderada por Sérgio Figueiredo.
<b>Gabriela Dias</b>	Presidente da Comissão de Mercado e Valores Mobiliários (CMVM).
<b>Graça Picão</b>	Jornalista e atual subeditora de economia da TVI.
<b>Henrique Mateus</b>	Jornalista da Editoria de Desporto da TVI. Além disso, desempenha funções como apresentador do « <i>Mais Bastidores</i> » e do « <i>Mais Transferências</i> ».
<b>Hugo Matias</b>	Jornalista e Editor de Desporto da TVI até ao dia 07 de março de 2020. Posteriormente, foi nomeado como Editor da « <i>Geringonça</i> » e deixou o cargo no dia 01 de setembro de 2020.
<b>Isabel dos Santos</b>	Jornalista da Editoria de Economia da TVI.

<b>João Guilherme</b>	Jornalista e coordenador de programas de desporto.
<b>João Pedro Rodrigues</b>	Jornalista da Editoria de Desporto da TVI. Além disso, também desempenha funções como apresentador do « <i>Mais Bastidores</i> » e do « <i>Mais Transferências</i> ».
<b>João Pedro Óca</b>	Jornalista da Editoria de Desporto da TVI.
<b>João Paiva</b>	Jornalista da Editoria de Desporto da TVI.
<b>Joaquim Sousa Martins</b>	Editor de desporto e atual subdiretor de informação da TVI.
<b>José Carlos Araújo</b>	Jornalista e Editor Executivo dos Blocos de Informação da TVI 24.
<b>Luís Filipe Vieira</b>	Presidente do Sport Lisboa e Benfica.
<b>Luís Ferreira</b>	Editor de desporto da TVI até ao dia 01 de setembro de 2020. Durante este período, acumulou também a função de editor do <i>Mais Futebol</i> .
<b>Luís Salvador</b>	Jornalista e subdiretor de informação da TVI durante o período exercido pela direção de informação, liderada por Sérgio Figueiredo.
<b>Luís Vilar</b>	Comentador do « <i>Mais Bastidores</i> » e « <i>Mais Transferências</i> ».
<b>Lurdes Baeta</b>	Jornalista e atual diretora adjunta de informação da direção de Anselmo Crespo. Anteriormente, durante a direção de Sérgio Figueiredo, ocupou o cargo de editora da « <i>Geringonça</i> ». Paralelamente, ocupa o cargo de <i>pivot</i> de informação do <i>Jornal da Uma</i> .
<b>Mary Caiado</b>	Jornalista da Editoria de Desporto da TVI. Além disso, também desempenha funções como coordenadora de régie dos programas de desporto da TVI.
<b>Manuel Cajuda</b>	Antigo treinador de futebol profissional e comentador no programa desportivo da TVI 24: « <i>A Equipa</i> ».

<b>Manuel Oliveira</b>	Antigo treinador de futebol profissional e comentador no programa de futebol: « <i>Os Einsteins</i> ».
<b>Nuno Chaves</b>	Jornalista da Editoria de Desporto da TVI.
<b>Nuno Dias</b>	Comentador do « <i>Mais Bastidores</i> » e « <i>Mais Transferências</i> ».
<b>Nuno Santos</b>	Nomeado como diretor-geral da TVI após a mudança na direção de informação do canal em setembro de 2020.
<b>Nuno Travassos</b>	Editor de Desporto da TVI até ao dia 01 de setembro de 2020. Durante este período, acumulou a função de Subdiretor do <i>Mais Futebol</i> .
<b>Paula Costa Simões</b>	Jornalista e editora da « <i>Geringonça</i> » durante a direção de informação, liderada por Sérgio Figueiredo.
<b>Paulo Cintrão</b>	Assessor de comunicação do Sporting Clube de Portugal.
<b>Paulo Pereira</b>	Jornalista da Editoria de Desporto da TVI. Além disso, é apresentador de vários programas de desporto, como o « <i>Mais Bastidores</i> », « <i>Mais Transferências</i> » e o « <i>Diário da Liga dos Campeões</i> ».
<b>Pedro Benevides</b>	Além de subdiretor de informação, ocupa também a função de editor de política na TVI. Pedro Benevides deixou o <i>Observador</i> para assumir o cargo na nova direção de informação da TVI. Além disso, também ficou responsável pela coordenação da <i>Hora da Verdade</i> no <i>Jornal das Oito</i> (J8).
<b>Pedro Henrique</b>	Antigo árbitro de futebol profissional e comentador no programa de futebol: « <i>Os Einsteins</i> ».
<b>Pedro Mourinho</b>	Jornalista e <i>pivot</i> de informação do <i>Jornal das Oito</i> (J8) da TVI. Ocupa ainda as funções de subdiretor de informação do quarto canal.

<b>Pedro Pinto</b>	Jornalista e <i>pivot</i> de informação dos principais telejornais da TVI. Desempenhou o cargo de subdiretor de informação do quarto canal durante a direção de informação presidida por Sérgio Figueiredo. Posteriormente, ocupou também o cargo de diretor interino de informação do canal entre até ao dia 31 de agosto de 2020.
<b>Pedro Ramalho</b>	Jornalista da Editoria de Desporto da TVI. Além disso, é coordenador de régie de alguns programas de desporto, nomeadamente: « <i>Mais Futebol</i> », « <i>Mais Transferências</i> », « <i>Mais Bastidores</i> » e « <i>Diário da Liga dos Campeões</i> ».
<b>Pedro Ribeiro</b>	Diretor de programas da Rádio Comercial. Atualmente, é apresentador do programa de desporto da TVI 24: « <i>Os Einsteins</i> ».
<b>Pedro Rosmaninho</b>	Jornalista da Editoria de Desporto da TVI. Além disso, é coordenador de régie de alguns programas de desporto, como « <i>Mais Futebol</i> », « <i>Mais Transferências</i> », « <i>Mais Bastidores</i> » ou « <i>Diário da Liga dos Campeões</i> ».
<b>Ricardo Mexia</b>	Presidente da Associação de Médicos de Saúde Pública.
<b>Rita Mendonça</b>	Jornalista da Editoria de Desporto da TVI.
<b>Rui Pedro Braz</b>	Jornalista e comentador do « <i>Mais Bastidores</i> » e « <i>Mais Transferências</i> ».
<b>São Igreja</b>	Assessora de imprensa da Comissão de Mercado e Valores Mobiliários (CMVM).
<b>Sérgio Cavaleiro</b>	Assessor de imprensa das modalidades do Sporting Clube de Portugal.
<b>Sérgio Figueiredo</b>	Jornalista e diretor de informação da TVI até ao dia 10 de julho de 2020.

<b>Sérgio Pereira</b>	Jornalista e diretor executivo do <i>Mais Futebol</i> .
<b>Sérgio Pires</b>	Jornalista e editor do <i>Mais Futebol</i> na redação da cidade do Porto.
<b>Teresa Rodrigues</b>	Jornalista e coordenadora do departamento de antena da TVI 24, intitulado por <i>NewsDesk</i> . Após a entrada da nova direção de informação em setembro de 2020, Teresa Rodrigues passou a exercer funções como subeditora da sociedade.
<b>Vasco Rosendo</b>	Jornalista e editor da « <i>Geringonça</i> » durante a direção de informação, liderada por Sérgio Figueiredo. Atualmente, é editor de economia na direção presidida por Anselmo Crespo.

## Introdução

No âmbito da conclusão do Mestrado em Jornalismo na Escola Superior de Comunicação Social, propôs-se a realização de um relatório de estágio, refletindo sobre o processo de *fact-checking* no jornalismo desportivo. O presente relatório de estágio visa apresentar as atividades desenvolvidas enquanto estagiário da Editoria de Desporto da TVI, *Televisão Independente*, durante um período de quatro meses. Além disso, pretende-se realizar uma análise reflexiva sobre os padrões e mecanismos utilizados no processo de *fact-checking* dos jornalistas pertencentes à Editoria de Desporto da TVI.

### I. Escolha do tema

O tema selecionado para o presente relatório de estágio centra-se no processo de *fact-checking* aplicado ao jornalismo desportivo da TVI. A pergunta de partida que orienta a investigação debruça-se sobre as representações dos jornalistas relativamente ao processo de verificação de factos no jornalismo desportivo. Sobre a perceção de uma crescente desinformação, Graves (2013, p. 9) aborda a forma como a *Internet* transformou o trabalho jornalístico e provocou o surgimento do *fact-checking*, tal como é conhecido atualmente.

O progresso registado no meio digital proporcionou a multiplicação de *websites* que expuseram falsas narrativas que, posteriormente, foram confundidas com factos noticiosos (Cardoso, Baldi, Pais, Paisana, Quintanilha & Couraceiro, 2018, pp. 11-12). Os órgãos de informação que seguem, de forma incessante, a lógica do imediatismo criam conteúdos com pouco rigor informativo. Nestas situações, os *media* não correspondem ao compromisso de informar o público com rigor, uma norma prevista no Código Deontológico do Jornalista e revogada pelo Sindicato de Jornalistas (SJ) em 2017. As falsas narrativas nem sempre resultam de uma estratégia premeditada, o que significa que os jornalistas têm de reconhecer fontes digitais credíveis antes de escrever a notícia (Echeverri, Romero-Rodríguez & Pérez-Rodríguez, 2018, pp. 297-298).

Os investigadores do ISCTE (Cardoso, Baldi, Pais, Paisana, Quintanilha & Couraceiro, 2018, p. 48) afirmam que cerca de 51% dos utilizadores do *Facebook* admite que clica frequentemente em *links* para aceder aos conteúdos informativos. A crescente

utilização das redes sociais como plataforma de partilha de conteúdos informativos aumenta a necessidade de instrução mediática por parte dos utilizadores (Echeverri, Romero-Rodríguez & Pérez-Rodríguez, 2018, p. 299).

De acordo com a ERC (2019, p. 47), os jornalistas têm a obrigação de desmistificar os conteúdos que contribuem para a crescente desinformação, dado que apresentam as competências necessárias para selecionar, produzir e divulgar informações que cumpram o rigor da prática jornalística. A proliferação das falsas narrativas na esfera mediática promoveu um olhar mais atento ao processo de *fact-checking* (ERC, 2019, p. 46). Há, no entanto, diferentes perspetivas quanto à eficácia da verificação de factos no atual panorama mediático, conforme demonstram os contributos de alguns investigadores (Amazeen, 2017; 2018; Nyhan & Reifler, 2014; Uscinski & Butler, 2013).

Para Nyhan e Reifler (2014, p. 629), a verificação de factos pode falhar significativamente na redução das falsas narrativas, especialmente entre os indivíduos com maior predisposição a acreditar nas suas convicções. Os utilizadores atribuem credibilidade a uma determinada fonte que representa, segundo as suas próprias crenças, uma verdade universal (ERC, 2019, p. 42). Numa linha de raciocínio corroborante, Uscinski e Butler (2013, pp. 162-163) também sugerem que os mecanismos colocados à disposição dos verificadores de factos não são adequados para proceder à investigação das declarações dos intervenientes no espaço mediático.

Em oposição, Amazeen (2018, p. 543) defende que a verificação de factos pode servir como uma intervenção para precaver os indivíduos de influências futuras ou reduzir a probabilidade de que as informações erradas influenciem o discurso cívico. Para Graves (2013, p. 292), a verificação de factos também responde à crítica sobre a falta de objetividade no trabalho jornalístico. A verificação de factos pode ainda ser vista como a resposta à imputação de que os jornalistas não são transparentes; de que não revelam as suas fontes; ou de que são incapazes de contestar os argumentos de figuras políticas sobre as quais realizam peças noticiosas.

Devido à reduzida literacia mediática dos cidadãos na distinção entre informações rigorosas e conteúdos manipulados nas plataformas digitais (ERC, 2019, p. 42), revela-se

pertinente investigar o modo como é efetuada a verificação de factos no jornalismo desportivo. Deste modo, definiu-se o primeiro objetivo específico do estudo: 1) identificar as atitudes dos jornalistas da Editoria de Desporto da TVI no processo de *fact-checking*.

Durante o período de estágio, descobriu-se uma relação estratégica entre a Editoria de Desporto da TVI e o jornal desportivo *online*, *Mais Futebol*. Uma parceria estratégica que, segundo a direção principal do *Grupo Media Capital*, beneficiou os dois órgãos de comunicação. Nesse sentido, encontrou-se o segundo objetivo específico: 2) compreender a articulação estabelecida entre a Editoria de Desporto da TVI e a Equipa do *Mais Futebol*. Além disso, revela-se igualmente pertinente que os leitores e os investigadores académicos compreendam os obstáculos relacionados com o processo de verificação de factos na área do desporto. Neste sentido, extrai-se o terceiro objetivo específico: 3) perceber os entraves e as limitações inerentes ao processo de *fact-checking* no jornalismo desportivo.

Importa esclarecer que o tema do presente relatório de estágio foi escolhido por motivações de natureza pessoal e científica. Em termos pessoais, há muito tempo que o jornalismo desportivo se tornou uma área de interesse pessoal. Contudo, o desalento face à perceção de uma crescente desinformação na área desportiva permitiu definir, de forma natural, a problemática proposta para o presente relatório de estágio. Assim, identificaram-se os padrões utilizados pelos jornalistas na verificação de factos no processo de construção das notícias de desporto. Em termos académicos, procurou-se investigar o processo de verificação de factos aplicado ao jornalismo desportivo. Existem alguns estudos relacionados com a verificação de factos na área da política (Amazeen, 2017; 2018; Nyhan & Reifler, 2014; Uscinski & Butler, 2013; Graves, 2013). Porém, procurou-se investigar o tema da verificação de factos na área do desporto, empreendendo uma análise empírica que consagre o processo de averiguação da notícia desportiva.

## **II. Estrutura do relatório de estágio**

Entre outubro de 2019 e junho de 2020, procedeu-se à consulta dos principais repositórios nacionais e plataformas de artigos científicos. De seguida, após a seleção bibliográfica, que se procurou fazer da forma mais criteriosa possível, realizaram-se as

respetivas fichas de leitura que serviram de base potencial para a consumação do respetivo trabalho. O presente relatório de estágio encontra-se organizado em três partes distintas: I. *Metodologia*; II. *Enquadramento teórico*; e III. *Análise de dados: o estágio na Editoria de Desporto da TVI*.

No que concerne à parte I. - *Metodologia* -, organizou-se em dois pontos distintos. No primeiro ponto, reflete-se sobre a aplicação da abordagem qualitativa (Pryor, 2010; Stake, 2010). O segundo ponto debruçou-se sobre a explicação do método qualitativo. Ainda no segundo ponto, discutem-se as técnicas de recolha de dados: observação participante e entrevista qualitativa. Recorreu-se ao contributo teórico de alguns investigadores metodológicos (Fusch & Ness, 2015; Bryman, 2012; Yin, 2011; Brenner, 2006; Davies, 1999) para desvendar a pertinência das ferramentas de recolha de dados para a conclusão do presente relatório de estágio.

No que concerne à parte II. - *Enquadramento teórico* -, subdividiu-se em quatro capítulos distintos, a saber: capítulo 1 - *Desinformação e os media digitais*; capítulo 2 – *O facto, a verdade e a objetividade jornalística*; capítulo 3 - *Fact-checking: o resultado de uma crescente desinformação*; e capítulo 4 - *O estágio na Editoria de Desporto da TVI*.

No primeiro ponto do capítulo 1, procurou-se operacionalizar o conceito de desinformação na atividade jornalística e desmitificar a expressão amplamente apelidada por “*fake news*” (ERC, 2019, p. 6). Em relação ao segundo ponto, referiram-se algumas estatísticas relativas ao consumo de notícias *online* no contexto internacional e, de seguida, abordou-se o caso específico de Portugal. Já no terceiro ponto, fez-se o levantamento de alguns estudos científicos (Echeverri, Romero-Rodríguez & Pérez-Rodríguez, 2018; Rodriguez, Moreno & Toukoumidis, 2016) sobre a circulação de falsas narrativas nos *media* digitais. Segundo a ERC (2019, p. 41), as plataformas da rede *online* são consideradas “solos férteis” que provocam a desinformação generalizada. Ainda no terceiro ponto, abordou-se a criação de “bolhas informativas” que cingem a partilha de conteúdos a uma rede restrita dos utilizadores (Cardoso, Baldi, Pais, Paisana, Quintanilha & Couraceiro, 2018, p. 11).

No segundo capítulo, abordaram-se os conceitos de facto, verdade e objetividade no jornalismo. No primeiro ponto, recorreram-se aos contributos teóricos de alguns

investigadores (Sponholz, 2009; Johnston, 2004; Walsh, 1943; Langer, 1933) para definir o conceito de facto de acordo com as seguintes perspetivas: ontológica, epistemológica e comunicativa. Ainda no primeiro ponto, os contributos teóricos de Adriano Duarte Rodrigues (2001) e Daniel Cornu (1994) permitiram diferenciar os conceitos de acontecimento, notícia e facto na área do jornalismo. Em relação ao segundo ponto, fez-se o levantamento de trabalhos académicos (Birks, 2019; Hermida, 2012; Schudson & Anderson, 2008; Zelizer, 2004) sobre as práticas dos jornalistas e a reivindicação da “verdade”. No terceiro ponto, recorreram-se aos contributos de Traquina (2002) e Tuchman (1972) para identificar os procedimentos considerados objetivos pelos jornalistas.

O terceiro capítulo foi subdividido em cinco pontos e centrou-se essencialmente na operacionalização do conceito de *fact-checking*. No primeiro ponto, investigou-se o surgimento da verificação de factos através dos contributos teóricos de alguns investigadores da área do *fact-checking* (Amazeen, 2017; 2018; Amazeen, Thorson, Muddiman & Graves, 2016; Graves, 2013). Em relação ao segundo ponto, realizou-se uma discussão científica sobre a eficácia da verificação de factos (Birks, 2019; Amazeen, 2017; 2018; Sarr, Sall & Diagne, 2017; Nyhan & Reifler, 2014; Graves, 2013; Uscinski & Butler, 2013; Dobbs, 2012). No terceiro ponto, levantou-se a hipótese teórica de que o *fact-checking* se tornou um novo género jornalístico, tal como foi sugerido por Amazeen, Thorson, Muddiman e Graves em 2016. No ponto quatro, com recurso aos contributos teóricos de Hassan, Adair, Hamilton, Tremayne, Yang e Yu (2015, p. 3), procurou-se explicar alguns dos desafios que são colocados à verificação de factos.

No primeiro ponto do quarto capítulo, procurou-se explicar a história da *Televisão Independente* (TVI) e, posteriormente, a importância dada pelo canal à Editoria de Desporto ao longo do tempo. Em relação ao segundo ponto do capítulo em questão, foram identificadas as principais alterações na redação após a mudança na direção de informação, ocorrida em setembro de 2020. Durante o período de estágio, observou-se, primeiro, o trabalho realizado pela direção de informação de Sérgio Figueiredo e, posteriormente, de Anselmo Crespo. A primeira direção de informação esteve em funções até agosto de 2020, enquanto a segunda entrou a partir de setembro de 2020, altura em que foram anunciadas as mudanças na TVI. Ainda no segundo ponto, e na sequência das novas alterações no

departamento de informação da TVI, procurou-se esclarecer o novo segmento de *fact-checking* do *Jornal das Oito* (J8). Este novo projeto de *fact-checking* surgiu após ter sido anunciada a parceria entre a TVI e o *Observador*.

Finalmente, na parte III. - *Análise de dados: o estágio na Editoria de Desporto da TVI* -, foi feita a descrição detalhada das dinâmicas essenciais de trabalho na redação. Ao longo do capítulo, procurou-se demonstrar as alterações registadas na Editoria de Desporto após o confinamento imposto pelo governo. A situação pandémica agravou-se em meados de março de 2020, obrigando à interrupção do estágio. Posteriormente, no final do mês de junho de 2020, o estágio foi retomado na TVI. Durante o período de observação, foram necessários quatro cadernos de campo para anotar rigorosamente todos os eventos, declarações e comentários, que se revelaram pertinentes. Findado os três meses obrigatórios de estágio - no dia 21 de agosto de 2020 -, revelou-se pertinente prolongar o período de recolha de dados por três motivos: (1) procurou-se perceber as alterações registadas na redação após a mudança na direção de informação e na respetiva linha editorial do canal; (2) procurou-se compreender a área de abrangência do novo segmento de *fact-checking* da TVI, bem como os detalhes da parceria com o *Obsevador*; e (3) aprofundou-se melhor os alicerces da articulação existente entre a Editoria de Desporto da TVI e a equipa do *Mais Futebol*.

O período de recolha de dados terminou no dia 24 de setembro de 2020, altura em que se alcançou uma saturação das informações. Conseguiu-se também observar os acontecimentos e dar resposta aos três fatores que estiveram na origem do prolongamento de estágio. Ainda na parte III., procurou-se explicar a forma como o processo de *fact-checking* é encarado pelos jornalistas da Editoria de Desporto. Também se procurou identificar as representações dos jornalistas em relação à verificação de factos e perceber a forma como os jornalistas trabalham com as informações das agências de notícias. Por fim, procurou-se compreender a hierarquização das verificações de factos, já que o número de jornalistas que confirmam as informações varia em função dos acontecimentos noticiosos.

## **I. Metodologia**

Após a realização de uma nota introdutória ao tema, a primeira parte do presente relatório de estágio debruça-se sobre a formulação da pergunta de partida; a criação dos objetivos de investigação e a escolha do método de investigação.

## **1. Pergunta de partida e objetivos de investigação**

Nas investigações qualitativas, a definição da pergunta de partida pode ser um autêntico desafio (Pryor, 2010, p. 161). Aliás, uma pergunta de partida que não seja bem formulada pode ditar o fracasso de um estudo (Bryman, 2012, p. 9). Tal como refere Pryor (2010, p. 161), a formulação da questão de partida não é apenas um aspeto técnico. Pelo contrário, Pryor (2010) explica que a escolha implica alguma ponderação sobre as questões fundamentais que sustentam a investigação, nomeadamente: a forma como a pesquisa é praticada e o conhecimento que resulta do estudo.

Na prática, a pergunta de pesquisa fornece uma declaração explícita sobre o que o investigador pretende descobrir (Bryman, 2012, p. 9). A questão de partida fornece uma diretriz ao investigador, impedindo-o de seguir direções desnecessárias para o estudo em questão (Bryman, 2012, p. 10). Além disso, a pergunta orientadora da investigação também orienta toda a pesquisa bibliográfica para o enquadramento teórico, as ferramentas de recolha de dados e a respetiva análise de dados (Pryor, 2010, p. 162). Ao formular a pergunta de partida, Pryor (2010) explica que o investigador deve refletir sobre a definição abstrata da área em estudo, mas também sobre o envolvimento cultural e social que daí pode resultar. Para Stake (2010, p. 71), a questão de partida deve ser mais importante para o investigador do que o próprio método de pesquisa. O investigador deve definir, primeiro, o objeto de estudo e só depois delinear a forma como pensa fazê-lo. Desta forma, para o presente relatório de investigação, foi formulada a seguinte pergunta de partida:

- «*Quais as representações dos jornalistas da TVI relativamente ao processo de fact-checking no jornalismo desportivo (constatadas no período compreendido entre fevereiro de 2020 e setembro de 2020)?*».

Numa perspetiva de objetivo geral da investigação, o principal foco está em compreender o processo de *fact-checking* da Editoria de Desporto da TVI segundo a

perspetiva dos próprios jornalistas. Neste sentido, articularam-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as atitudes dos jornalistas da TVI relativamente ao processo de *fact-checking* na Editoria de Desporto;
- Compreender a articulação estabelecida entre a Editoria de Desporto da TVI e a Equipa do *Mais Futebol*;
- Perceber os entraves colocados ao processo de *fact-checking* no jornalismo desportivo da TVI.

Para a execução dos objetivos específicos da investigação, recorreu-se à observação participante e à entrevista qualitativa. Importa esclarecer que a concretização da observação participante serviu de base para a realização dos guiões das entrevistas semiestruturadas. Tal decisão adveio da necessidade de conhecer o contexto de trabalho, segundo o qual foi possível operar (Yin, 2011, p. 110). Além disso, tal como explica Yin (2011), os acontecimentos podem não seguir a sequência lógica e cronológica que idealizamos. Desta forma, seria imprudente para o investigador realizar entrevistas antes de conhecer os participantes e o contexto de trabalho (Yin, 2011, pp. 117-118).

A partir da observação participante, conseguiu-se um conjunto de dados de análise que permitiu dar resposta aos dois primeiros objetivos específicos. A observação participante permitiu descobrir os padrões comportamentais dos jornalistas relativamente à execução das verificações de factos, bem como a articulação existente entre a TVI e o *Mais Futebol*. Em seguida, já com o propósito de dar resposta ao terceiro objetivo específico, realizaram-se cinco entrevistas qualitativas <sup>[ver ponto 2.2.1]</sup>.

## **2. Abordagem metodológica**

A pesquisa qualitativa permite explorar uma ampla gama de dimensões do mundo social, incluindo as considerações, opiniões e experiências dos participantes da investigação (Bryman, 2012, p. 379). Na perspetiva de Yin (2011, p. 49), para conduzir um estudo qualitativo, é importante definir o objeto de estudo; recolher os dados relevantes; analisar os resultados; e retirar conclusões a partir dos dados empíricos. O objeto de estudo do presente

relatório de estágio centra-se na averiguação dos mecanismos utilizados pelos jornalistas no processo de verificação de factos da Editoria de Desporto da TVI.

No entanto, Yin (2011, p. 50) alerta para os desafios que podem resultar de uma pesquisa qualitativa. Na sequência do contributo do autor, o principal entrave é criar um tema de estudo, segundo o qual o investigador possa trabalhar e recolher os seus próprios dados. Tal como explica Yin (2011), os investigadores devem recolher os seus próprios dados, com base nos ferramentas de recolha de dados; entrar em contacto com os eventos e as pessoas do mundo real; recolher e anotar os dados obtidos; e, por último, retirar conclusões com base nos dados obtidos.

Existe um outro desafio nas pesquisas qualitativas relacionado com a originalidade do tema. Um estudo original resulta de uma investigação da própria autoria, recorrendo “às suas próprias ideias, frases ou dados” (Yin, 2011, p. 50). O investigador deve procurar realizar um estudo que nunca tenha sido feito anteriormente (Yin, 2011, p. 51). Definido o objeto de estudo e a abordagem metodológica, é importante definir o método de recolha de dados para a concretização do estudo (Yin, 2011, p. 56). A combinação de diferentes métodos de recolha de dados pode ser uma carga de trabalho, mas também pode ser muito enriquecedor para o estudo (Yin, 2011, p. 57). Aliás, segundo Bryman (2012, p. 209), não existem ferramentas de recolha de dados mais adequados do que outros. Da mesma forma, segundo o autor, também nenhuma investigação é descartada por possuir apenas um instrumento de recolha de dados.

De realçar que os investigadores enfrentam ainda um outro desafio relacionado com a saturação dos dados, especialmente quando têm de saber quando é que atingiram a repleção dos dados (Fusch & Ness, 2015, p. 1408). De acordo com Fusch e Ness (2015), não existe um método único para atingir a saturação de dados. Na sequência do raciocínio dos autores, existe a ideia de que a saturação dos dados ocorre quando não existem novos dados ou quando não existe capacidade para replicar o estudo. Tal noção até pode ser útil, mas não fornece evidências sobre a forma como a saturação de dados pode ser alcançada (Fusch & Ness, 2015, p. 1409). Nesse sentido, os autores recomendam analisar os dados em função da sua riqueza e densidade. Os dados ricos correspondem a informações detalhados e

diferenciadas, enquanto que os dados densos agregam uma grande quantidade de informações. Assim, o investigador deve reunir um conjunto de dados significativo, mas com uma grande profundidade e riqueza.

Depois de se ter a percepção dos desafios que a pesquisa qualitativa acarreta, o investigador deve ter acesso a uma fonte primária de dados, como a observação de campo ou entrevista, em vez de estudos efetuados por outros investigadores (Yin, 2011, p. 49). Por este motivo, considerou-se que tanto a observação participante, como as entrevistas não estruturadas são essenciais para responder aos objetivos mencionados no presente relatório de estágio, tal como é explicado no ponto seguinte.

## **2.1. Observação participante**

Nas pesquisas qualitativas, a recolha de dados necessita de uma interação do investigador com os eventos, as circunstâncias e as pessoas do mundo real (Yin, 2011, p. 109). Na sequência do contributo de Yin (2011), percebe-se que a diferenciação das configurações de campo contribui para a obtenção de dados interessantes que se podem tornar objeto de estudos qualitativos. Embora as configurações de campo sejam acontecimentos do mundo real, o autor explica que os investigadores devem procurar manter relacionamentos saudáveis com os diversos intervenientes de campo.

Os dados recolhidos no campo resultam em evidências utilizadas posteriormente nos estudos qualitativos. Por este motivo, Yin (2011, p. 109) considera que a observação participante corresponde a uma ferramenta de recolha de dados essencialmente qualitativa. Na observação participante, os investigadores comprometem-se, durante um período, a observar um ambiente específico, com o intuito de obter uma apreciação cultural e social do objeto em estudo (Bryman, 2012, p. 383). A observação participante, como qualquer outro trabalho de campo, pode ocorrer em casas, locais de trabalho de empresas, na rua ou espaços públicos (Yin, 2011, p. 109).

A observação participante envolve “estabelecer e manter relacionamentos genuínos com outras pessoas e poder conversar abertamente com elas” (Yin, 2011, p. 110, trad. livre). No seguimento deste raciocínio, o desenvolvimento de relações sociais pode ser o principal

desafio do investigador na pesquisa qualitativa. O estágio na TVI é uma experiência de trabalho num ambiente real, em que os jornalistas pautam o seu trabalho em rotinas. Por este motivo, o investigador deve ser cauteloso e “entrar no espaço, no tempo e nas relações sociais” da respetiva organização (Yin, 2011, p. 110, trad. livre). No início da observação, Yin (2011) recomenda prudência aos investigadores e, sobretudo, a capacidade para se adaptar aos eventos. Com mais tempo de observação, o investigador consegue identificar as ocasiões mais adequadas para escolher onde e como se posicionar no terreno.

De acordo com Yin (2011, p. 118), um dos maiores desafios para os investigadores passa por conseguir nutrir relacionamentos com os intervenientes do campo. De acordo com o autor, não basta conseguir acesso aos dados, é necessário gerir um conjunto de relações sociais durante e após o trabalho de campo. Apresentar-se como investigador até pode ser atrativo, mas Yin (2011) explica que se deve procurar, ao mesmo tempo, criar empatia com os intervenientes do campo de pesquisa. Em alguns casos, os investigadores já foram acusados de trair relações de confiança, pelo que se recomenda existir prudência na redação do documento; no modo como será partilhado com os demais; bem como o grau de anonimato, segundo o qual as informações vão ser apresentadas (Yin, 2011, pp. 118-119).

Já na perceção de Davies (1999, pp. 70-71, trad. livre), os investigadores devem estar conscientes sobre o perigo de “se tornarem nativos” (*going native*), uma vez que o seu envolvimento pode comprometer a sua capacidade de analisar e distanciar-se dos padrões locais. Ao negligenciar a identificação objetiva dos padrões, o investigador pode comprometer a validação do estudo (Davies, 1999, p. 84). A validação do estudo implica a existência de uma veracidade ou exatidão nas respostas, já que a confiabilidade resulta da repetição de conclusões idênticas por parte de outros investigadores em circunstâncias de pesquisa semelhantes. No seguimento do contributo da investigadora, é possível que o investigador consiga obter respostas confiáveis a perguntas sobre determinadas atividades, sem que estas reflitam o comportamento dos intervenientes.

As respostas também podem refletir os costumes sociais (o que pensam que deveriam fazer) ou as convenções específicas (o que é apropriado revelar) dos intervenientes (Davies, 1999, p. 84). Desta forma, segundo Davies (1999), a validação dos resultados está

dependente da forma como os dados são interpretados pelo investigador. O investigador consegue decidir sobre a melhor forma de interpretar os resultados da pesquisa, já que teve a oportunidade de conhecer os entrevistados; observar os seus comportamentos; e obter os seus pontos de vista (Davies, 1999, pp. 84-85).

A noção da reflexividade corresponde a um estilo em que o narrador da história também participa nos eventos (Davies, 1999, p. 71). No presente relatório de estágio, procurou-se viver como os membros do local de trabalho. Além da recolha de dados, a função do investigador é descobrir as dinâmicas de trabalho num contexto e ambiente de trabalho específico, como é o caso da Editoria de Desporto da TVI. Durante o período de estágio, tal como refere Davies (1999), não é possível observar todos os eventos de real interesse para a execução do estudo. Por exemplo, não foi possível assistir às reuniões entre os editores e a direção principal de informação da TVI. Além disso, também se desenvolveram relações afetivas com os intervenientes de forma a conseguir dar resposta aos objetivos do presente relatório. Uma quantidade significativa da recolha de informações também pode ser feita através da realização de entrevistas não estruturadas.

## **2.2. Entrevista não estruturada**

A entrevista é provavelmente o método mais utilizado para investigar o mundo das representações sociais (Davies, 1999, p. 94). No entanto, as entrevistas adotadas pelos diferentes investigadores tendem a variar em função do propósito do estudo. Na sequência do contributo da autora, importa referir que as entrevistas realizadas pelos etnógrafos são geralmente não estruturadas e muito próximas de uma conversa informal. De acordo com Yin (2011, p. 134), a entrevista não estruturada distingue-se das restantes através da relação existente entre o investigador e o entrevistado, especialmente porque não segue uma lógica estritamente formal. Embora sejam entrevistas não estruturadas, os investigadores têm em mente um conjunto de tópicos que pretendem explorar, bem como questões que pretendem ver respondidas (Davies, 1999, p. 94). Desta forma, sem estabelecer uma estrutura prévia, Davies (1999) explica que os investigadores direcionam a conversa com a pesquisa em mente. Além disso, as entrevistas não estruturadas ocorrem entre indivíduos que já possuem

uma relação anterior, sendo, por isso, expectável que o relacionamento se mantenha após a realização da entrevista.

Ainda de acordo com Davies (1999, p. 94), as entrevistas não estruturadas diferenciam-se das demais através da existência de um relacionamento partilhado e da consciencialização de uma conexão futura. Segundo Yin (2011, p. 134), as entrevistas não estruturadas não têm uma lista específica de perguntas sobre o assunto. Pelo contrário, o investigador possui uma estrutura mental de tópicos sobre o tema, mas as perguntas diferem em função do contexto, do cenário e do próprio entrevistado. Portanto, o investigador não apresentará um comportamento uniforme em todas as entrevistas realizadas.

Ao contrário das entrevistas estruturadas, as entrevistas não estruturadas possibilitam “interações bidirecionais” (Yin, 2011, p. 134, trad. livre), em que os entrevistados até podem questionar o investigador. A título de exemplo, a interação bidirecional pode ser comprovada através das entrevistas realizadas aos seguintes jornalistas: Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5), João Paiva (2021, cf. Apêndice 4) e Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3). Numa linha de raciocínio corroborante, Bryman (2012, p. 213) considera que este género de entrevista segue um estilo informal, em que as expressões e perguntas variam consoante o entrevistado. Nestas entrevistas, Yin (2011, pp. 134-135) explica que os entrevistados podem ser sinceros em alguns momentos do discurso e envergonhados noutros. É, por este motivo, que as entrevistas não estruturadas requerem uma capacidade intensa para ouvir e um esforço sistemático para compreender o que é dito pelos entrevistados.

As perguntas colocadas durante uma entrevista não estruturada devem ser abertas, já que não interessa ao investigador limitar as respostas dos entrevistados em definições pré-concebidas. Pelo contrário, Yin (2011) defende que se deve incentivar os entrevistados a utilizarem as suas próprias expressões. Este género de entrevista visa a compreender os participantes nos seus próprios termos e processos mentais (Brenner, 2006, p. 357). Um dos principais objetivos da pesquisa qualitativa é “descrever um mundo social complexo a partir da perspetiva do participante” (Yin, 2011, p. 135). Uma noção que serve o propósito deste estudo, dado que se procura perceber a forma como os jornalistas de desporto da TVI

encaram o processo de verificação de factos. Para o efeito, decidimos identificar e justificar a escolha dos entrevistados no ponto seguinte.

### **2.2.1. Seleção dos entrevistados**

De modo a combater algumas lacunas de informação sobre a história da TVI e a respetiva importância da Editoria de Desporto para o canal, revelou-se pertinente entrevistar Joaquim Sousa Martins, que ocupa o cargo de subdiretor de informação do canal e, em simultâneo, o cargo de editor de desporto. A entrevista permitiu ter acesso aos detalhes que não se encontravam disponíveis para consulta, nomeadamente: informações relacionadas com a importância dada pela direção de informação da TVI ao desporto.

Realizou-se uma entrevista ao coordenador da *Hora da Verdade*, Pedro Benevides, com o intuito de perceber as diretrizes do segmento de verificação de factos. Com a mudança na direção do canal, verificaram-se alterações ao nível do funcionamento da informação na TVI, entre as quais: a criação de um segmento de *fact-checking* com a parceria do *Observador*. A escolha de Pedro Benevides justifica-se pela necessidade de perceber a forma como funciona a parceria entre a TVI e o *Observador*. De igual modo, a entrevista também foi benéfica para tentar compreender os critérios utilizados pelos jornalistas no processo de verificação de factos da notícia.

A escolha de Catarina Cardoso, João Paiva e Mary Caiado justifica-se pela necessidade de compreender as representações dos jornalistas de desporto sobre o processo de verificação de factos. Além disso, estes entrevistados permitiram esclarecer algumas questões que se levantaram durante o período de observação, nomeadamente no que respeita à articulação entre a Editoria de Desporto da TVI e a equipa do *Mais Futebol*. Em suma, a seleção dos entrevistados foi feita da forma mais criteriosa possível e com o objetivo de dar resposta às lacunas de informação do presente relatório de estágio.

## II. Enquadramento teórico

### Capítulo 1 - A desinformação e os *media digitais*

#### 1. Definição do conceito de desinformação

A perda da preponderância dos *media* tradicionais, a crescente proliferação de fontes de informação e o alargamento da sua capacidade de influência a nível global, são alguns dos fatores que estão na origem do surgimento da desinformação no atual panorama mediático (ERC, 2019, p. 5). A circulação de falsas narrativas na esfera mediática contribui para a desinformação e conseqüentemente para um sentimento de desconfiança nos cidadãos em relação aos conteúdos produzidos pelos órgãos de informação (ERC, 2019, p. 5).

No entanto, importa esclarecer, em primeira instância, o significado da designação de *fake news*, cuja tradução literal corresponde a notícias falsas. “A expressão amplamente difundida e designada por ‘*fake news*’ é enganadora, tendo aliás sido inicialmente utilizada para denegrir o trabalho dos meios de comunicação social” (ERC, 2019, p. 5). Tal como é referido no relatório da ERC (2019), uma notícia quando é publicada num órgão de comunicação social não pode ser falsa, dado que tem de ser sujeita ao processo de verificação de factos. Aliás, de acordo com a ERC (2019), embora sejam apresentadas como peças noticiosas e incluam excertos de informações presentes nos *media*, as falsas narrativas são concebidas para provocar, de forma intencional, a existência de prejuízos públicos ou a aquisição de benefícios (ERC, 2019, p. 5).

Aliás, as falsas narrativas até podem não incluir conteúdos informativos ilegais, tal como sucederia se o relato incitasse, de forma implícita, ao ódio, violência ou terrorismo, os quais estão submetidos a regulação criminal (ERC, 2019, p. 5). Contudo, a ERC (2019, p. 6) explica também que a desinformação não abrange outros formatos premeditados de distorção de conteúdos, como o discurso satírico. Na sequência do contributo da ERC (2019), a desinformação corresponde aos conteúdos informativos que foram concebidos e projetados para a obtenção de benefícios ou manipulação do público.

Não obstante, a ERC (2019, p. 6) ressalva que a desinformação não inclui os lapsos ocorridos na divulgação das mensagens, análises satíricas ou comentários de opinião, desde que, tal como já foi referido, os assuntos debatidos não sejam ilegais. As falsas narrativas não incluem só informações contraditórias, também contêm excertos informativos pré-fabricados e combinados posteriormente com conteúdos que transcendem o objetivo de informar com rigor. No seguimento da explicação da ERC (2019), estas narrativas resultam da necessidade de ocultar a origem da mensagem dos diferentes movimentos políticos, sociais, desportivos ou religiosos.

A desinformação ocorre a partir da criação de “falsos seguidores, de vídeos manipulados ou fabricados, das comunicações políticas ou comerciais dirigidas, do *trolling* organizado ou dos memes visuais” (ERC, 2019, p. 6). A crescente desinformação está intrinsecamente relacionada com as rotinas e práticas de divulgação dos utilizadores nas plataformas digitais, como a publicação, o comentário e a partilha de conteúdos. Tal como é referido no relatório da ERC (2019), qualquer discussão literária sobre a desinformação deve incluir o respeito e a coerência entre o direito à informação e os princípios da liberdade de expressão e diversificação dos conteúdos informativos no jornalismo. Neste sentido, a desinformação provocou um sentimento de desconfiança nas instituições e nos *media* tradicionais e digitais. A desinformação atingiu um nível extremo, pelo que persistem dúvidas quanto à forma de impedir a criação de falsas narrativas, sobretudo aquelas que prejudicam o funcionamento do sistema democrático (ERC, 2019, pp. 7-8).

## **2. Desinformação: estatísticas internacionais**

No seguimento das alterações do meio digital, Newman, Fletcher, Kalogeropoulos e Nielsen (2019, p. 10) levantam a hipótese de que os *media* não estão a informar devidamente o público sobre a inoperância das instâncias governamentais, o que prejudica a atividade jornalística. No seguimento do contributo dos autores, percebe-se que a problemática mencionada surge não só pela importância dos debates sobre a sustentabilidade do jornalismo, mas também pelo desalento do público face à qualidade das notícias.

O relatório internacional da *Reuters Digital News Report* debruça-se sobre a observação do desenvolvimento do consumo de conteúdos noticiosos nas plataformas *online* nos diferentes países. Ao criarem relatórios de estudo dos *media* internacionais, Newman, Fletcher, Kalogeropoulos e Nielsen (2019) pretendem facultar análises adequadas para os profissionais de comunicação e investigadores académicos. Para o efeito, procederam à aplicação de um inquérito *online* entre o final de janeiro e o início de fevereiro de 2019. De acordo com estes autores, verificou-se um crescimento pouco significativo do número de utilizadores que paga pelo acesso a conteúdos noticiosos *online*. O aumento circunscreve-se apenas a determinados países, especialmente no norte da Europa, em que cerca de 34% dos inquiridos da Noruega e 27% dos participantes da Suécia confirmou que pagam pela consulta de notícias *online*. Por sua vez, nos EUA, a percentagem de inquiridos dispostos a pagar por notícias *online* cifra-se nos 16%. Portanto, o número reduzido de inquiridos dispostos a pagar por notícias *online* pode estar relacionado com o facto da maioria ter optado por utilizar os seus recursos financeiros em plataformas de entretenimento, como a *Netflix* e *Spotify*.

Ao comparar com os resultados registados em 2018, Newman, Fletcher, Kalogeropoulos e Nielsen (2019, p. 10) concluíram que há uma tendência dos inquiridos para passarem menos tempo no *Facebook* e mais tempo no *WhatsApp* e *Instagram*. Na sequência do contributo destes autores, verificou-se que houve um decréscimo de dois pontos percentuais nível de confiança nas notícias, fixando-se nos 42%. Paralelamente, apenas 49% dos inquiridos admitiu confiar nos órgãos de comunicação social que recorre habitualmente para o consumo de notícias. Segundo os mesmos autores, os *media* têm vindo a realizar um trabalho jornalístico eficiente na produção de conteúdos informativos de última hora. Porém, Newman, Fletcher, Kalogeropoulos e Nielsen (2019, pp. 10-11) também explicam que o trabalho jornalístico é, muitas vezes, duvidoso no que respeita à divulgação de mais detalhes. Desta forma, cerca de 65% dos inquiridos admitiu que os *media* foram eficientes na atualização dos assuntos diários. Porém, os autores também verificaram que 51% do total de participantes também considerou que os órgãos de informação nem sempre foram competentes na explicação das notícias.

Newman, Fletcher, Kalogeropoulos e Nielsen (2019, p. 11) detetaram ainda diferenças significativas entre os cidadãos que foram submetidos ao *Reuters Digital News*

*Report* (2019). Para os autores, os cidadãos que possuem um nível de instrução mais elevado têm maior probabilidade de avaliar positivamente os *media*. Por outro lado, também verificaram que os inquiridos com um nível de formação menor avaliaram negativamente os órgãos de informação. Relativamente às pessoas que evitam o consumo de conteúdos informativos, Newman, Fletcher, Kalogeropoulos e Nielsen (2019, p. 11) concluíram que cerca de 58% dos inquiridos respondeu que não vê notícias porque influencia, de forma negativa, o seu estado espírito.

Apesar dos estudos descritivos criarem dados importantes sobre o índice de confiança dos cidadãos nos *media*, Schranz, Schneider e Eisenegger (2016, p. 76) explicam que estas investigações permitem apenas uma comparação limitada entre os diferentes pontos de vista dos inquiridos. Os autores sugerem ainda que os estudos comparativos também se deparam com o problema da subjetividade, dado que os inquiridos associam fatores distintos para se referirem à confiança dos cidadãos nos *media*. Em oposição, Tsfatí e Cappella (2003) exploraram uma possível associação entre a confiança nos *media* e os padrões de exposição do público. Os autores introduziram indicadores para determinar a confiança dos inquiridos nos órgãos de informação. No que respeita aos micro indicadores, os efeitos abrangem fatores sociodemográficos (como o género, idade e habilitações), atitudes específicas (como as opiniões) e modo de consumo dos *media* (como a intensidade da utilização e preferências ao nível do formato) por parte dos inquiridos. Em relação aos macro indicadores, existem os fatores motivacionais (como políticas de interesse, conhecimento e extremismo) que podem interferir no nível de confiança dos inquiridos sobre (Tsfatí & Cappella, 2003, pp- 506-511).

De acordo com Schranz, Schneider e Eisenegger (2016, pp. 76-77), os cidadãos que têm tendência para confiar nas instituições governamentais também confiam nos órgãos de informação. Em sentido inverso, os autores também explicam que os cidadãos mais conservadores ou radicais desconfiam dos meios de comunicação social e encaram as notícias como conteúdos pouco rigorosos. Concluiu-se que os inquiridos tendem a confiar nos órgãos de informação que mais consomem. Deste modo, o consumo habitual de notícias tem um efeito positivo na confiança dos cidadãos sobre os meios de comunicação social.

## 2.1. Desinformação: o caso específico de Portugal

Após serem obtidos os resultados do *Reuters Digital News Report*, percebeu-se que o índice de confiança nas notícias desceu quatro pontos percentuais, fixando-se nos 58%. Newman, Fletcher, Kalogeropoulos e Nielsen (2019, p. 103) apontam a crescente desinformação como fator explicativo para essa redução face ao ano de 2018. Porém, entre os dados estatísticos presentes no relatório da *Reuters* em 2019, verificou-se que os leitores portugueses são daqueles que mais acreditam nas notícias veiculados pelos *media*. Segundo estes autores, no que concerne ao índice de confiança nos conteúdos divulgados pelos *media*, Portugal ocupa a segunda posição num total de 38 países envolvidos.

Com o auxílio de alguns investigadores do *Centro de Investigação e Estudos de Sociologia*<sup>1</sup> (CIES/ISCTE), Newman, Fletcher, Kalogeropoulos e Nielsen (2019) constataram que a RTP permaneceu como o órgão de informação mais credível. Ainda que o *Correio da Manhã* corresponda ao meio de comunicação com menor credibilidade, continua a ser amplamente consultado no jornal impresso e no *online*. Atendendo à perceção de uma crescente proliferação de falsas narrativas, foram realizados diversos debates eleitorais para a definição de medidas de prevenção e combate à desinformação a nível nacional e europeu (Newman, Fletcher, Kalogeropoulos & Nielsen, 2019, pp. 102-103). Para uma melhor compreensão do conceito de desinformação, a ERC (2019) elaborou um relatório: «*Desinformação - Contexto Nacional e Europeu* (2019)», com base em evidências para informar os elementos presentes nos respetivos debates. Já existiram outras iniciativas, como o lançamento de um jornal digital dedicado à verificação de factos, como *O Polígrafo*.

---

<sup>1</sup> **Nota explicativa** - Desde 2015, o *Reuters Digital News Report* possui um protocolo de colaboração com os investigadores do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES). Refere-se que, na edição de 2019, participaram os assistentes de investigação do CIES: Ana Martinho, Miguel Paisana e o coordenador da equipa de investigadores, Gustavo Cardoso.

### 3. Lógica de desinformação nos *media* digitais

Atualmente, as plataformas digitais são essenciais para a execução das diferentes etapas do trabalho jornalístico. De acordo com Echeverri, Romero-Rodríguez e Pérez-Rodríguez (2018, p. 297), à medida que os jornais se solidificaram no meio digital também houve um estreitamento da sua relação com o público. Para os autores, a migração dos jornais impressos para o meio digital foi feita através da criação de conteúdos criativos e inovadores para os leitores. Numa linha de raciocínio corroborante à perspectiva anterior, Rodriguez, Moreno e Toukoumidis (2016, p. 92) explicam que as notícias estão a atravessar um processo de metamorfose devido ao surgimento dos *media* digitais. Estes autores revelam ainda que os portões de informação não seguem uma circulação de informação semelhante àquela que ocorre nos *media* convencionais.

Já na perspectiva de Echeverri, Romero-Rodríguez e Pérez-Rodríguez (2018), a opção por um ambiente digital resulta da tendência dos *media* para responder ao imediatismo dos acontecimentos noticiosos. Atualmente, e tendo em consideração que as plataformas digitais passaram a estar mais presentes na vida dos leitores, houve um investimento dos jornais nas plataformas digitais. No ambiente digital, os *media* que seguem, de forma incessante, a lógica do imediatismo acabam por criar conteúdos informativos pouco rigorosos (Echeverri, Romero-Rodríguez & Pérez-Rodríguez, 2018, pp. 297-298). A título de exemplo, Rodriguez, Moreno e Toukoumidis (2016) consideram que as informações pseudos-jornalísticas são projetadas para se tornarem virais nas redes sociais e provocarem a desinformação generalizada. Além disso, tal como refere Palau-Sampio (2016, p. 63), há meios de comunicação social que selecionam conteúdos de caráter sensacionalista devido à necessidade de ampliar o número de cliques das notícias *online*.

À semelhança de Palau Sampio (2016), Echeverri, Romero-Rodríguez e Pérez-Rodríguez (2018) também defendem que existem órgãos de comunicação que procuram aumentar o número de cliques. Sequencialmente, os autores dão o exemplo do *BuzzFeed*, um meio que procura criar conteúdos virais com títulos apelativos nas redes sociais *online*. Na prática, a estratégia até parece funcionar, já que o *BuzzFeed* surge no 46º lugar na lista dos órgãos de comunicação social mais consultados, enquanto que o *Washington Post*

aparece na 48ª posição (Echeverri, Romero-Rodríguez & Pérez-Rodríguez, 2018, pp. 297-298). Na perspectiva de Palau-Sampio (2016, p. 63), o *clique-bating* resulta de uma estratégia de produção de conteúdos virais que tem vindo a tornar-se uma prática recorrente dos meios de comunicação social. Uma estratégia que, segundo o autor, não corresponde à missão do jornalismo enquanto serviço público e difusor de informação credível.

Numa outra perspectiva, Rodriguez, Moreno e Toukoumidis (2016) consideram que o conteúdo sem valor informativo está intimamente conectada à convivência do público, cuja propensão para acreditar em falsas narrativas é bastante elevada. Além disso, tal como referem os autores, a proliferação de conteúdos com reduzido valor informativo pode incomodar os utilizadores e provocar reações adversas nas plataformas *online*, afetando a reputação e credibilidade dos *media*. Já na perspectiva de Vosoughi, Roy e Aral (2018), o principal problema está nos utilizadores das plataformas digitais. Os investigadores defendem que os utilizadores das redes sociais *online* procedem deliberadamente à divulgação de falsas narrativas. Porém, Vosoughi, Roy e Aral (2018) também explicam que existem utilizadores que divulgam conteúdos nas redes sociais por falta de instrução mediática. Aliás, numa linha de raciocínio corroborante, Echeverri, Romero-Rodríguez e Pérez-Rodríguez (2018, p. 298) também consideram que a divulgação de informações imprecisas nem sempre resulta de uma estratégia premeditada. Os autores defendem que, por vezes, os cidadãos não têm capacidade para diferenciar os conteúdos noticiosos daqueles que são facilmente manipulados.

Devido à perceção de uma crescente desinformação, Rodríguez, Moreno e Toukoumidis (2016, p. 94) defendem que a filtragem de conteúdos se tornou um processo demorado e complexo para os jornalistas. Atendendo aos longos processos de espera para a confirmação dos dados, os autores defendem que a ausência de mecanismos de pesquisa de informações credíveis contribuiu, de alguma forma, para a desinformação. Na mesma linha de raciocínio, Echeverri, Romero-Rodríguez e Pérez-Rodríguez (2018) também sugerem que a utilização das redes sociais aumentou a necessidade de existir uma maior instrução mediática. Apesar do aumento do número de críticas sobre a credibilidade das plataformas digitais, os autores defendem que as redes sociais continuam a ser uma fonte de informação importante e útil para o trabalho dos jornalistas. Neste sentido, estes investigadores apelam

à criação de formações técnicas para os jornalistas, com o intuito de identificarem fontes digitais credíveis (Echeverri, Romero-Rodríguez & Pérez-Rodríguez, 2018, pp. 298-299).

De acordo com alguns autores (Amazeen, 2017; 2018; Amazeen, Thorson, Muddiman & Graves, 2016), os utilizadores das redes sociais selecionam e interpretam as informações com o intuito de confirmarem as suas convicções. Nesse sentido, o efeito da desinformação nas audiências revela-se muito difícil de contrariar. Para Echeverri, Romero-Rodríguez e Pérez-Rodríguez (2018, p. 300), a atividade jornalística implica que os profissionais consolidem técnicas profissionais para dar resposta aos obstáculos presentes nas diferentes plataformas dos *media*. Por exemplo, entre as diferentes competências, estes autores evidenciam o domínio das novas tecnologias para a produção de conteúdos e a apropriação de técnicas avançadas de escrita nos diferentes formatos e géneros jornalísticos. Para Rodriguez, Moreno e Toukoumidis (2016, p. 94), o domínio das novas tecnologias por parte dos jornalistas deve-se à constante transformação da esfera mediática. Tendo em conta o excesso de conteúdos informativos, os jornalistas continuam atentos aos acontecimentos da sociedade contemporânea nas diferentes plataformas de informação, com destaque para o digital (Echeverri, Romero-Rodríguez & Pérez-Rodríguez, 2018, p. 300).

### **3.1. Cultura de partilha nos *media* digitais**

A divulgação de falsas narrativas não pode deixar de estar associada à rápida evolução do meio digital (ERC, 2019). Relativamente à divulgação em massa dos conteúdos informativos, a difusão dos conteúdos informativos é realizada através da automatização dos algoritmos na rede *online* e a partir dos conteúdos partilhados pelos utilizadores nas plataformas digitais (ERC, 2019, p. 39).

A equipa de investigadores do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), composta por Vosoughi, Roy e Aral (2018), explica que as falsas narrativas atingem grandes quantidades de utilizadores devido ao rápido processo de partilha de conteúdos existente no *Twitter*. Aliás, as falsas narrativas têm maior probabilidade de serem partilhadas do que os conteúdos informativos verificados. Na sequência do contributo destes investigadores, ao contrário dos conteúdos noticiosos rigorosos, as falsas narrativas atingem mais rapidamente

o público-alvo. De acordo com a ERC (2019, p. 40), a simplicidade da navegabilidade das redes sociais; a rápida distribuição das mensagens; e a abrangência das plataformas de interação social são apontadas como as principais vantagens estratégicas dos responsáveis pela proliferação de falsas narrativas. Num total de 126 mil narrativas circuladas a partir do *Twitter*, Vosoughi, Roy e Aral (2018) descobriram que, em cerca de 95% das ocasiões, os julgamentos pessoais dos utilizadores sobrepunham-se aos factos reais.

Aliás, tal como referido no relatório da ERC (2019), a utilização das redes sociais propicia a existência de discussões acesas entre os diferentes grupos de utilizadores. As plataformas de interação social são caracterizadas pela ERC (2019, p. 39) como ilhas isoladas num extenso mar de informação. Além disso, há uma propensão dos utilizadores para acreditar nos conteúdos que reforçam as suas crenças pessoais. Na investigação levada a cabo pela ERC (2019, p. 39), os utilizadores portugueses confessaram o seu desconhecimento relativamente ao processo de seleção e verificação das informações que circulam nas redes sociais.

De acordo com Cardoso, Baldi, Pais, Paisana, Quintanilha e Couraceiro (2018), apenas 24% dos utilizadores portugueses sabem que as notícias que circulam no *Facebook* estão relacionadas com a presença de um algoritmo que determina as publicações de interesse dos utilizadores. Perante o desconhecimento dos utilizadores face ao processo de seleção de conteúdos nas plataformas digitais, os autores do relatório da *OberCom*<sup>3</sup> (2018) indicam que os utilizadores não têm a perceção de que estão fechados numa “bolha de informações” (Cardoso, Baldi, Pais, Paisana, Quintanilha & Couraceiro, 2018, p. 11). Estes autores concluíram que as perceções existentes nas “bolhas de informação” tendem a corroborar as próprias crenças e convicções dos utilizadores. Desta forma, são criados pontos de vista monolíticos sobre as temáticas da sociedade atual. Nesse sentido, ao recolher os

---

<sup>3</sup> **Nota explicativa** - A *OberCom*, diminutivo de *Observatório de Comunicação*, é uma organização sem fins lucrativos, cujo objetivo central centra-se na realização de investigações e análises sobre os intervenientes e as organizações inerentes à esfera mediática em Portugal (*OberCom*, 2019). Os estudos podem ser realizados através de iniciativa própria do *Observatório da Comunicação* ou a partir de protocolos com organizações nacionais e internacionais (*OberCom*, 2019). [Retrieved from: <https://obercom.pt/homepage/investigacao/>]

interesses dos utilizadores a partir das suas rotinas diárias *online*, as redes sociais tendem a mostrar um conjunto de assuntos de interesse comum com os amigos daquela rede social (Cardoso, Baldi, Pais, Paisana, Quintanilha & Couraceiro, 2018, pp. 11-12).

No relatório elaborado pela ERC (2019), as redes sociais são apelidadas de “solos férteis” (p. 41) devido à sua propensão para maximizar a divulgação de falsas narrativas. Por este motivo, a ERC (2019) explica que a partilha diária de conteúdos pouco rigorosos contribui para a crescente desinformação. Sequencialmente, a ERC (2019, p. 42) também defende que os utilizadores atribuem automaticamente credibilidade às fontes que representam, segundo as suas próprias crenças pessoais, uma verdade universal. Ao partilharem conteúdos nas redes sociais, os utilizadores devem questionar-se quanto à credibilidade da fonte, ao rigor dos factos informativos e aos interesses intrínsecos para a respetiva divulgação (ERC, 2019, p. 42). Tal conceção foi esclarecida no vídeo de Vosoughi, Roy e Aral (2018), a partir do qual foi explicado que as falsas narrativas são consideradas pelos utilizadores das redes sociais como novidades, o que resulta numa maior partilha de informações. Tal como consta no relatório da ERC (2019), a multiplicação de conteúdos nas redes sociais permitiu aos utilizadores atribuir um determinado grau de rigor a organizações, cujos interesses não se coadunam com os princípios que regem a atividade jornalística. Cabe, por isso, à entidade reguladora dos *media* salvaguardar os cidadãos dos conteúdos que, embora aparentem ser notícias, carecem de factos rigorosos e verificados.

Ao abranger grandes quantidades de informação, as redes sociais alcançam instantaneamente os utilizadores que procuram o imediatismo dos acontecimentos (ERC, 2019, p. 42). Portanto, tal como refere a ERC (2019), conclui-se que existe uma probabilidade muito maior dos utilizadores para consultarem os conteúdos que corroboram as suas convicções. No que concerne às plataformas utilizadas para o acesso à informação, Cardoso, Baldi, Pais, Paisana, Quintanilha e Couraceiro (2018, p. 42) verificaram que cerca de 74% dos inquiridos admitiu consultar as estações televisivas para obter informação. Porém, 63% dos inquiridos confessa ter visualizado os conteúdos noticiosos através das redes sociais *online*. Para os autores, é possível compreender a preponderância das redes sociais *online* quando aproximadamente 43% dos inquiridos assume que as plataformas digitais constituem o principal meio para o acesso às notícias de maior destaque.

A título de curiosidade, Cardoso, Baldi, Pais, Paisana, Quintanilha e Couraceiro (2018, p. 48) verificaram que apenas 51% dos utilizadores do *Facebook* admitiu que costuma clicar frequentemente em *links* para aceder aos detalhes dos conteúdos informativos. No seguimento do contributo destes autores, percebe-se que os dados expõem a importância das redes sociais no acesso à informação. Desconhece-se, porém, a veracidade dos conteúdos consultados pelos utilizadores, tal como explicam os autores. Para a ERC (2019), a perceção de uma crescente multiplicação de falsas narrativas provocou o surgimento de um debate intenso sobre o processo de *fact-checking*. Tal como conta no relatório da ERC (2019), os verificadores de factos assumem-se, de alguma forma, como produtores de narrativas quando são responsáveis por classificar e avaliar as declarações dos intervenientes da esfera mediática. A atribuição do poder de decisão sobre a veracidade ou falsidade dos conteúdos que proliferam na rede *online* e, conseqüentemente, nos *media* tradicionais deve ser investigado (ERC, 2019, pp. 46-47).

Já na perspectiva de Graves (2013), o fenómeno emergente do *fact-checking* deve ser visto como a resposta do jornalismo profissional aos desafios colocados pela proliferação de informações na *Internet*, especialmente nos *blogs* e nas redes sociais. Este autor argumenta que os verificadores de factos se distinguem dos *bloggers* através da publicação de relatórios altamente rigorosos e cumpridores das normas jornalísticas. Os verificadores de factos operam como intermediários do interesse público, pelo que a partilha do seu trabalho tem de provocar influência e tráfego *online*. Porém, os verificadores de factos também procuram cultivar relações formais e informais com agências de notícias, jornais e outras plataformas *online* (Graves, 2013, pp. 292-293).

## Capítulo 2 - O facto, a verdade e a objetividade jornalística

### 1. Conceção do significado de facto

A noção de facto tem vindo a ser alvo de inúmeras reflexões filosóficas ao longo da história. O conceito em questão também está interligado com o jornalismo, na medida em que o facto corresponde a um sistema de conhecimento que, à semelhança das ciências tecnológicas, reivindica a realidade (Sponholz, 2009, p. 56). Contudo, nos momentos em que se discute a objetividade do jornalismo, verifica-se que a imprecisão linguística continua a ser utilizada, especialmente quando a expressão - “isto é um facto” - passa a ser sinónimo de um evento real (Sponholz, 2009, p. 56).

Ao socorrer-se do *Oxford English Dictionary*, Johnston (2004) explica que a designação de facto surge pela primeira vez em meados do século XVI, sendo posteriormente utilizada como referência às ações, tal como é possível verificar na citação do Dicionário de 1545: “esse facto divino”<sup>4</sup> (Johnston, 2004, p. 278). No seguimento do contributo do autor, o facto foi frequentemente utilizado como um ato ou crime malicioso durante os séculos XVI e XVII. Cem anos após o seu aparecimento, o conceito de facto adquiriu um significado mais abrangente. No dicionário atual, o termo facto é visto como:

*“Algo que realmente aconteceu ou é realmente o caso; algo certamente conhecido por ter esse carácter; portanto, uma verdade particular conhecida através de uma observação real ou de um testemunho autêntico, em oposição a uma conjectura ou ficção”* - (Johnston, 2004, p. 279, trad. livre).

A partir da definição apresentada, Johnston (2004) identifica dois significados distintos: no primeiro, o facto corresponde a um evento ou uma ocorrência; no segundo, a expressão designa uma verdade subjetiva obtida através da observação em tempo real. Em síntese, Johnston (2004, p. 279) não ficou muito esclarecido quanto aos significados apresentados, optando por deixar este aspeto sem uma análise reflexiva mais profunda. Não

---

<sup>4</sup> «(...) *that divine fact* (...)» - (Johnston, 2004, p. 278).

obstante, o facto também pode ser definido através de uma perspetiva ontológica ou epistemológica. A partir de uma dimensão ontológica, Langer (1933, p. 185) defende que os factos não são objetos reais. Este autor considera os factos como recortes aproximados da realidade, ou seja, correspondem a uma perspetiva sobre um acontecimento. Walsh (1943) parte de uma observação epistemológica para defender que os factos correspondem ao conhecimento qualificado; e identificam, em simultâneo, proposições verdadeiras sobre a realidade. Segundo a perspetiva epistemológica, os factos resultam da captação dos estímulos exteriores, formando, posteriormente, o designado conhecimento qualificado (Walsh, 1943, pp. 649-650).

Com base numa dimensão mais comunicativa, Johnston (2004, p. 278) constata que o facto provém da expressão em latim *factum*, particípio passado do verbo «fazer». Ao explorar a dimensão comunicativa do termo, Sponholz (2009) recorre à expressão de Aristóteles, “contra factos não há argumentos” (p. 4), para explicar que um facto também pode ser visto como um ato de comunicação. Esta expressão é amplamente utilizada pelos jornalistas para demonstrar que a informação relatada corresponde à realidade (Sponholz, 2009, p. 58). Porém, a autora também explica que a expressão mencionada necessita de uma alteração: “contra factos só há possibilidade de verificação” (Sponholz, 2009, p. 59). De acordo com a investigadora, a falta de consenso quanto à definição do conceito de facto permitiu que o termo fosse utilizado indevidamente como sinónimo de algo óbvio e real. O termo facto pode ser definido consoante diferentes perspetivas, pelo que o debate entre a dimensão ontológica, epistemológica e comunicativa parece não reunir consenso entre os investigadores (Sponholz, 2009; Walsh, 1943; Langer, 1933).

### **1.1. Acontecimentos, notícias e factos jornalísticos**

Antes de se operacionalizar o conceito de facto jornalístico, importa distinguir os acontecimentos das notícias. De acordo com Sponholz (2009, p. 61), o facto tem vindo a ser utilizado na linguagem corrente como um sinónimo de acontecimento e notícia. Segundo Rodrigues (2001), “o acontecimento situa-se algures na escala de probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização” (p. 98). No jornalismo, e na perspetiva deste autor, quanto maior for a imprevisibilidade do

acontecimento, maior será a possibilidade de se tornar notícia. A título de exemplo, o autor explica que, na eventualidade de um cão ferrar os dentes a uma pessoa, esse acontecimento não reúne os requisitos necessários para se tornar uma notícia. No entanto, se for uma pessoa a morder um cão, entra-se no campo do insólito e torna-se um acontecimento passível de ser notícia (Rodrigues, 2001, pp. 98-99).

Os acontecimentos jornalísticos possuem uma natureza especial, distinguindo-se dos demais através de uma classificação que Rodrigues (2001) apelida por “escala de probabilidades” (p. 99). Já na perspectiva de Sponholz (2009, p. 61), os acontecimentos são encarados, em simultâneo, como a “matéria-prima” e o “produto” da atividade jornalística. Ao se referir ao acontecimento como matéria-prima do jornalismo, esta autora defende que os jornalistas trabalham diretamente com recortes da realidade - perspectiva que remete para a dimensão ontológica defendida por Langer (1933) -, em que os acontecimentos são objetos de uma proposição. Por outro lado, ao examinar os acontecimentos como o resultado do jornalismo, Sponholz (2009, p. 61) defende que os conteúdos noticiosos apresentados ao público resultam de uma verdade alternativa. Porém, Rodrigues (2001) rejeita a teoria de que os factos e os acontecimentos possam ser utilizados como sinónimos. Para este autor, os factos correspondem aos fenómenos experienciados pelas pessoas, já os acontecimentos narram os factos que posteriormente são transformados em notícias. Em síntese, na análise de Rodrigues (2001), os factos, por si só, não podem ser comunicados, dado que só as pessoas envolvidas podem experienciar.

Relativamente ao conceito de notícia, Buozis e Creech (2017, p. 3) revelam a existência de relações sociais e significados culturais mais amplos do mundo real que interferem no processo de construção dos conteúdos noticiosos. Na perspectiva destes autores, as notícias não correspondem exatamente ao que aconteceu. Pelo contrário, expõem uma documentação observada da realidade. De acordo com Cornu (1994, p. 75), a notícia não reproduz mais do que um pequeno fragmento do conhecimento real, que indica os acontecimentos que são passíveis de interesse público. Aliás, Sponholz (2009, p. 61) defende que as notícias resultam da compilação de informações recolhidas no mundo real e que são posteriormente adaptadas à atividade jornalística.

Por considerar que os jornalistas trabalham essencialmente com recortes da realidade, Sponholz (2009, p. 67) explica ainda que os factos jornalísticos até podem ter credibilidade, mas não correspondem a reproduções reais dos acontecimentos. Para Rodrigues (2001, pp. 98-101), os factos não podem ser construídos, já os acontecimentos podem ser relatados. Nesse sentido, de acordo com o autor, torna-se impossível aos leitores experienciarem os factos que foram transformados em acontecimentos jornalísticos. Porém, Rodrigues (2001, pp. 98-101) acredita que os factos jornalísticos resultam de um processo de construção da notícia ditado pela perspetiva do jornalista. Além disso, Hermida (2012, p. 661) destaca uma ligação intrínseca entre o conceito de facto jornalístico e verdade. Ao explorar a influência das redes sociais na verificação de factos, Hermida (2012) refere ainda que os jornalistas determinam a verdade e a precisão dos factos noticiosos quando têm autoridade para analisar objetivamente a realidade.

## **2. O jornalismo e a reivindicação da verdade**

Alguns investigadores apontam para uma ligação intrínseca entre o conceito de “verdade” e a prática do jornalismo (Birks, 2019; Hermida, 2012; Schudson & Anderson, 2008). Para Zelizer (2004, p. 104), os jornalistas têm a presunção de que servem como veículos de informação que procuram a verdade dos acontecimentos. Sequencialmente, a autora sugere que os jornalistas alegam que têm capacidade para interpretar e representar a realidade sem qualquer distorção de conteúdo. De acordo com Hermida (2012, p. 661), os jornalistas determinam a verdade e a precisão dos factos noticiosos quando têm jurisdição para analisar objetivamente a realidade e reivindicar uma certa autoridade.

Já na perspetiva de Schudson e Anderson (2009), a capacidade de representar a “verdade” permite aos jornalistas reivindicar uma certa autoridade que lhes permite estabelecer uma jurisdição profissional sobre as notícias. Na visão destes autores, a reivindicação da “autoridade jurisdicional” (Schudson & Anderson, 2009, p. 88) acaba por confundir a objetividade com o profissionalismo dos jornalistas. Sequencialmente, os autores explicam que a objetividade jornalística só pode ser obtida através da simbiose entre o profissionalismo e a procura da verdade (Schudson & Anderson, 2009, p. 89).

A definição de autoridade jurisdicional do jornalista está longe de gerar consenso entre os investigadores (Hermida, 2012; Schudson & Anderson, 2009; Zelizer, 2004). De acordo com Hermida (2012, p. 661), a autoridade jornalística resulta da utilização legítima de um discurso coeso e de práticas jornalísticas transparentes, em vez do simples conhecimento dos jornalistas. Já na perspectiva de Schudson e Anderson (2009, p. 89), a autoridade jurisdicional refere-se à forma como os jornalistas utilizam o respetivo conhecimento para procurar a verdade dos factos. Por outro lado, Zelizer (2004, p. 104) explica que o jornalismo reivindica a realidade dos factos como essencial para manter uma distinção clara entre o jornalismo e outros domínios do discurso público.

Ao explorar os desafios que a rede *online* coloca à identificação profissional dos jornalistas, Singer (2003) também destaca que o “compromisso com a verdade sobre a novidade ou conveniência é uma norma profissional essencial” (p. 157, trad. livre) do jornalismo. Para Zelizer (2004, p. 101), não é surpresa que o conceito de verdade esteja associado ao jornalismo, especialmente quando há o dever de garantir a precisão das informações recolhidas. Na *Declaração de Munique* de 1971, a verdade foi colocada como um dos deveres profissionais do jornalista. Aliás, Cornu (1994, p. 75) explica que o dever primordial do jornalista é respeitar a verdade, independentemente das consequências que resultem para o próprio. Sequencialmente, o autor pressupõe também que as informações dadas sejam exatas ou, no mínimo, muito próximas da realidade; caso contrário, a informação deixa de ser credível e assemelha-se a uma mentira ou à manipulação do público.

De acordo com a *Declaração de Munique* (1971), o dever número um do jornalista é “respeitar a verdade, sejam quais forem as consequências que daí advenham para si próprio, e isto como consequência do direito do público a conhecer a verdade” (Sindicato dos Jornalistas, 2010b). Com o intuito de explicar a verdade como um dever fundamental do jornalista, Cornu (1994) sugere que “se informar é pôr em forma”, então é indispensável que “esse pôr em forma não seja uma traição de conteúdo” (p. 75). Em oposição, o autor também explica que se trata de uma adulteração da mensagem para o público, em vez da credibilização do jornalismo. Já na perspectiva de Singer (2007, p. 83), a verdade é a versão de um mundo em que as informações subsequentes não podem ser desacreditadas.

Para Cornu (1994, p. 75), a verdade pressupõe uma recolha e demonstração de factos ocultos ou a descoberta de uma representação da realidade. A distinção de Cornu (1994) ajuda a clarificar a existência do conceito de verdade nos diferentes códigos deontológicos da atividade jornalística. Por exemplo, entre os direitos e deveres do jornalista, o Conselho de Imprensa Suíço (*Conseil Suisse de la Presse - CSP*) estipula que a procura pela verdade está no centro de qualquer notícia. Os jornalistas que tenham acesso a todos os dados disponíveis têm de respeitar a integridade dos documentos, a verificação e a respetiva retificação da informação em caso de erro (CSP, 2017).

O Conselho de Imprensa Alemão (*Deutsche Presseratp - DP*) prevê que o “respeito pela verdade, a defesa da dignidade humana e a prestação de uma informação honesta ao público sejam as principais prioridades da imprensa”<sup>5</sup> (DP, 2017, trad. livre). Já o Sindicato Nacional de Jornalistas da Grã-Bretanha (*Nation Union Journalists - NUJ*) adota um estilo mais pragmático ao se esforçar para “garantir que a informação disseminada é transmitida de forma honesta, precisa e justa” (NUJ, 2011, trad. livre).

A Sociedade Profissional de Jornalistas (*Society of Professional Journalists - SPJ*) dos Estados Unidos da América defende que “os jornalistas devem ser honestos e corajosos na recolha, no relato e na interpretação das informações” (SPJ, 2014, trad. livre). De acordo com a SPJ (2014), os jornalistas estão ainda obrigados a assumir a responsabilidade do seu trabalho, comprometendo-se a verificar as informações antes de serem divulgadas, bem como dar preferência, sempre que possível, às fontes originais.

De acordo com a Declaração da UNESCO (1983), o jornalista deve prestar “uma informação verídica e autêntica através de uma dedicação honesta à realidade objetiva e de uma exposição responsável dos factos no seu devido contexto, destacando as suas relações essenciais” (Sindicato dos Jornalistas, 2010a). As abordagens divergem em função do país e do órgão de informação. Porém, segundo Cornu (1994, p. 76), a “verdade”, a “objetividade” e a “exatidão” são uma constante nos códigos de conduta do jornalismo.

---

<sup>5</sup> «Die Achtung vor der Wahrheit, die Wahrung der Menschenwürde und die wahrhaftige Unterrichtung der Öffentlichkeit sind oberste Gebote der Presse» - (DP, 2017).

## 2.1. Verdade e objetividade no jornalismo

À semelhança de Cornu (1994), a pesquisa transnacional comparativa de Birks (2019, p. 16) permite à autora concluir que alguns dos códigos de ética de jornalismo espalhados pelo mundo consideram a “objetividade, exatidão e verdade” como normas fundamentais. Porém, Birks (2019) também sugere que a interpretação dos jornalistas sobre as normas deontológicas mostra alguma variação, especialmente quando se trata de um compromisso que envolve ou exclui julgamentos profissionais. Após questionar jornalistas de 18 países diferentes, a autora sugere que os jornalistas do Ocidente tendem a reprovar a parcialidade, enquanto os profissionais de jornalismo da Turquia permanecem mais reticentes sobre este aspeto da cultura jornalística.

Após a aplicação do inquérito de Birks (2019), concluiu-se que houve uma maior concordância com a afirmação “eu faço reivindicações apenas se forem substanciadas por evidências concretas e fontes confiáveis” (p. 16, trad. livre). De seguida, embora as reivindicações fossem sustentadas por evidências, a autora também explica que podem ser contestadas por intervenientes com interesses e motivações distintas. Aliás, os jornalistas não têm uma epistemologia filosófica concreta. Pelo contrário, os profissionais de jornalismo possuem um conjunto de práticas que acreditam poder operacionalizar a objetividade. Na pior das hipóteses, a investigadora refere que os jornalistas interpretam a objetividade como a remoção da voz subjetiva do profissional (Birks, 2019, pp. 16-17).

Ao analisar a relação entre os conceitos de objetividade e subjetividade com a verdade, Muñoz-Torres (2012, p. 577) encontra semelhanças em ambos os casos. Por um lado, o autor considera que a objetividade se assemelha à verdade do acontecimento, quando este é do conhecimento público. Por outro lado, Muñoz-Torres (2012) também argumenta que a subjetividade tem o efeito contrário quando tenta restringir a verdade dos factos a uma mera perceção subjetiva do indivíduo ou do grupo. Em síntese, o investigador defende que a verdade não pode ser reduzida a qualquer observação empírica ou crença subjetiva.

Embora o conceito de verdade esteja a ser associado à verificação de factos, Dobbs (2012) considera que o público encara esta prática como uma procura incessante pela verdade, quando é apenas uma “noção redutora da realidade” (p. 3, trad. livre). Aliás,

Michael Dobbs, fundador do *Washington Post Fact Checker*, considera a verificação de factos como uma correção à interpretação da objetividade, utilizada pelos jornalistas como um símbolo da verdade. Apesar de existir o dever de ouvir todos os lados da história, o autor defende que os profissionais não são obrigados a dar a mesma credibilidade a todos os intervenientes. No seguimento do contributo de Dobbs (2012), percebe-se que os verificadores de factos recorrem ao bom-senso e à experiência para descartar algumas declarações e destacar outras.

Além disso, Birks (2019, p. 18) também sugere que a verificação de factos faz parte de uma tradição iniciada no jornalismo de investigação, que se baseou em métodos de verificação cruzada de menor dimensão. Para a autora, o jornalismo de investigação destaca normalmente os problemas encontrados pelos impotentes e baseia-se nos testemunhos dos entrevistados para consciencializar o público. Já a verificação de factos foi vista pela investigadora como uma forma de responsabilizar os intervenientes políticos pelas declarações proferidas no espaço mediático. Deste modo, a verificação de factos até pode ser interpretada como uma expressão dos princípios do jornalismo, mas entra em choque com a prática convencional, sobretudo no que respeita as normas éticas da atividade. A investigadora explica ainda que os intervenientes políticos encaram a verificação de factos como uma prática tendenciosa que coloca em causa o jornalismo (Birks, 2018, p. 18).

### **3. Os quatro procedimentos objetivos do jornalista**

Para Traquina (2002, p. 143), nenhum outro valor no jornalismo tem sido alvo de tanta discussão, crítica ou falta de compreensão como a objetividade. Rodrigues (2002) critica esta distinção ao considerar que a diferenciação entre objetividade e subjetividade é demasiado simplificadora. Segundo Traquina (2002), a objetividade jornalística não corresponde à negação da subjetividade. Pelo contrário, o autor acredita que se trata da aceitação de um conjunto de procedimentos que os jornalistas utilizam para assegurar uma determinada credibilidade e se protegerem de futuras críticas. Os jornalistas acreditam que conseguem evitar “possíveis processos de difamação ou repressões dos seus superiores” (Traquina, 2002, p. 143) ao realizarem um trabalho objetivo da realidade.

Na prática, Traquina (2002) defende que os jornalistas realizam um trabalho assente em procedimentos objetivos e que se mantém fiéis ao discurso para salvaguardarem a sua credibilidade. Nesse sentido, Tuchman (1972, pp. 664-670) identificou quatro procedimentos assentes na objetividade que são indispensáveis para a construção da notícia: (1) apresentação de possibilidades; (2) apresentação de provas auxiliares; (3) utilização das aspas; e (4) estruturação da informação.

Para Tuchman (1972), os jornalistas encaram as afirmações dos intervenientes como factos, mesmo que não correspondam à verdade. Esta situação cria, na opinião da autora, dúvidas quanto à credibilidade do jornalista, já que o leitor quer descobrir se as afirmações correspondem efetivamente à verdade. Nestes casos, Tuchman (1972, p. 664) defende que o leitor acusa o jornalista de parcialidade, mesmo que não consiga determinar se aquilo que foi dito corresponde efetivamente à verdade. Embora não consiga determinar a veracidade das declarações, o jornalista pode reivindicar que fez um trabalho objetivo e apresentar a versão de todas as partes interessadas no caso.

Em relação à apresentação de provas auxiliares como um dos procedimentos da objetividade jornalística, há ocasiões em que os profissionais de jornalismo obtêm documentos que comprovam uma determinada afirmação (Tuchman, 1972, p. 667). No seguimento do contributo da autora, os documentos que comprovem ou sustentem as afirmações podem ser igualmente encarados como verdadeiros.

O terceiro procedimento da objetividade é a utilização frequente das aspas (Tuchman, 1972, p. 668). De acordo com a autora, o profissional de jornalismo recorre à utilização das citações de outras pessoas como forma de se salvaguardar e de ser o mais objetivo possível. Na perspetiva de Tuchman (1972), os jornalistas acreditam que deixam de participar na notícia ao utilizarem as aspas nas citações dos intervenientes. A investigadora refere que os jornalistas têm a perceção de que as aspas sugerem um trabalho objetivo dos acontecimentos, ilibando-os de qualquer crítica de parcialidade.

Por último, a estruturação da informação é vista por Tuchman (1972, p. 670) como uma sequência lógica que é pautada pelo nível de importância do conteúdo. Por norma, os dados mais relevantes surgem logo no início e seguem a estrutura de uma pirâmide invertida,

cuja informação é determinada pelo nível de relevância. Para a autora, a estruturação de uma notícia é o procedimento formal mais problemático da objetividade para o jornalista. Nos restantes procedimentos da objetividade, o jornalista pode alegar que apresentou versões das partes com interesses atendíveis no caso; provas auxiliares que sustentam os factos divulgados; ou citações que representam as opiniões dos intervenientes. No entanto, embora o profissional de jornalismo possa criar uma narrativa que esteja de acordo com a linha editorial do jornal, Tuchman (1972, p. 670) explica que o jornalista não pode alegar que a escolha da estrutura da notícia pertence a outra pessoa.

Para Tuchman (1972), o profissional de jornalismo “só pode invocar profissionalismo e alegar que a pista é validada através do seu julgamento de notícias” (p. 670, trad. livre). O argumento de que o jornalista apenas está a invocar o julgamento de notícias é apelidado pela investigadora como uma atitude defensiva, sobretudo porque se trata da capacidade de escolher entre os factos existentes e aqueles que são mais interessantes. A autora considera que as dificuldades do jornalista são amenizadas pela criação do *lead*, cujas respostas caracterizam os factos mais importantes de uma história (Tuchman, 1972, p. 671). Ainda assim, a investigadora alerta para a existência de *leads* diferentes, já que a importância dos factos pode variar em função do jornalista e do órgão de comunicação. Na perspetiva da autora, não existe uma notícia mais objetiva do que a outra, porque ambas podem utilizar os factos materiais, atribuindo, no entanto, importâncias distintas. Perante este dilema, o jornalista recorre à sua experiência profissional e ao bom senso para avaliar os factos que têm maior relevância (Tuchman, 1972, p. 672).

## Capítulo 3 - *Fact-checking*: o resultado de uma crescente desinformação

### 1. Os primórdios do surgimento do *fact checking*

O surgimento do fenómeno do *fact-checking* remonta ao início de 2000, quando traçava as suas raízes como um novo género de reportagem. Para ser mais exato, o movimento reformador da verificação de factos, como é visto atualmente, surgiu no dia 9 de dezembro de 2001, quando um *blogger* publicou um texto que apelava à confirmação das informações veiculadas pelos *media* (Graves, 2013, p. 9). A publicação tornou-se viral na *Internet* e, em pouco tempo, alcançou milhares de partilhas, acabando por criar uma certa animosidade entre os *bloggers* e os jornalistas. Tal como foi explicado por Graves (2013), a *Internet* tornou-se um espaço para criticar os *media*. Sequencialmente, o autor refere que a animosidade aumentou e as críticas às publicações noticiosas dos *media* dispararam vertiginosamente durante este período (Graves, 2013, pp. 9-10).

No início do século XXI, surgiu uma nova classe de organizações dedicadas à verificação de factos, utilizando intervenientes qualificados e recursos apropriados para avaliar a verdade das reivindicações públicas (Graves, 2013, p. 10). De acordo com Graves (2013), estes novos grupos de verificação de factos interligam os *media* ao contexto e aos intervenientes políticos. No seguimento do raciocínio do autor, algumas organizações de verificação de factos primam pela transparência e não têm fins lucrativos. Por outro lado, também há outras que são abertamente partidárias. Com orientação partidária à esquerda, a *Media Matters* foi fundada em 2004 e monitoriza as reivindicações efetuadas pelos políticos do partido republicano. Fundada em 2005, e com orientação partidária à direita, a *News Busters* foi criada para verificar as declarações dos seus oponentes políticos. Com base nas suas pesquisas ou investigadores reconhecidos, esta organização de verificação de factos elabora relatórios e expõe os veredictos aos eleitores (Graves, 2013, p. 10).

De acordo com Graves (2013), o maior crescimento da verificação de factos registou-se, no entanto, nas organizações exteriores ao jornalismo profissional. Há muito tempo que as redações nos EUA têm responsáveis para confirmar as informações antes de serem publicadas (Graves, 2013, p. 10). Porém, permanecem dúvidas quanto ao século em que

surgiu realmente a primeira verificação de factos. Segundo Amazeen (2017, p. 1), a origem da verificação de factos remonta aos primórdios do século XX, nos Estados Unidos da América (EUA). Já na perspectiva de Graves (2013, p. 10), os verificadores apareceram, pela primeira vez, em jornais periódicos norte-americanos no início do século XVIII.

De acordo com Amazeen (2017, p. 1), alguns dos primeiros verificadores de factos foram os jornalistas que contestaram as exigências dos produtores de medicamentos que possuíam patentes. Recorde-se, a título de exemplo, o estudo de Cassedy (1964): *Muckracking and medicine: Samuel Hopkins Adams*, em que o autor confidenciou que Adams (1871-1958) tentou melhorar, de forma constante, a medicina. Apesar de Adams ter escrito ocasionalmente sobre causas que visavam as melhorias sociais, concentrou-se numa carreira literária ligada à saúde pública dos cidadãos dos EUA (Cassedy, 1964, p. 85). Perante a eclosão da Primeira Guerra Mundial, Adams manteve o interesse na medicina e na saúde pública durante uma década. No entanto, em 1906, apelidaram-no de “reformador incessante” (*incessant reformer*) após a publicação de uma compilação de artigos, cujo nome dado foi: *The Great American Fraud* (Cassedy, 1964, p. 85, trad. livre). Após a publicação dos artigos, o autor refere que Adams divulgou informações sobre as transações ilegais na aquisição de patentes e os efeitos colaterais da indústria dos medicamentos.

No entanto, houve outros jornalistas de investigação que procederam à realização das suas próprias reportagens. Destaca-se o trabalho crítico do jornalista, George Seldes (1890-1995), no *In Facts* (Dicke, 1995). Num artigo publicado no *New York Times*, Dicke (1995) referiu que Seldes se focou na descoberta de denúncias de corrupção do governo. Mais tarde, o jornalista e investigador percebeu que foram ignoradas pelos seus colegas de profissão. Na década de 1990, o jornalista *Cable News Network* (CNN), Brooks Jackson, realizou uma verificação de factos de todas as declarações dos possíveis candidatos à presidência dos EUA. De acordo com Amazeen (2017), perante o pedido da chefia, Jackson fundou o *Ad Police*, a primeira equipa de jornalistas especializados em verificação de factos de campanhas eleitorais. Através do apoio da *Universidade da Pensilvânia* e do *Annenberg Public Policy Center*, Jackson inaugurou, em 2003, o primeiro *website* independente de verificação de factos: *FactCheck.org* (Amazeen, 2017, pp. 2-3).

Alguns anos mais tarde, em 2007, o jornalista do *Tampa Bay Times*, Bill Adair, lançou uma nova secção no jornal dedicada exclusivamente à verificação de factos, cujo nome dado foi o seguinte: *Politifact.com* (Amazeen, 2017, p. 3). Apesar da esmagadora maioria das organizações de verificação de factos se destinarem à área da política, as instituições fora do âmbito político também proliferaram nos EUA (Amazeen, Thorson, Muddiman & Graves, 2016, p. 2). Destacam-se, por isso, as seguintes organizações: *Snopes.com*, lançado em 1995; o *The Consumerist Blog*, promovido em 2005; e o *TruthInAdvertising.org*, inaugurado em 2013. Estas corporações têm o objetivo comum de informar o público e promover um discurso público baseado em factos reais, mas diferem, no entanto, quanto à abordagem utilizada (Amazeen, 2017; 2018).

## **2. Verificação de factos: a discórdia sobre a eficácia**

A verificação de factos está no centro da exigência da realidade factual dos acontecimentos, o que diferencia o jornalismo de outras formas de comunicação (Hermida, 2012, p. 659). Para Amazeen (2017, p. 3), a verificação de factos contribui para a instrução do público, o aperfeiçoamento do comportamento dos jornalistas e o aumento da credibilidade do jornalismo. Já na perspetiva de Nyhan e Reifler (2014, p. 629), a verificação de factos pode falhar significativamente na redução das perceções erróneas, especialmente entre os indivíduos predispostos a acreditar nas suas convicções. De acordo com estes autores, as pessoas procuram evitar informações indesejadas sobre a política, porque as verificações de factos contrariam as suas convicções partidárias.

Além disso, a ERC (2019, p. 42) explica que os utilizadores atribuem credibilidade a uma determinada fonte que representa, segundo as suas próprias crenças, uma verdade universal. De acordo com Sarr, Sall e Diagne (2017, p. 1), a verificação de factos identifica os acontecimentos verdadeiros e ajuda a reconhecer as fontes mais fidedignas. Os mesmos autores acrescentam que a verificação de factos deteta as fontes que apresentam, em média, um maior número de informações fidedignas. Em oposição, Uscinski e Butler (2013) sugerem que a verificação de factos se assemelha à cobertura de notícias sensacionalistas que incitam à compreensão redutora de um mundo complexo, como a política. Os autores justificam a sua posição com o argumento de que os verificadores de factos têm a tendência

para averiguar declarações que não podem ser apuradas como verdadeiras ou falsas (Uscinski & Butler, 2013, pp. 162-163).

Já na perspetiva de Sarr, Sall e Diagne (2017, p. 1), a verificação de factos atribui credibilidade às informações. Amazeen (2017, p. 3) acrescenta que a comprovação de factos pode servir como uma intervenção para prevenir os indivíduos de influências futuras ou reduzir, pelo menos, a probabilidade de informações erradas influenciarem o discurso cívico. Porém, Uscinski e Butler (2013, p. 163) não partilham da mesma opinião e consideram que os critérios das verificações de factos não são adequados para proceder à investigação das declarações dos intervenientes no espaço mediático. Uscinski e Butler (2013) criticam ainda a falta de objetividade dos verificadores de factos quando comparam afirmações sobre a área da política com a sociedade ou economia para determinar a veracidade dos dados.

Em sentido inverso, Graves (2013, p. 292) defende que a verificação de factos respondeu à crítica sobre a falta de objetividade no trabalho jornalístico. O mesmo autor acrescenta que a verificação de factos pode ser vista como a resposta à imputação de que os jornalistas não são transparentes; não revelam as suas fontes; ou não são capazes de contestar os argumentos das figuras políticas. Não obstante, segundo Carr (2012), a verificação de factos dos discursos políticos permaneceu uma incógnita durante os meses que antecederam às eleições presidenciais nos EUA, em meados de 2012. Nyhan e Reifler (2014, p. 629) também sugerem que, em alguns casos, a verificação de factos é ineficaz e até pode agravar as perceções dos eleitores. Pelo contrário, Amazeen (2017, p. 3) defende que a verificação de factos pode reduzir significativamente a probabilidade de os políticos proferirem novas incoerências. Ainda assim, Uscinski e Butler (2013, p. 163) sugerem que o debate político continua a ser complexo, ambíguo e aberto a uma série de declarações conflituosas.

Num total de 267 verificações efetuadas pelo *Washington Post* sobre as eleições presidenciais de 2012, Uscinski e Butler (2013, p. 163) referem que apenas sete foram classificadas como sendo totalmente verdadeiras. Apesar de não negarem que os políticos podem distorcer ou deturpar a verdade, estes autores encaram os dados apresentados pelo *Washington Post* como altamente improváveis. A título de exemplo, mencionam que a jornalista Candy Crowley referiu que o Presidente dos EUA, Barack Obama, considerou o

incidente ocorrido em Benghazi como um ato de terrorismo (Uscinski & Butler, 2013, p. 175). Após o debate eleitoral, e segundo Uscinski e Butler (2013), inúmeros eleitores questionaram a veracidade das declarações de Candy Crowley. Ao ser confrontada com as críticas, a jornalista recuou na sua posição e afirmou que o Presidente dos EUA não terá dito daquela forma. Estes autores examinaram o discurso de Barack Obama e descobriram que a frase original foi a seguinte: “Nenhum ato de terror jamais abalará a resolução desta grande nação, alterará esse caráter ou eclipsará a luz dos valores que defendemos”<sup>6</sup> (Uscinski & Butler, 2013, p. 175). Segundo os mesmos investigadores, não é explícito que o “ato de terror” se refira ao incidente em Benghazi, pelo que a interpretação é ambígua e subjetiva como a maioria dos assuntos políticos. Uma ambiguidade que, segundo Uscinski e Butler (2013), não parece levar os verificadores de factos a questionarem os seus próprios métodos ou ferramentas utilizadas.

Para Carr (2012), a falta de eficácia da averiguação de factos também está intrinsecamente ligada ao mau trabalho realizado pelos responsáveis do processo de verificação de factos. Aliás, o autor considera ainda que a verificação de factos está associada aos *media*, uma indústria que considera ser pouco credível. Birks (2019, p. 27) discorda de Carr (2012) e acredita que uma das soluções pode ser a alteração dos comportamentos dos políticos, nomeadamente através da ausência de declarações enganadoras. Por outro lado, Dobbs (2012, pp. 10-11) argumenta que o *Washington Post* realizou uma série de reparos às declarações de Donald Tump e não pareceu existir uma alteração evidente no comportamento do Presidente dos EUA.

Por um lado, Nyhan e Reifler (2014, p. 630) explicam que o aumento da responsabilidade poderia ajudar os verificadores de factos a realizarem correções com maior precisão e rigor. Por outro lado, os autores também acreditam que o escrutínio dos verificadores de factos pode aumentar a preocupação dos políticos sobre o risco de proferirem declarações falsas. No âmbito da psicologia social, Fridkin, Kenney e Wintersieck (2015, p. 146) consideram ser importante investigar sobre a possibilidade de a

---

<sup>6</sup> «No acts of terror will ever shake the resolve of this great nation, alter that character, or eclipse the light of the values that we stand for» - (Uscinski & Butler, 2013, p. 175).

verificação de factos influenciar as opiniões dos cidadãos sobre os políticos, já que o discurso político representa um importante fluxo de informações num sistema democrático. Hardy, Winneg e Jamieson (2013, p. 1564) defendem que o impacto da verificação de factos está diretamente relacionado com a forma como os políticos tendem a acreditar na influência que exercem sobre a opinião pública.

Neste aspeto, Gottfried, Hardy, Winneg e Jamieson (2013, p. 1564) concluem que a verificação de factos influencia a crença e compreensão do público. De igual modo, Fridkin, Kenney e Wintersieck (2015, p. 146) também defendem que as verificações de factos influenciam a opinião pública. Desta forma, Birks (2019, p. 27) considera que o público tem maior atenção quando se trata de uma verificação de factos que tem um juízo final negativo. Porém, a autora também admite a possibilidade de existir uma maior predisposição do público para acreditar em afirmações negativas sobre os intervenientes políticos.

### **2.1. Verificação de factos: críticas aos critérios utilizados**

No que respeita ao critérios utilizados, a eficácia da verificação de factos parece não reunir consenso entre os investigadores (Birks, 2019; Amazeen, 2017; 2018; Sarr, Sall & Diagne, 2017; Nyhan & Reifler, 2014; Graves, 2013; Uscinski & Butler, 2013; Carr, 2012; Dobbs, 2012). Por exemplo, Graves (2013, p. 292) defende que os verificadores de factos dos EUA selecionam afirmações factualmente verificáveis e evitam opiniões subjetivas. Porém, Uscinski e Butler (2013, pp. 162-163) têm uma visão mais restrita dos factos verificáveis e criticam os verificadores de factos por formularem juízos que poderiam designar os acontecimentos como verdadeiros ou falsos. Em oposição, Amazeen (2017, p. 3) sugere que a verificação de factos pode servir como uma intervenção para prevenir os indivíduos de influências futuras ou reduzir a probabilidade de que as informações erradas influenciem o discurso cívico.

Uscinski e Butler (2013, p. 163) defendem que a verificação de factos implica necessariamente uma análise binária de verdadeiro ou falso, sendo que, por vezes, introduzem análises mistas, como enganador ou redutor. Deste modo, os mesmos autores definem as escalas de classificação como uma característica própria das verificações de

factos. Graves e Cherubini (2016, p. 625) defendem que 80% dos verificadores de factos existentes em todo o mundo recorre a um sistema de classificação com decisões ordinais. Sobre as escalas de classificação, Uscinski e Butler (2013, pp. 173-174) defendem que a validade científica não é garantida, até porque os critérios das verificações de factos não são totalmente explícitos. Já na perspetiva de Birks (2019, p. 19), o sistema de classificação não parece exercer grande influência na compreensão do público. Porém, a autora também acredita que pode existir maior transparência nos critérios que são aplicados, especialmente porque permite aumentar a confiança nas verificações de factos.

Ainda de acordo com Birks (2019), as verificações de factos partilhadas e divulgadas nas redes sociais podem divergir em função dos raciocínios utilizados e dos respetivos contextos. Por este motivo, Uscinski e Butler (2013, p. 169) argumentam que as relações causais e as previsões futuras não deveriam ser consideradas como critérios de análise, porque não podem ser verificadas. Estes autores recorrem ao raciocínio científico para concluir que as relações causais só podem ser explicadas através de análises estatísticas complexas. Porém, os mesmos investigadores também referem que se trata de um método muito exigente para ser aplicado à comunicação política e ao jornalismo convencional. No que respeita à tomada de decisões, e ao contrário de Uscinski e Butler (2013), Birks (2019, p. 20) acredita que o método mais eficaz é a argumentação prática, porque garante o melhor decurso da ação. De acordo com a autora, as relações que envolvem uma causalidade, através da argumentação prática, requerem apenas algumas explicações alternativas, como uma coincidência ou outro fator explicativo.

Relativamente às previsões futuras, Uscinski e Butler (2013, pp. 169-171) defendem que se trata de uma tendência estatística ou suposição teórica, pelo que não representam um facto observável até que ocorra. Os autores sugeriram que as previsões são geralmente apoiadas nas opiniões de especialistas, o que significa que o juízo destes profissionais nem sempre explicam a veracidade das afirmações. Amazeen, Thorson, Muddiman e Graves (2016, p. 3) identificam o *FactCheck.org* e o *TruthInAdvertising.org* como plataformas que facultam uma análise diferenciada das reivindicações contestadas. Os autores indicaram ainda outras plataformas *online*, como o *PolitiFact.com* ou *Washington Post: Fact Checker*,

que incorporaram uma escala de verdade que fornece, em tempo real, indicadores visuais sobre julgamento dos especialistas.

Porém, regressando à teoria da argumentação prática, Birks (2019, p. 20) defende que a credibilidade do especialista, a relevância na atividade e o respetivo conhecimento com base em evidências podem ser sempre questionáveis. Além disso, a autora levanta a dúvida sobre se os dados estatísticos deveriam ser considerados como um facto, já que podem ser utilizados, de forma seletiva, para apoiar uma análise mais interpretativa sobre a tomada de decisão política. Devido à análise binária da verificação de factos, Uscinski e Butler (2013, p. 178) sugerem que os verificadores não conseguem fazer um trabalho rigoroso.

No entanto, para Birks (2019), os verificadores de factos podem reconhecer a ambiguidade dos dados e, ainda assim, fornecer um argumento para favorecer a interpretação. Por esta razão, a autora considera importante reconhecer que a interpretação não é sinónimo de opinião, já que a verificação de factos não se trata de uma preferência. Em síntese, Uscinski e Butler (2013, p. 178) sugerem que não há forma de criticar, de forma racional, as alegações dos intervenientes políticos. Em oposição, Birks (2019, p. 20) argumenta que seleção das declarações deve ser baseada naquilo que é útil para os cidadãos tomarem decisões conscientes, em vez de aceitarem as afirmações dos intervenientes políticos como factos irrefutáveis.

### **2.1.1. O (des) equilíbrio na verificação das declarações**

Alguns investigadores (Birks, 2019; Blumler, 2018; Graves, 2013; Uscinski & Butler, 2013) discordaram quanto ao número de verificações efetuadas e levantaram dúvidas quanto à sua imparcialidade. As críticas à verificação de factos estendem-se para além da eficiência da prática na atividade jornalística. Segundo Birks (2019, p. 22), o preconceito em relação à verificação de factos pode ser interpretado de diferentes formas, nomeadamente através da seleção de factos passíveis de confirmação ou da respetiva interpretação dos dados. A partir da sua observação às organizações de verificações de factos, Graves (2013, pp. 292-294) concluiu que os principais verificadores de factos dos EUA justificaram a utilização de juízos de valor com sendo parte de um trabalho jornalístico.

De acordo com Graves (2013, pp. 192-194), os verificadores de factos selecionam as afirmações e questionam-se quanto à sua veracidade, permitindo que o público siga uma determinada linha de raciocínio. Apesar de reconhecer que existem alegações mais relevantes que outras, Birks (2019, p. 22) refere que pode haver uma quantidade desproporcional entre as afirmações enganadoras ou falsas quando comparadas com as alegações verdadeiras. Em sentido inverso, Uscinski e Butler (2013) argumentam que a seleção das declarações dos intervenientes representa uma “estratégia de amostragem fraudulenta” (p. 165, trad. livre). Para os autores, a escolha de uma amostra pressupõe sempre que as declarações sejam representativas de um universo e facilmente comparadas entre diferentes líderes partidários (Uscinski & Butler, 2013, pp. 165-166).

Segundo Birks (2019, p. 23), a verificação desproporcional das declarações entre os líderes partidários é um dos aspetos mais criticados pelos eleitores. No que respeita à verificação desproporcional das alegações dos políticos, a autora explica que todas as reivindicações políticas estão sujeitas à investigação e, por isso, nenhuma das declarações deve estar isenta da verificação de factos. Em relação ao facto de existirem mais julgamentos negativos sobre as alegações de um determinado líder partidário, Birks (2019) defende que a existência de uma proporção igual de julgamentos constitui apenas um “falso equilíbrio” (p. 23) nos relatórios. Além disso, na perspetiva da investigadora, o equilíbrio do número de verificações implica investigar todas as declarações para criticar os políticos que são geralmente verdadeiros no seu discurso. Assim, a mesma autora considera que este “falso equilíbrio” pode retirar a importância da prática do *fact-checking* no debate político. No entanto, as notícias que expõem as mentiras do discurso político atraem muito mais o interesse do público do que os artigos noticiosos que confirmam a veracidade das declarações dos políticos (Birks, 2019, pp. 23-24).

Nos últimos anos, Birks (2019) suspeita que o interesse dos *media* por polémicas e escândalos aumentou face ao controlo e manipulação existentes no discurso político, resultando numa condição que Blumler (2018) classifica como “crise de comunicação para a cidadania” (p. 2, trad. livre). Em 1995, num artigo feito em conjunto com Gurevicht, o autor classificou inicialmente como uma “crise de comunicação pública” (Blumler, 2018, p. 2, trad. livre). Mais recentemente, no contexto atual, Blumler (2018) explica que os cidadãos

têm dificuldade para compreender a melhor forma de lidar com as informações e as declarações dos intervenientes da esfera mediática. O autor também refere que o colapso da identidade partidária, o crescimento do populismo no discurso político e o aumento da desigualdade social acentuou ainda mais a crise da comunicação dos *media* para os cidadãos. Além disso, a ERC (2019, p. 7) também explica que a percepção de uma crescente desinformação pode prejudicar o normal funcionamento dos sistemas democráticos e, em simultâneo, comprometer a tomada de decisão consciente por parte dos cidadãos.

Alguns dos críticos da verificação de factos, como Uscinski e Butler (2013, p. 171), consideram que os julgamentos negativos atribuídos aos políticos representam um ataque pessoal, especialmente porque são muitas vezes acusados de mentir ou enganar. Dobbs (2012) reconhece que essa categoria está implícita quando o *Washington Post Fact Checker* atribui um Pinóquio a um determinado líder partidário. Por outro lado, Birks (2019), defende que os *media* são alvos da desconfiança do público devido às sucessivas acusações sobre a falta de imparcialidade nos debates eleitorais. De seguida, a autora dá o exemplo de Donald Trump, Presidente dos EUA, que incentivou os apoiantes a descredibilizarem os *media*, apelidando-os de máquinas que produzem “*fake news*” (Birks, 2019, p. 24). Para Graves (2013, p. 293), os profissionais de *fact-checking* argumentam que os políticos dos dois principais partidos dos EUA são igualmente propensos a mentir e distorcer os factos. O autor considera ainda que os verificadores de factos não têm interesse em identificar o partido mais desonesto, porque essa ação prejudica a legitimidade das suas análises.

### **2.2.2. Elite de repórteres, reformadores e especialistas na Europa**

Depois de uma compilação de estudos literários sobre a eficácia da verificação de factos e dos respetivos critérios de análise, revela-se igualmente pertinente expor o contributo teórico de Graves e Cherubini (2016). Em termos de missão e identidade, os verificadores de factos, especialmente na Europa, podem ser divididos em três atividades profissionais distintas: repórteres, reformadores e especialistas (Graves & Cherubini, 2016, p. 12). No seguimento do contributo dos autores, esta divisão permite desvendar a forma como os três profissionais definem a própria atividade.

Os repórteres definem-se como jornalistas e descrevem a verificação de factos como um veículo para informar o público (Graves & Cherubini, 2016, p. 12). Após ser submetido ao inquérito destes autores, Samuel Laurent, repórter do jornal *Le Monde*, considerou que a verificação de factos é apenas um “pretexto para permitir que os cidadãos tenham acesso a informações complicadas” (Graves & Cherubini, p. 13, trad. livre). Os autores explicam que os repórteres expõem as incoerências dos intervenientes mediáticos, com base nas provas auxiliares que sustentam a narrativa jornalística.

Em oposição, os reformadores descreveram-se como ativistas que encaram o processo de verificação de factos como uma reforma da agenda política (Graves & Cherubini, 2016, p. 14). Após a realização do inquérito, os autores concluíram que 40% dos reformadores concordaram fortemente com a afirmação: “somos ativistas” (Graves & Cherubini, 2016, p. 14, trad. livre). De referir que, segundo os autores, 43% dos reformadores também mencionaram a responsabilização dos políticos e o aumento da qualidade do discurso político como um dos seus principais objetivos.

Por último, os especialistas descreveram-se como membros pertencentes às organizações de verificação de factos e procuram estabelecer-se como fontes autorizadas de informação nas áreas mais complexas da política e da economia (Graves & Cherubini, 2016, p. 17). Sequencialmente, os investigadores concluíram que os especialistas diferem dos repórteres e dos reformadores quanto à metodologia utilizada e ao conhecimento adquirido.

### **3. Verificação de factos: hipótese de um novo género jornalístico**

Há investigadores (Amazeen, Thorson, Muddiman & Graves, 2016) que consideram a verificação de factos como um novo género de jornalismo, que consiste na avaliação da veracidade das reivindicações públicas. De acordo com Nyhan e Reifler (2014), este tipo de relatório cresceu abruptamente nos EUA e além-fronteiras a partir de 2010. Amazeen, Thorson, Muddiman e Graves (2016) apelidam este novo género jornalístico por “verificação de factos contemporânea”<sup>7</sup> (p. 3, trad. livre), já que se distingue daquela que é realizada internamente nos *media*. Esta hipótese teórica já tinha sido abordada anteriormente

---

<sup>7</sup> «(...) *contemporary fact-checking* (...)» - (Amazeen, Thorson, Muddiman & Graves, 2016, p. 3).

por alguns investigadores (Hassan, Adair, Hamilton, Tremayne, Yang & Yu, 2015, p. 1), que consideraram tratar-se de uma forma superior de jornalismo.

De acordo com Amazeen, Thorson, Muddiman e Graves (2016, p. 3), a verificação de factos realizada nos *media* corrige apenas as imprecisões detetadas no passado ou erros nas informações recolhidas. Por outro lado, a “verificação de factos contemporânea” expõe as deceções no mundo político e empresarial ao contestar as alegações falsas dos intervenientes da esfera mediática. Os autores consideram ainda que as verificações de factos convencionais servem para suprimir algumas incoerências, enquanto as verificações de factos contemporâneas expõem as alegações falsas.

Para Amazeen, Thorson, Muddiman e Graves (2016), a “verificação de factos contemporânea” surgiu como hipótese de um novo género de reportagem crítica sobre a área da política entre 1980 e 1990. Na perspetiva de Graves (2013), os responsáveis pela “verificação de factos contemporânea” descrevem-se como profissionais de um jornalismo fiel ao princípio da objetividade e contrário aos pactos que desvirtuam a missão de informar o público com rigor. Os responsáveis pela “verificação de factos contemporânea” exploram as ferramentas textuais de citação e anotação para vincular e extrair possíveis respostas às questões colocadas pelo público. Porém, o autor explica que os verificadores de factos acreditam que se diferenciam dos *bloggers* através da rejeição de declarações utópicas que circulam nas redes sociais (Graves, 2013, p. 112).

De acordo com Graves (2013), os verificadores de factos “têm pouca fé nas capacidades coletivas de procura da verdade nas redes sociais, (...) e distinguem cuidadosamente o seu próprio trabalho daquilo que os *bloggers* intitulam como verificação de factos” (p. 112, trad. livre). Na prática, os verificadores de factos adotam um estilo rigoroso e fiel à verdade, enquanto relatam os factos independentemente das narrativas políticas (Graves, 2013, pp. 292-293). Em determinadas situações, o autor sugere que o jornalista não toma partido em disputas políticas - mesmo quando existem factos questionáveis -, porque tem receio de ser alvo de ataques pessoais. Para Graves (2013), o cenário inverte-se quando os verificadores de factos elaboram os próprios artigos, visto que optam por escrutinar ao máximo as alegações dos intervenientes. Sequencialmente, o

investigador sugere que os verificadores de factos podem ser intitulados como mais, ou menos, objetivos. Não significa, porém, que os verificadores tenham um raciocínio com factos inquestionáveis (Graves, 2013, pp. 293-294).

Diante da incerteza e crítica à objetividade do *fact-checking*, Graves (2013, p. 294) explica que os verificadores de factos só conseguem atingir a objetividade se utilizarem métodos confiáveis. Hassan, Adair, Hamilton, Tremayne, Yang e Yu (2015) referem-se à “verificação de factos contemporânea” como uma espécie de “conclusão informada”<sup>9</sup> (p. 1, trad. livre). Os autores argumentam que este novo género jornalístico requer habilidades avançadas de escrita que não se circunscrevem apenas aos factos, mas que também servem para demonstrar a intenção das afirmações aos leitores. Já na perspetiva de Amazeen (2017), as organizações que tutelam a “verificação contemporânea de factos” não diferem dos relatórios de averiguação de factos nos *media* tradicionais quanto à estrutura organizacional, aos métodos de pesquisa e à apresentação dos factos. A diferenciação consta nos sistemas de categorização utilizados para avaliar a veracidade das reivindicações dos intervenientes públicos (Amazeen, Thorson, Muddiman & Graves, 2016, p. 3).

#### 4. Os desafios que se colocam ao processo de verificação de factos

A pressão para evitar o escrutínio de determinadas reivindicações políticas, a procura por uma produção massiva de conteúdos e a redução da equipa nas redações são apontados por Nyhan e Reifler (2014, p. 624) como alguns dos fatores que comprometem a eficácia da verificação de factos. A vertente financeira também é apontada por Amazeen (2017, p. 11) como essencial para uma verificação de factos eficiente. Tal como refere a autora, os verificadores de factos precisam de ser pagos pelos serviços prestados; a manutenção dos equipamentos de *fact checking* tem custos para os órgãos de comunicação social; e a criação de infraestruturas acarreta um investimento avultado para os *media*.

Além do apoio de fundações ou doações, Amazeen (2017, p. 12) defende que existem organizações de verificações de factos que procuram regularmente por novas fontes de receita. Apesar das preocupações financeiras, a autora explica que os verificadores de factos

---

<sup>9</sup> «(...) *informed conclusion* (...)» (Hassan, Adair, Hamilton, Tremayne, Yang & Yu, 2015, p. 1).

também são desafiados pela visibilidade ou distribuição dos seus relatórios. Os relatórios de verificação de factos têm pouca influência sobre as notícias veiculadas no formato *online* (Amazeen, 2017, pp. 12-13). Aliás, segundo Nyhan e Reifler (2014), metade das pessoas nos EUA ainda não estava familiarizada com a verificação de factos em 2014. Por isso, é provável que o grau de familiaridade seja menor noutros países, dado que a divulgação da verificação de factos não tem sido tão forte como nos EUA (Nyhan & Reifler, 2014).

Ainda na perspetiva de Amazeen (2017, p. 13), a proliferação de conteúdos na rede *online* levantou o problema da seleção de declarações de interesse público. Segundo a autora, as redes sociais permitem ao indivíduo cercar-se de pessoas e de conteúdos semelhantes, formando uma câmara de eco que reforça uma visão restrita do mundo atual. Como consequência, Nyhan e Reifler (2014, p. 629) explicam que os cidadãos podem se tornar resistentes aos factos verificados, já que persiste o hábito de receber informações a partir de fontes que reforçam as suas próprias crenças. Nesse sentido, Amazeen (2017) sustenta que a tecnologia permite aos cidadãos criar e consumir grandes quantidades de informação. Sobre este aspeto, Nyhan e Reifler (2014) reconhecem que os efeitos das verificações de factos nos cidadãos ou na sociedade nem sempre foram positivos ao longo dos anos.

Já na perspetiva de Hassan, Adair, Hamilton, Tremayne, Yang e Yu (2015, p. 3), o maior desafio corresponde ao tempo necessário para a realização da verificação de factos. De acordo com os autores, o *PolitiFact* demorou cerca de seis dias para verificar o conteúdo de “vinte cheques separados do debate presidencial republicano” (Hassan, Adair, Hamilton, Tremayne, Yang & Yu, 2015, p. 3, trad. livre). Devido à complexidade da verificação de factos, estes investigadores sugerem que existe uma lacuna temporal significativa entre o momento em que o interveniente faz uma declaração e o período em que é verificada. Após a declaração do interveniente no espaço mediático, o jornalista tem pouco tempo para verificar os factos, visto que tem de obedecer a determinados critérios editoriais. Os autores defendem que a verificação de factos acaba por criar um intervalo de tempo entre o momento em que a declaração é feita e o período em que a notícia é, finalmente, publicada.

Hassan, Adair, Hamilton, Tremayne, Yang e Yu (2015, pp. 2-3) esclarecem ainda que uma verificação de factos simples pode demorar até 24 horas, enquanto uma confirmação

mais complexa pode ultrapassar as 48 horas. No seguimento do contributo destes autores, é explicado que os cidadãos encaram a verificação de factos como um entrave à determinação da verdade, dado que não obtêm as informações quando são realmente necessárias. Para os investigadores, esta lacuna temporal permite aos interlocutores do espaço mediático repetirem informações que não correspondem à verdade.

## Capítulo 4 - O estágio na Editoria de Desporto da TVI

### 1. História da *Televisão Independente* (TVI)

A década de 90 ficou marcada pelo surgimento de diversas estações privadas no mercado televisivo. Num primeiro momento, surgiu a *Sociedade Independente de Televisão* (SIC) em 1992. Um ano depois, foi fundada a *Televisão Independente*, a designada TVI, que ficou conhecida como a “Televisão da Igreja” (Cunha, Castilho & Guedes, 2017, p. 31). Estes dois canais privados alargaram o leque de opções que, anteriormente, era constituído apenas por dois canais públicos, a saber: a RTP 1 e RTP 2 (Esteves, 2018, p. 35). Atualmente, estes quatro canais constituem o circuito aberto de televisão em Portugal. Posteriormente, em sinal aberto, surgiram a RTP3; a RTP Memória; a ARTV (Debates parlamentares); a RTP Açores e a RTP Madeira, disponíveis em sinal aberto nos respetivos arquipélagos (Ferreira, Reis & Santos, 2011, p. 4).

Em fevereiro de 1993, nasceu um canal televisivo fundado por 46 acionistas com ligações à Igreja Católica, com destaque para a *Rádio Renascença*; Universidade Católica Portuguesa; União de Misericórdias; e o *Grupo Sonae* (Ferreira, Reis & Santos, 2011, p. 7). De início, a TVI guiou-se por valores indispensáveis ao cumprimento da dignidade humana, respeito da liberdade, equidade, honestidade e solidariedade. Segundo Esteves (2018, p. 35), o vínculo do quarto canal ao catolicismo até parecia ser um cenário positivo, tendo em conta a forte influência do cristianismo em Portugal. No entanto, tal como refere Esteves (2018), os resultados ficaram aquém das expectativas e as audiências continuaram a ser baixas. Por este motivo, em 1996, a TVI fez um pedido de alteração ao seu projeto editorial à Alta Autoridade para a Comunicação Social, o qual acabaria por ser aprovado e provocar um afastamento definitivo dos valores da Igreja Católica (Esteves, 2018, p. 36).

Em 1997, ocorreu uma reestruturação do grupo de acionistas da TVI através da entrada do *Grupo Media Capital* e, um ano depois, o *Grupo Sonae* fez uma coligação com a *Lusomundo* e *Cisneros* para gerir a estação televisiva (Esteves, 2018, p. 36). Esta decisão marcou o início de uma mudança na programação da TVI. Em 1998, José Eduardo Moniz foi eleito como o novo diretor-geral do canal e o *Grupo Media Capital* adquiriu praticamente

a totalidade das ações do canal, utilizando o seu direito de preferência face à concorrência (Ferreira, Reis & Santos, 2011, p. 9).

Após a viragem do milénio, a TVI tornou-se líder de audiências no horário nobre e, posteriormente, em 2005, alcançou a liderança diária das audiências (Esteves, 2018, p. 36). Em 2009, a TVI deixou de ser apenas um único canal, criando diversos canais temáticos, conforme indica o quadro abaixo:

Quadro 1 - Canais temáticos da TVI

Canal	Descrição da programação	Data de fundação
	Canal generalista com programação variada disponível no cabo, satélite ou TDT Portugal.	Fundado no dia 20 de fevereiro de 1993.
	Canal de cabo dedicado aos espaços informativos, complementado com programas de economia, desporto, cultura e política.	Fundado no dia 26 de fevereiro de 2006.
	Canal dedicado à transmissão dos programas da TVI para as comunidades lusófonas espalhadas pelo mundo.	Fundado no dia 30 de maio de 2010.
	Canal exclusivo da MEO dedicado à ficção nacional da TVI. A programação baseia-se na transmissão de telenovelas e séries em português.	Fundado no dia 15 de outubro de 2012.
	Canal dedicado a <i>reality shows</i> e transmitido em exclusivo pela NOS desde 2015/2016.	Fundado no dia 03 de outubro de 2015.
	A TVI África é emitida apenas no continente africano, em regime de exclusividade na posição 516 da grelha de canais em Angola e Moçambique.	Fundado no dia 03 de outubro de 2015.

Fonte - Os logótipos foram gentilmente fornecidos pela TVI.

Destaque ainda para o cancelamento de outros canais, como o «+TVI» - canal exclusivo da NOS, cuja programação foi destinada ao entretenimento das audiências; a «TVI Direct» - canal temporário dedicado à transmissão, em direto, dos *realitys shows*; e «TVI HD» - canal exclusivo da *Altice* dedicado exclusivamente à transmissão, em alta-definição, do Campeonato da Europa de 2008.

### **1.1. Editoria de Desporto da TVI**

Depois de um resumo sobre a história do canal, importa abordar a importância da Editoria de Desporto para a TVI. Segundo Joaquim Sousa Martins (2020, cf. Apêndice 2), subdiretor de informação do canal, a Editoria de Desporto existe desde a fundação do canal, altura em que a TVI ainda estava ligada aos valores da Igreja Católica. Na TVI, o desporto ganhou particular relevância em 2004, após a direção do canal ter adquirido os direitos de transmissão dos jogos da Liga Portuguesa de Futebol (Sousa Martins, 2020, cf. Apêndice 2).

A partir de 2004, Joaquim Sousa Martins (2020, cf. Apêndice 2) referiu que a importância do desporto cresceu e o canal foi “avolumando novos produtos e conceitos”, como os programas desportivos, que surgiram anos mais tarde na TVI 24. Depois do sucesso com os direitos de transmissão do campeonato português, a TVI avançou para a partilha dos direitos de transmissão do Euro 2004 (Sousa Martins, 2020, cf. Apêndice 2). Mais tarde, em 2008, a direção do canal adquiriu a totalidade dos direitos de transmissão do Campeonato da Europa. Joaquim Sousa Martins (2020) admitiu que a direção de informação “apostou as fichas todas” na TVI 24 através da criação de diversos programas de análise desportiva. Aliás, de acordo com o próprio, esta aposta valeu à TVI várias comparações com canais dedicados exclusivamente ao desporto.

Numa primeira fase, o desporto, a par das restantes editorias, foi apenas uma componente da informação da TVI. Depois, num segundo momento, existiu uma aposta séria na aquisição dos direitos televisivos de competições de futebol. Por último, já numa terceira fase, houve um alargamento muito significativo de novos conceitos, com especial incidência na emissão de programas de desporto na TVI 24 (Sousa Martins, 2020, cf. Apêndice 2). Além de ser um canal de informação dedicado à atualização das notícias, a TVI 24 passou a

incluir programas com espaços de análise e interpretação do fenómeno desportivo. Recentemente, e após as mudanças no departamento de informação da TVI - tema abordado mais à frente no ponto 2. -, a direção do canal decidiu reforçar o segmento de desporto no *Jornal das Oito* (J8) e incluiu um *pivot* de desporto durante a emissão do *Jornal das Oito* (J8). Uma medida que Joaquim Sousa Martins classifica como uma “estratégia muito valiosa” para a informação do canal. No *Jornal das Oito* (J8), há um segmento de desporto com assinatura de um *pivot*, que pretende estabelecer um “vínculo com o expectador” e “reforçar a importância do desporto” para o canal (Sousa Martins, 2020, cf. Apêndice 2).

Após explicar a evolução do desporto no canal, torna-se indispensável abordar o processo que está na base da criação de notícias desportivas. De acordo com Joaquim Sousa Martins (2020, cf. Apêndice 2), a “agenda, as notícias exclusivas e os conteúdos provenientes das agências de notícias internacionais” são critérios indispensáveis para a criação diária das notícias de desporto. Em síntese, a seleção diária dos conteúdos noticiosos faz-se através do (1) olhar atento sobre a agenda; (2) da tentativa de obter conteúdos noticiosos próprios; e (3) dos conteúdos internacionais de desporto, que chegam através de agências de notícias, como a *Reuters* (Sousa Martins, 2020, cf. Apêndice 2).

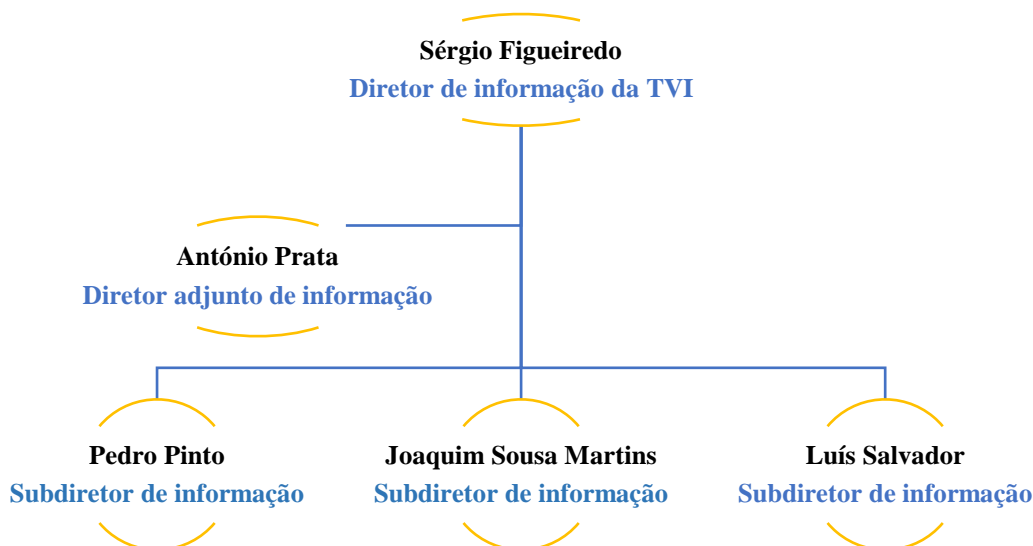
Posto isto, no ponto seguinte, procurou-se fazer a identificação das mudanças ocorridas no departamento de informação da TVI, após ter sido anunciada a nova direção e as respetivas diretrizes que alteraram a estratégia informativa do canal. No *Grupo Media Capital* desde 2015, Sérgio Figueiredo deixou o cargo de diretor de informação da TVI no dia 10 de junho de 2020. Na altura, Pedro Pinto, subdiretor de informação, assumiu o cargo de forma interina após a saída repentina do seu antecessor. Pedro Pinto manteve-se em funções até ao dia 31 de agosto de 2020, altura em que Anselmo Crespo foi nomeado como o novo diretor de informação da estação televisiva. Após quatro anos e meio na TSF como subdiretor de informação, Anselmo Crespo mudou-se para a TVI após ter aceitado o convite de Nuno Santos, atual diretor-geral da estação de Queluz de Baixo.

## 2. Direção de informação no início do estágio - fevereiro de 2020

Devido à evolução da pandemia da COVID-19, o estágio foi interrompido após o governo português ter decretado o confinamento obrigatório. No dia 10 de julho, cerca de duas semanas após o reinício do estágio, a direção do *Grupo Media Capital* anunciou a saída de Sérgio Figueiredo do canal. Além de Sérgio Figueiredo, a direção de informação da TVI era composta por António Prata, Pedro Pinto, Joaquim Sousa Martins e Luís Salvador, conforme explicado na figura abaixo:

Figura 1 - Direção principal da informação.

[Até 31 de agosto de 2020].



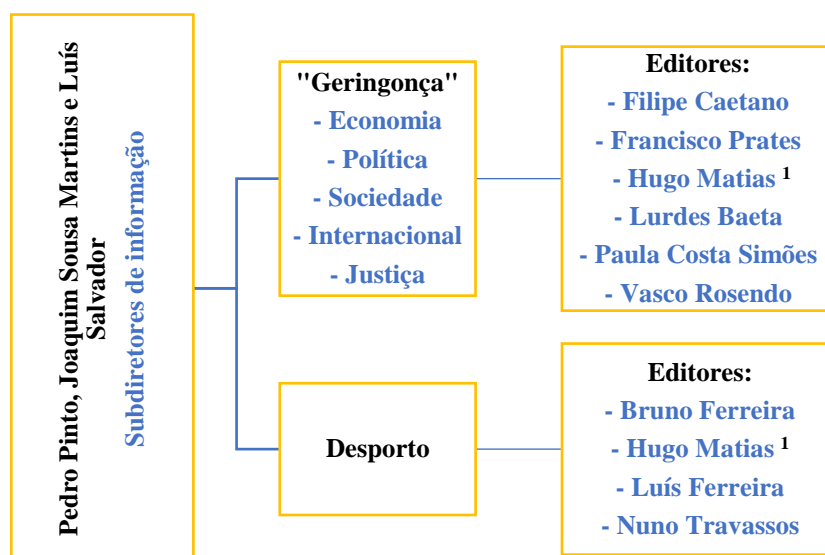
Fonte - Informação cedida pela TVI.

A direção sofreu um duro revés depois da saída repentina de Sérgio Figueiredo da TVI em julho de 2020. Apesar desta alteração na direção de informação, a estruturação dos conteúdos e dos espaços informativos manteve-se igual até ao dia 01 de setembro de 2020. Aliás, desde o início do estágio, foi possível perceber que não houve uma separação evidente entre as editorias da redação. Entre fevereiro e agosto de 2020, existiam apenas dois grandes polos na redação: o desporto e as restantes editorias. A coligação entre a área da política, sociedade, internacional e economia foi denominada pela direção principal como a

«*Geringonça*». O nome, por si só, indica uma clara indiferenciação quanto às restantes editorias. Oficialmente, não existiam elementos específicos para cada área. Porém, os editores responsáveis pela coordenação da «*Geringonça*» eram os seguintes: Filipe Caetano, Francisco Prates, Lurdes Baeta, Paula Simões, Vasco Rosendo e, mais tarde, Hugo Matias, que viria a sair da Editoria de Desporto no dia 08 de março de 2020 [Ver figura 2].

**Figura 2** - A restante direção de informação.

[17 de fevereiro de 2020].



**Nota** <sup>1</sup> - A partir do dia 08 de março de 2020, Hugo Matias deixou o cargo de editor de Desporto para ser editor da *Geringonça*.

**Fonte** - Informação cedida pela TVI.

Ao longo do período de observação, os jornalistas da Editoria de Desporto trabalharam de forma autónoma na redação. Foi possível perceber que os profissionais da Editoria de Desporto editaram sempre as suas peças noticiosas. Apesar de os jornalistas pertencentes à «*Geringonça*» também editarem pontualmente as suas peças televisivas, esse trabalho foi quase sempre entregue ao departamento de edição e montagem da TVI. Ainda

assim, os jornalistas da «*Geringonça*» têm a obrigação de recolher o material, cortar as declarações e gravar a *voz-off* antes de passar o trabalho para os responsáveis de edição.

Sobre a autonomia da Editoria de Desporto, Joaquim Sousa Martins (2020, cf. Apêndice 2) esclarece que os jornalistas de desporto percebem facilmente os critérios de edição e montagem devido “ao perfil e à relação com a tecnologia”. Além disso, o desenvolvimento de competências ao nível da edição e montagem é determinante para os jornalistas de desporto, dado que são obrigados a fazer resumos sobre os jogos de futebol (Sousa Martins, 2020). Por este motivo, Joaquim Sousa Martins (2020) explica que desde cedo que os jornalistas de desporto se habituaram a editar e montar as próprias peças. Desta forma, o subdiretor de informação da TVI afirma que se criou o “ecossistema perfeito” para que o jornalista consiga “desenvolver as suas capacidades de edição”. Ainda assim, Joaquim Sousa Martins (2020) referiu que os restantes jornalistas da TVI também desenvolveram competências ao nível da edição e montagem de peças noticiosas.

Já sobre a chefia da Editoria de Desporto, a responsabilidade da coordenação das informações desportivas e gestão da equipa de trabalho recaiu sobre Bruno Ferreira até ao dia 31 de agosto de 2020. Além disso, Hugo Matias também esteve no cargo de editor de desporto, mas acabou por regressar à «*Geringonça*» no dia 8 de março de 2020. Os editores do *Mais Futebol*, Nuno Travassos e Luís Ferreira, fecharam o lote de editores de desporto da TVI. Há cerca de dois anos, a direção do *Grupo Media Capital* anunciou uma aproximação estratégica entre o quarto canal e o jornal desportivo *online* [articulação explicada no ponto 2.2.2.]. Neste sentido, Nuno Travassos e Luís Ferreira, ambos com cargos de editores no *Mais Futebol*, integraram também a chefia da Editoria de Desporto da TVI.

## **2.1. Mudança na direção de informação - setembro de 2020**

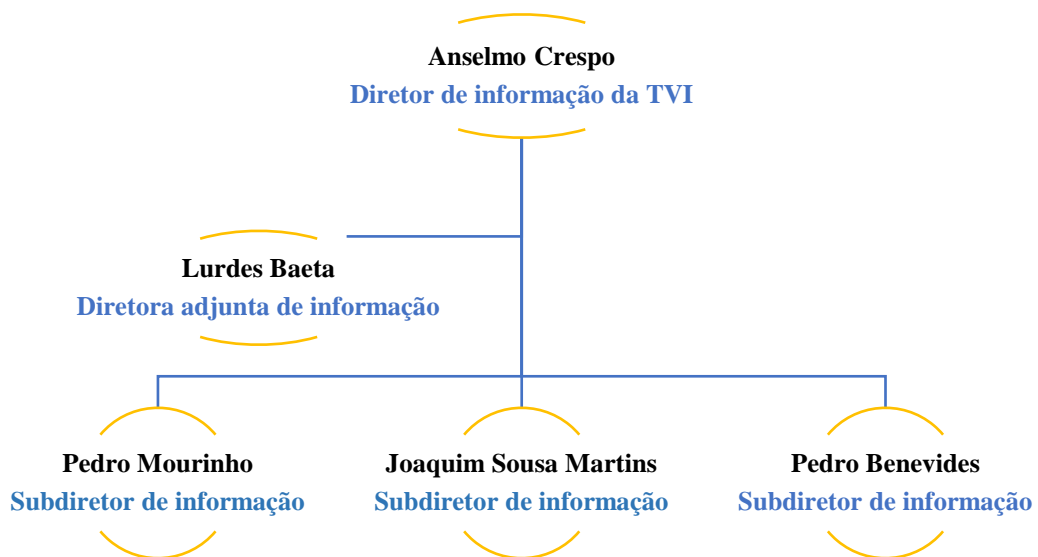
O mês de setembro marcou o início de uma mudança estrutural quer na direção da TVI quer na grelha de programação da estação televisiva. Como diretor-geral do canal, Nuno Santos encetou uma política de reestruturação desde o entretenimento até à informação. Ao seguir o mote: «setembro é já amanhã» - frase amplamente utilizada por personalidades do

canal -, o Departamento de Informação da TVI foi alvo de profundas alterações, especialmente na mudança dos elementos da direção principal e no estúdio de televisão.

Pouco depois de ter sido anunciado como o novo diretor-geral do canal, Nuno Santos encetou uma política de reestruturação na informação da TVI, com a promessa de que continuará a ser “distinta e irreverente” em todos os conteúdos. Anselmo Crespo, antigo subdiretor de informação da TSF, foi o escolhido para ocupar a vaga deixada por Sérgio Figueiredo. A direção principal também sofreu alterações estruturais, especialmente com a entrada de Lurdes Baeta, Pedro Mourinho e Pedro Benevides. Da anterior direção, transitou apenas Joaquim Sousa Martins, conforme indicado na figura abaixo:

**Figura 3 - Direção principal da informação.**

[Desde o dia 1 de setembro de 2020].



Fonte - Informação cedida pela TVI.

O novo diretor de informação da TVI, Anselmo Crespo, prometeu continuar a primar pela credibilidade dos conteúdos informativos, com o intuito de assegurar uma relação de confiança com o público. O anúncio da nova direção de informação aconteceu uma semana depois de ter sido comunicado o regresso de Cristina Ferreira à TVI. Um conjunto de alterações arrojadas que, segundo Nuno Santos (2020), têm como objetivos: liderar as audiências e ser a televisão de referência para os portugueses.

A redação de informação foi alvo de profundas alterações, com destaque particular para a remodelação e reorganização dos espaços. Durante dois meses, o estúdio principal de televisão esteve em obras, dado que a direção de informação optou por montar um estúdio mais interativo e tecnológico. No dia 13 de setembro - altura em que a direção de informação se apresentou oficialmente na redação -, Anselmo Crespo explicou que o estúdio tecnológico e interativo permitiu dar um salto qualitativo na informação da TVI. Desta forma, o diretor de informação da TVI garante que os espaços informativos do canal podem voltar a ser a preferência dos portugueses.

O novo estúdio televisivo tem uma componente mais interativa e tecnológica, que permite dar aos telespetadores uma experiência distinta das demais. Ao contrário daquilo que se sucedia anteriormente, o novo estúdio da TVI está destinado apenas à transmissão dos principais telejornais do canal. Os restantes espaços informativos passaram a ser transmitidos no novo estúdio da TVI 24. A direção da estação televisiva, presidida por Anselmo Crespo, entendeu ser necessário criar mais um estúdio de televisão para os blocos de informação da TVI 24. O novo estúdio 24 foi construído no espaço ao fundo do piso 1, dedicado anteriormente às reuniões da direção do canal.

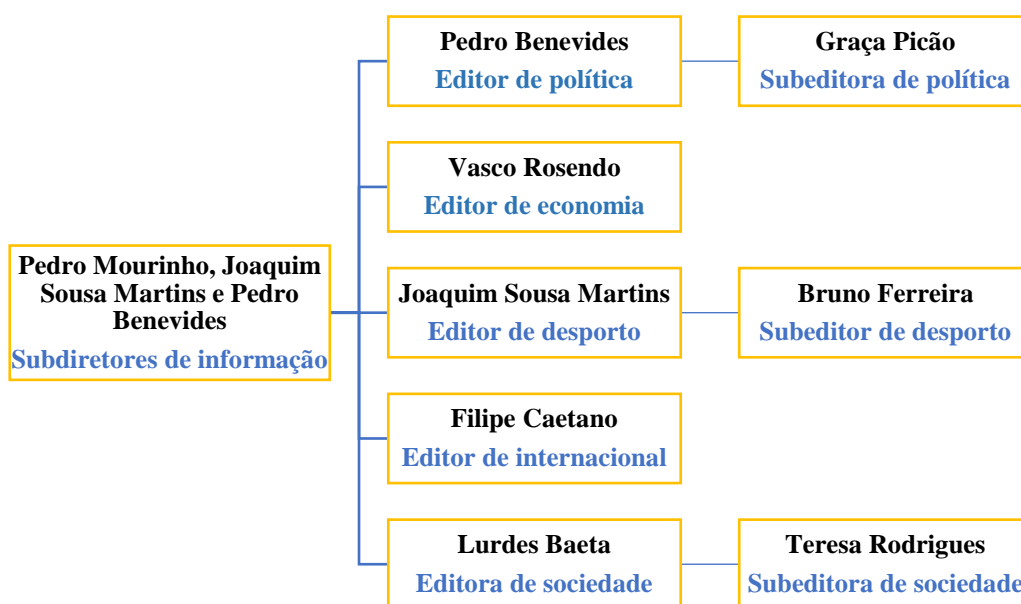
Para além da criação dos novos estúdios, toda a redação foi alvo de uma reorganização do espaço. As diferentes secções da redação passaram a estar identificadas e os equipamentos foram substituídos por aparelhos mais modernos. A mudança não se ficou só pela reorganização e modernização do espaço, dado que os conteúdos informativos do canal passaram a dar mais destaque à cultura. Anselmo Crespo assumiu o compromisso de dar maior relevância aos eventos culturais do país. A reformulação da programação da TVI 24 e o aumento da informação das zonas Norte e Centro do país foram exigências desta direção para o cumprimento do novo mandato.

Além disso, a nova direção desmantelou a designada «*Geringonça*» e regressou ao sistema de informação baseado nas seguintes editorias: política, economia, sociedade, internacional e desporto. Além de subdiretor de informação, Pedro Benevides ocupou o lugar de editor de política, enquanto Graça Picão ficou como subeditora. Vasco Rosendo ficou encarregue, em exclusivo, da gestão da área da economia. Já Felipe Caetano ficou como

responsável dos conteúdos da área do internacional. Lurdes Baeta ficou encarregue de conciliar as funções de diretora adjunta de informação e editora da sociedade, enquanto Teresa Rodrigues ficou como subeditora. A estrutura da nova direção de informação pode ser consultada na figura abaixo:

**Figura 4** - A restante direção de informação.

[Desde o dia 01 de setembro de 2020].



Fonte - Comunicado interno da TVI.

Joaquim Sousa Martins, subdiretor de informação, ficou responsável pela Editoria de Desporto, enquanto Bruno Ferreira (editor de desporto na anterior direção) foi despromovido a subeditor. Os conteúdos televisivos de desporto também sofreram alterações na programação, especialmente depois da nova direção ter anunciado o fim dos programas com comentadores afetos a clubes desportivos. Nos programas anteriores («*Prolongamento*» e «*Livre e Direto*»), o debate centrou-se maioritariamente numa troca de argumentos entre os comentadores, mas com base em orientações clubísticas. No dia da apresentação oficial da nova direção - 01 de setembro de 2020 -, Joaquim Sousa Martins justificou a decisão com a necessidade de acabar com o clima de ódio e crispação no futebol português. Com o intuito

de produzir novos formatos de desporto, Anselmo Crespo nomeou João Guilherme como o novo coordenador de programas de desporto.

Sob a supervisão da direção, João Guilherme foi responsável pela criação de alguns programas de desporto da TVI 24, como «*A Equipa*» [Com a moderação de Joaquim Sousa Martins e os comentários de Manuel Cajuda, Rui Pedro Braz e Cândido Costa] e os «*Einsteins*» [Com a apresentação de Cláudia Lopes e os comentários de Costinha, Dany, Vitor Manuel Oliveira e Pedro Henrique]. Ao contrário do que se sucedia anteriormente, os novos programas têm um segmento de dez minutos disponível para falar sobre as restantes modalidades. Ainda que o tema predominante seja o futebol, verificou-se que houve interesse da nova direção para promover um debate sobre as restantes modalidades. Depois das mudanças nos conteúdos e na redação, a TVI anunciou a criação de um segmento de *fact-checking* diário no *Jornal das Oito* (J8), intitulado por *Hora da Verdade*. Anselmo Crespo evidenciou a necessidade de criar um projeto de verificação de factos, com o intuito escrutinar as declarações dos interlocutores no espaço mediático.

### **2.1.1. Projeto de *fact-checking*: *Hora da Verdade***

De acordo com Pedro Benevides (2020, cf. Apêndice 1), a parceria da TVI com o *Observador* deve-se ao facto dos jornalistas se depararem diariamente com o excesso de informação proveniente da agenda, das redes sociais e dos conteúdos internacionais. A TVI tem um canal de notícias de 24 horas por dia, em que os profissionais de jornalismo trabalham ao minuto para uma renovação constante da informação. Por este motivo, Pedro Benevides (2020, cf. Apêndice 1) considera que se perde “a reflexão daquilo que é dito pelos vários atores que entram no palco mediático”, sejam da área da política ou de outras áreas.

A nova direção de informação da TVI sentiu a necessidade de estabelecer uma parceria com o *Observador*, com o intuito de combater a ausência de recursos humanos para a verificação interpretativa dos factos (Benevides, 2020, cf. Apêndice 1). Neste momento, Pedro Benevides (2020, cf. Apêndice 1) considera que “a TVI não tem capacidade, por razões de ordem financeira e estrutural, para assegurar a verificação de factos”. Pedro Benevides (2020) explica ainda que a verificação de factos realizada no segmento da *Hora*

*da Verdade* se assemelha a um teste do polígrafo, onde os jornalistas escrutinam ao máximo as declarações dos intervenientes. Segundo Pedro Benevides (2020), os jornalistas não têm tempo para fazer uma verificação de factos mais aprofundada devido ao trabalho diário na redação. Por consequência, os discursos dos intervenientes da esfera mediática acabam por não ser devidamente filtrados, conforme indica o seguinte excerto da entrevista ao coordenador do *Hora da Verdade*:

“O jornalista responsável pela notícia não vai ter muito tempo para verificar se aquela declaração já foi dita anteriormente ou se corresponde completamente à verdade. Portanto, o jornalista faz uma peça com rigor, atribuindo as declarações aos intervenientes, mas não teve tempo de fazer outro tipo de trabalho”.

- Pedro Benevides, coordenador do *Hora da verdade*.

No atual contexto mediático, Pedro Benevides (2020) explica que é muito fácil divulgar informações incorretas e, por este motivo, considera que a parceria da TVI com o *Observador* é uma mais-valia para o canal. Segundo o próprio, os profissionais responsáveis pela verificação de factos trabalham de acordo com um livro de estilo que os obrigam a realizar relatórios imparciais e transparentes. Em 2015, o *Observador* foi o primeiro órgão de comunicação social português da *Rede Internacional de Fact-Checking*. Em território nacional, só há dois órgãos de comunicação que estão creditados na *Rede Internacional de Fact-Checkers* - que junta órgãos de informação especializados em verificação de factos do resto do mundo -, entre os quais: *Observador* e *Polígrafo* (Benevides, 2020, cf. Apêndice 1). Esta parceria não é inédita em Portugal, dado que o diretor de informação da SIC anunciou a criação de um projeto de verificação de factos com o *Polígrafo*,

Sobre a área de atuação do projeto de *fact-checking* da TVI, Pedro Benevides (2020, cf. Apêndice 1) refere que todos os conteúdos que fazem parte da atualidade, incluindo os de desporto, podem ser alvo de uma verificação de factos. Há um formato diário do segmento da *Hora da Verdade* no *Jornal das Oito* (J8), em que as declarações dos intervenientes do espaço mediático são escrutinadas ao máximo. Pedro Benevides (2020) destacou as declarações de António Costa, primeiro-ministro português, e de Donald Trump, presidente

dos EUA, como aquelas que surgem maioritariamente no programa de *fact-checking*. Existe ainda um segmento de *fact-checking* semanal no *Jornal das Oito* (J8) de domingo, que promove um olhar mais atento sobre as informações que circulam nas redes sociais.

De acordo com a ERC (2019), as informações circulam a grande velocidade nas redes sociais, tornando-se, por isso, virais num curto espaço de tempo. Nesse sentido, o novo projeto da TVI pode optar pela verificação de factos de uma informação da área da política, economia, justiça ou educação (Benevides, 2020, cf. Apêndice 1). Pode, inclusive, ser uma declaração de um interlocutor de desporto, caso seja uma declaração impactante e que justifique uma verificação mais aprofundada. Ainda assim, Pedro Benevides (2020) considera que as verificações de factos sobre as declarações dos políticos são aquelas que predominam no espaço mediático. O processo de verificação de factos trata-se de uma análise de casos pertinentes, que revela a necessidade de existir uma averiguação mais profunda. Tal como refere Pedro Benevides (2020, cf. Apêndice 1), a TVI recorre aos relatórios de *fact-checking* do *Observador* e adapta-os ao formato televisivo para serem exibidos na versão diária e semanal do *Jornal das Oito* (J8).

No que respeita aos procedimentos da verificação de factos, Pedro Benevides (2020) revela que, primeiro, escolhe-se uma frase de um dos intervenientes da esfera mediática. De seguida, a frase deve ser isolada para se ter a noção do início e do fim da área sobre a qual o jornalista vai fazer a verificação de factos (Benevides, 2020, cf. Apêndice 1). Portanto, Pedro Benevides (2020) explica que não pode ser um discurso inteiro, exceto nos casos em que são várias verificações de factos. Revela ainda que tem de ser uma frase específica, cuja verificação pode determinar se aquele excerto é verdadeiro, errado, inconclusivo ou enganador. Em função do tema, Pedro Benevides (2020, cf. Apêndice 1) refere também que são consultadas várias fontes, entre as quais: “dados estatísticos oficiais”; “intervenientes ligados diretamente às declarações em causa”; “declarações antigas da própria fonte”; e “artigos ou obras científicas publicadas”.

Na prática, faz-se um estudo exaustivo sobre aquela matéria, recorrendo-se a uma escala de classificação. Tal como refere Pedro Benevides (2020, cf. Apêndice 1), a declaração pode estar “certa”, ou seja, a declaração está factualmente correta; pode ser

“esticada” na medida em que a frase até tem dados verdadeiros, mas está colocada para dar a entender algo que não corresponde totalmente à verdade; pode ser “inconclusiva”, o que significa que o jornalista não consegue confirmar a informação. Nos casos em que o resultado é “inconclusivo”, Pedro Benevides (2020) explica que o jornalista deve explicar aos telespetadores todos os detalhes da verificação de factos, bem como a forma como chegou a um “beco sem saída”. Na prática, o jornalista deve explicar o motivo pelo qual não conseguiu determinar a veracidade da declaração (Benevides, 2020, cf. Apêndice 1). Na *Hora da Verdade*, é possível explicar aos expectadores os passos que foram dados para se fazer a verificação de factos. Por último, as declarações também podem ser “enganadoras” ou factualmente “erradas”, ou seja, a frase, por si só, indica uma ideia contrária à realidade.

### **III. Análise de dados: o estágio na TVI**

#### **1. Experiência profissional**

Importa salientar que, neste primeiro ponto, optou-se por relatar alguns dos acontecimentos ocorridos no estágio curricular através da primeira pessoa do singular. Por se tratar de uma experiência individual, é mais enriquecedor relatar os eventos na primeira pessoa, sob pena de perder alguma da reflexividade obtida durante o estágio. Desde o início do estágio que percebi a exigência de trabalhar numa estação televisiva como a TVI. Nos primeiros dias de estágio, o editor de desporto, Bruno Ferreira, explicou-me a importância de trabalhar no canal, bem como todas as responsabilidades que acarreta. Entrei numa altura em que a direção do canal estava pressionada para ganhar as audiências à concorrência. Há cerca de dois anos, a TVI começou a perder as audiências em toda a linha contra a estação rival. Por este motivo, e assente no slogan - «*a mudança começa agora*» -, a direção da TVI renovou a programação do canal, desde o entretenimento até à informação.

Depois de Nuno Santos ter sido nomeado diretor-geral do canal, exigia-se mais e melhor ao Departamento de Informação da TVI, no qual se inclui naturalmente a Editoria de Desporto. A par de Nuno Santos, o novo diretor de informação da estação televisiva, Anselmo Crespo, procurou seguir uma linha de informação mais rigorosa e com o menor número de erros possíveis nas reportagens.

##### **1.1. O primeiro dia de estágio**

Iniciei o meu período de estágio no dia 17 de fevereiro de 2020, na *Televisão Independente* (TVI), localizada na Rua Mário Castelhana, N.º 40, em Queluz de Baixo. O primeiro dia foi particularmente preenchido, desde logo porque estive a visitar as instalações e a tentar compreender as rotinas e dinâmicas de trabalho na redação. Cheguei às instalações da TVI por volta das 09:50. Pouco depois, fui recebido por Rita Branco, diretora dos recursos humanos do canal, e que teve o cuidado de me explicar detalhadamente o funcionamento dos diferentes departamentos do *Grupo Media Capital*. De seguida, foi-me dado o cartão de acesso às instalações e um cartão de alimentação (com um valor de 7,23€ por dia) para

utilizar nos períodos de refeição. Durante a reunião, ficou definido que Bruno Ferreira seria o meu orientador de estágio. Em relação à duração de estágio, também ficou decidido que permaneceria três meses, sendo que poderia ficar mais três meses caso fosse necessário.

Num primeiro momento, ficou estipulado um estágio de três meses na Editoria de Desporto da TVI. Posteriormente, devido à necessidade de compreender melhor a articulação entre o respetivo canal e o *Mais Futebol*, pedi um prolongamento do período de estágio ao GABEST - Gabinete de Estágios da ESCS. Além disso, o prolongamento do estágio permitiu-me identificar as mudanças na linha editorial da informação da TVI e perceber os moldes do novo projeto de *fact-checking* da TVI (em parceria com o *Observador*). Assim, o período de estágio foi renovado até ao dia 27 de novembro de 2020. Ainda assim, importa revelar que a recolha de dados terminou no dia 24 de setembro de 2020, altura em que foi recolhido o material necessário para verificar as alterações registadas na Editoria de Desporto e na linha editorial da TVI. Além disso, o término do período de recolha de dados na data estipulada está relacionado com a necessidade de entregar o presente relatório de estágio em tempo útil.

Após a reunião com Rita Branco, fui encaminhado para a redação de informação. A Editoria de Desporto situa-se no 2.º piso e está relativamente isolada das restantes secções, que se encontram no 1.º piso. Desde logo, fui recebido da melhor forma possível pelos meus colegas e, em particular, por Nuno Travassos, editor de desporto da TVI e do *Mais Futebol*. Dada a ausência de Bruno Ferreira, Rita Branco deixou-me sob a supervisão de Nuno Travassos. No fim da receção de boas-vindas, Nuno Travassos desejou-me sorte e disponibilizou-se, de imediato, para me ajudar no que fosse preciso.

A redação esteve em alvoroço devido ao caso de racismo que ocorreu durante o jogo entre o Vitória S.C. e o F.C. Porto. Os adeptos vimaranenses entoaram cânticos racistas contra Moussa Marega, jogador do F.C. Porto, numa altura em que o Vitória S.C. perdia por 2-1 no Estádio D. Afonso Henriques, em Guimarães. Durante grande parte do jogo, Moussa Marega foi alvo de insultos racistas por parte da claque adversária e acabou por sair de campo quando corria o minuto 71 da partida. Devido à polémica do «Caso Marega», a jornalista de desporto, Mary Caiado, ficou responsável por fazer uma peça noticiosa sobre outras

situações de racismo que já ocorreram anteriormente no futebol mundial. No entanto, surgiram complicações por não existirem imagens de alguns dos casos de racismo. Perante estas limitações - e após um período de deliberação -, Nuno Travassos e Mary Caiado decidiram colocar na peça televisiva os casos de racismo de Mário Balotelli, jogador de futebol do Brescia Calcio, e de Romelu Lukaku, jogador de futebol do Inter de Milão F.C. Na origem da decisão, esteve a existência de imagens explícitas sobre os insultos racistas, que foram devidamente denunciados pelos respetivos jogadores em conferência de imprensa.

Depois do almoço, acabei por conhecer Sérgio Pereira, diretor executivo do *Mais Futebol*, e a restante equipa do jornal desportivo *online*. Os jornalistas da Editoria de Desporto da TVI têm fortes vínculos de confiança com a equipa do jornal desportivo *online*. Neste sentido, Nuno Travassos apresentou-me à equipa do *Mais Futebol* para ficar a conhecer os parceiros de trabalho da Editoria de Desporto. Ao final da tarde, levou-me à régie para assistir à gravação do programa «*Mais Ligas*», apresentado pela jornalista Catarina Cardoso. Na régie, Hugo Matias, editor de desporto, explicou-me as funções de todos os elementos da régie. Durante o programa, explicou-me ainda quando é que os jornalistas deveriam de fazer as pausas para entrar as peças sobre os resumos dos jogos de futebol. No fim do programa, Hugo Matias levou-me ao estúdio para conhecer os apresentadores e os espaços onde são gravados os principais programas de desporto da TVI 24, como o «*Prolongamento*», «*Mais Bastidores*» ou «*Mais Transferências*». Por volta das 17:30, Nuno Travassos deu-me autorização para abandonar as instalações da TVI. De seguida, explicou-me que tinha sido um dia atípico devido ao «Caso Marega» e que, nos dias seguintes, a equipa iria ter mais tempo para me integrar.

## **1.2. Rotinas e dinâmicas da Editoria de Desporto**

No caso concreto da Editoria de Desporto, os dias nunca foram iguais. Houve dias, em que o trabalho foi reduzido, mas também houve outros em que existiu uma autêntica corrida contra o tempo. Num primeiro momento, comecei por entrar às 09:00 e sair às 17:00. Contudo, devido à necessidade de ajudar no alinhamento do «*Mais Bastidores*» e do «*Mais Transferências*», mudaram-me para o seguinte horário: das 10:00 às 18:00.

Embora os dias não fossem iguais, houve rotinas de trabalho que permitiram aos jornalistas estar a par dos acontecimentos, como manter os *websites* dos principais jornais desportivos abertos no computador; e ter as notificações do *Twitter* ativadas para ter acesso aos comunicados divulgados pelos clubes desportivos ao minuto. Na redação, procurei sempre ter todos os jornais desportivos nacionais e internacionais acessíveis a qualquer momento, com o intuito de estar a par da atualidade desportiva. Além disso, o jornalista de desporto, Paulo Pereira, explicou-me algumas das dinâmicas de trabalho na redação, realçando a necessidade de ter sempre as ferramentas mencionadas disponíveis. Esta rotina de trabalho permite agilizar a criação de peças noticiosas e monitorizar, em simultâneo, as notícias dos restantes órgãos de comunicação social.

Com o intuito de promover rotinas de trabalho, Paulo Pereira aconselhou-me a consultar toda a atualidade desportiva, especialmente para ter noção dos assuntos que estão na ordem do dia. Para ter acesso ao «*iNews*»<sup>11</sup>, também me explicou que os jornalistas precisam de um nome de utilizador e de uma palavra-passe, ambos fornecidos pelo Departamento de Recursos Humanos. Após a ativação do *login*, os jornalistas podem escrever e alterar os textos disponíveis no alinhamento dos programas, bem como proceder à alocação de *clipes* no servidor. Com base no período de estágio, foi possível observar que os editores se reúnem duas vezes por dia para discutir o alinhamento dos principais telejornais do canal. A primeira reunião ocorre sempre por volta das 08:00, onde é definido o alinhamento do *Jornal da Uma* (J1). Por volta das 11:00, existe uma nova reunião para ser definido o alinhamento do *Jornal das Oito* (J8). Contudo, o acesso às reuniões esteve sempre interdito, sendo apenas autorizada a entrada dos elementos da direção de informação.

Durante o período da manhã, prestei apoio à redação, especialmente quando tive de realizar «*OFF'S*»<sup>12</sup> ou «*Talking Heads*»<sup>13</sup> sobre a atualidade desportiva. Na prática, fiz um

---

<sup>11</sup> «*iNews*» - Servidor que serve de base para a construção dos alinhamentos dos espaços informativos, com a respetiva inserção de conectores, bem como a alocação de peças noticiosas ou *clipes*.

<sup>12</sup> «*OFF*» - Termo técnico utilizado pelos jornalistas para se referirem a uma notícia breve em televisão, com a leitura do texto a ser conduzida pelo *pivot*.

<sup>13</sup> «*Talking Heads*» - Vivos ou declarações dos intervenientes.

trabalho idêntico aos restantes jornalistas da redação, exceto dar voz às peças televisivas. Tive, inclusive, a oportunidade de sair em reportagem sozinho desde que não fosse necessária a realização de diretos televisivos. Segundo os estatutos da empresa, os estagiários não podem estar em diretos televisivos. Por este motivo, a TVI rejeitou enviar-me em qualquer saída que envolvesse um direto televisivo.

No período da tarde, dediquei-me maioritariamente à preparação dos alinhamentos do «*Mais Bastidores*» ou do «*Mais Transferências*». De início, comecei por criar apenas os *clipes* dos temas em análise. Os assuntos variaram consoante os dias. Neste sentido, houve dias em que tive de reunir imagens de um só jogador, como também houve outros em que tive de fazer um *clipe* com imagens de treino sobre um clube específico. Dois meses depois, foi-me dada mais responsabilidade e comecei a ter acesso prévio aos temas do alinhamento. A partir desse momento, fiquei responsável por colocar os temas do alinhamento no programa do «*iNews*» e criar, de seguida, os *leads*, oráculos e textos *pivot* dos respetivos tópicos em análise. Além de inserir os conectores no alinhamento, também tive a oportunidade de cortar declarações e de legendar vivos sempre que fosse necessário.

Durante o período de estágio, o programa foi transmitido, de segunda a sexta-feira, na TVI 24, por volta das 18:00. Os temas em análise no programa surgiram em função da atualidade desportiva. Os comentadores do «*Mais Bastidores*» e «*Mais Transferências*» definiram, em conjunto, os temas que foram abordados no programa. Rui Pedro Braz, comentador habitual do programa, criou a esmagadora maioria dos alinhamentos. Porém, os restantes comentadores, como Nuno Dias, Cândido Costa e Luís Vilar, também sugeriram alguns dos temas debatidos. Tal como refere Mary Caiado (2020, cf. Apêndice 3), o «*Mais Bastidores*» e o «*Mais Transferências*» são vistos pelos jornalistas da Editoria de Desporto da TVI como um programa de análise e especulação de mercado. De segunda a sexta-feira, os comentadores do programa enviam previamente os temas do alinhamento para um grupo de *WhatsApp*, onde estão presentes os editores, apresentadores e comentadores dos programas. Deste modo, todos os elementos daquele grupo podem ter acesso ao alinhamento e sugerir alguma alteração caso seja necessário. Assim que o alinhamento fosse disponibilizado, Mary Caiado reencaminhava-o imediatamente para mim. Desta forma,

conseguia adiantar o trabalho e ajudar em eventuais correções ou acrescentar novos temas ao alinhamento, caso fosse necessário.

Ao longo do período de estágio, os temas dos alinhamentos foram sempre definidos pelos comentadores. Segundo Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3), os comentadores são responsáveis pela recolha de informações sobre as transferências de jogadores, polémicas ou potenciais reforços. Sobre o papel dos jornalistas no programa, Mary Caiado (2021) explica que estes “devem moderar o debate” e deixar explícito que “as informações são da autoria dos comentadores”. Durante o período de estágio na TVI, trabalhei sempre em articulação com o apresentador do programa e com o responsável de régie. Entre os apresentadores do programa, figuraram os seguintes jornalistas: Andreia Palmeirim, Catarina Cardoso, Henrique Mateus, João Pedro Rodrigues e Paulo Pereira. Trabalhei também com os seguintes coordenadores de régie: Pedro Ramalho, Pedro Rosmaninho e Mary Caiado.

A estrutura do «*Mais Bastidores*» é idêntica à do «*Mais Transferências*», o que diferencia ambos os formatos televisivos é o respetivo período de transmissão. O programa designa-se «*Mais Bastidores*» quando o mercado de transferências está fechado. Neste sentido, os temas em análise são maioritariamente sobre os jogos de futebol e as respetivas polémicas. O programa passa a ser designado de «*Mais Transferências*» quando se inicia o mercado de transferências em Portugal. Os assuntos debatidos estão relacionados com as movimentações de mercado por parte dos clubes, bem como os eventuais rumores de mercado. Em síntese, a estrutura mantém-se igual com a exceção da alteração no *layout* e no cenário de fundo do programa. Os comentadores, apresentadores e coordenadores de régie são os mesmos nos dois programas.

Por fim, também atualizei o conteúdo noticioso do «*Ticker*»<sup>14</sup>, colocando em destaque as informações desportivas de maior relevância em rodapé. Se a informação de rodapé estiver a negro, trata-se de uma notícia normal. Caso esteja a vermelho, significa que a notícia é de destaque. Por último, se o conteúdo noticioso for de última hora, deve-se colocar a amarelo, sendo que as restantes notícias ficam momentaneamente desativadas.

---

<sup>14</sup> «*Ticker*» - Ferramenta de atualização das notícias de rodapé da TVI e TVI 24.

### 1.2.1. A redação no período pós-confinamento

Após a suspensão temporária do estágio - devido à evolução da pandemia da COVID-19 -, mantive um contacto frequente com os elementos da Editoria de Desporto, especialmente para ter conhecimento das alterações na redação. Num primeiro momento, apenas alguns elementos da redação utilizaram máscaras. Posteriormente, as medidas de proteção e higienização foram reforçadas e tornadas obrigatórias na redação.

Depois de ter sido decretado o confinamento obrigatório, a direção da TVI optou pelo sistema de turnos com 15 dias em regime presencial e 15 dias em teletrabalho. Devido à sua versatilidade, os jornalistas da Editoria de Desporto deram apoio às restantes editorias quer na produção de peças quer na realização de diretos televisivos. Os apresentadores dos programas desportivos também passaram a apresentar os blocos de informação da TVI 24. Durante o período de confinamento, as notícias de desporto foram mais reduzidas, já que o governo decretou a suspensão do desporto nacional. Nesta altura, tal como refere Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5), os jornalistas de desporto da TVI deram apoio ao *website* e escreveram pontualmente para o *Mais Futebol*. À semelhança de outros colegas, Catarina Cardoso (2021) ajudou na preparação do *Diário da Manhã*, já que houve uma redução significativa do número de jornalistas de apoio ao telejornal.

Após o levantamento do período de confinamento, a redação, tal como conheci em fevereiro de 2020, nunca mais foi igual. Regressei à redação no dia 29 de junho de 2020 e monitorizaram-me a temperatura corporal à entrada. Posteriormente, Rita Branco, diretora de recursos humanos da TVI, forneceu-me cinco máscaras de proteção. A equipa de segurança ficou responsável pela medição da temperatura à entrada das instalações. Na receção - e ao longo da redação -, foram disponibilizados vários fracos de desinfetante, com o intuito de promover a higienização das mãos dos trabalhadores.

A redação, a régie e as casas de banho foram alvos de uma desinfeção constante por parte da equipa de limpeza, contratada pela TVI. Como não foi possível disponibilizar um computador por jornalista, a direção também forneceu frascos de desinfetante próprios para higienizar os equipamentos. Embora não fosse obrigatória, a desinfeção do *hardware* foi uma recomendação do Departamento de Recursos Humanos da TVI e da Direção Geral da

Saúde. Além disso, a utilização de máscara passou a ser obrigatória nas instalações, à exceção dos momentos em que os trabalhadores se encontrem em períodos de refeição no bar ou refeitório. A lotação máxima dos espaços de refeição foi reduzida e passou a ser monitorizada por um segurança, com o intuito de impedir grandes aglomerados de pessoas.

O impacto da COVID-19 também teve repercussões no desporto, com os principais clubes a restringirem a entrada de pessoas nas habituais conferências de imprensa. Os principais clubes portugueses pediram aos órgãos de informação para enviarem apenas um jornalista. Na origem da decisão, esteve a necessidade de reduzir as conferências de imprensa ao pessoal estritamente necessário. Durante as conferências de imprensa no período pós-confinamento, os canais televisivos do F.C. Porto, S.L. Benfica e Sporting C.P. partilharam o sinal de transmissão com a restante comunicação social. Tal como foi possível verificar através do comunicado enviado pelo Sporting C.P. - e facultado pelo jornalista João Paiva [ver anexo 2] -, os órgãos de informação portugueses ficaram dispensados de enviar os repórteres de imagem para o terreno. Da mesma forma, os jornalistas foram impedidos de tocar nos equipamentos dos clubes e tiveram de respeitar o distanciamento social nas conferências de imprensa. Por razões de ordem desconhecida, os restantes clubes portugueses não possuem canais de comunicação. Neste sentido, a solução encontrada pela direção da Liga foi realizar as conferências de imprensa via *Zoom* ou *Skype*. Desta forma, os clubes conseguiram cumprir as normas recomendadas pela Direção Geral da Saúde e cumprir os regulamentos da Liga de Futebol Profissional.

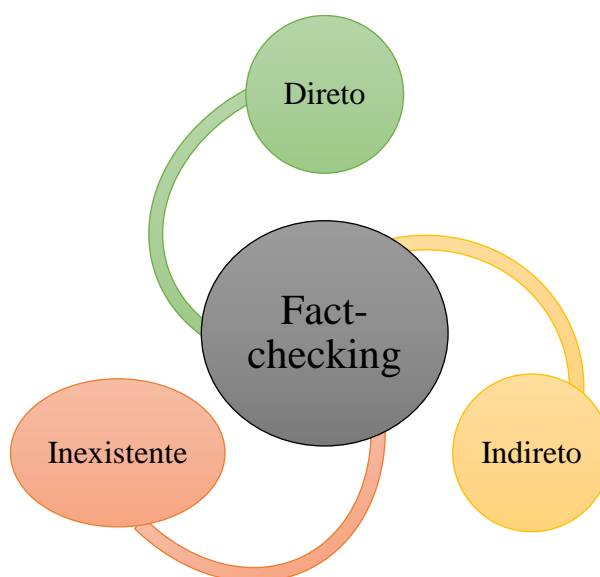
Além disso, João Paiva (2021, cf. Apêndice 4) também referiu que alterou o meio de transporte para se deslocar para o trabalho. Por não ter viatura própria, optou por ir de táxi para a TVI, evitando grandes aglomerados de pessoas nos transportes públicos (Paiva, 2021, cf. Apêndice 4). Entre as alterações registadas na redação no período do pós-confinamento, destaca-se ainda o aumento do número de entrevistas realizadas por *Skype* e *Zoom*. Devido ao elevado risco de contágio, a Editoria de Desporto teve de se adaptar a uma nova realidade. As entrevistas presenciais foram reduzidas ao máximo e foi dada preferência às entrevistas *online*. Alterou-se o formato convencional de entrevistas e restringiu-se ao máximo o contacto presencial, optando-se, sempre que possível, por entrevistas *online*. Por último, devido à necessidade de minimizar o risco de contágio, os estagiários deixaram de poder

acompanhar os jornalistas nas respectivas reportagens. Foram várias as alterações registadas na redação após o período de confinamento. Porém, o uso obrigatório da máscara, a restrição de pessoas em eventos e o recurso às conferências de imprensa em formato *online* foram as mudanças que mais se destacaram.

## 2. As três modalidades de *fact-checking* na Editoria de Desporto

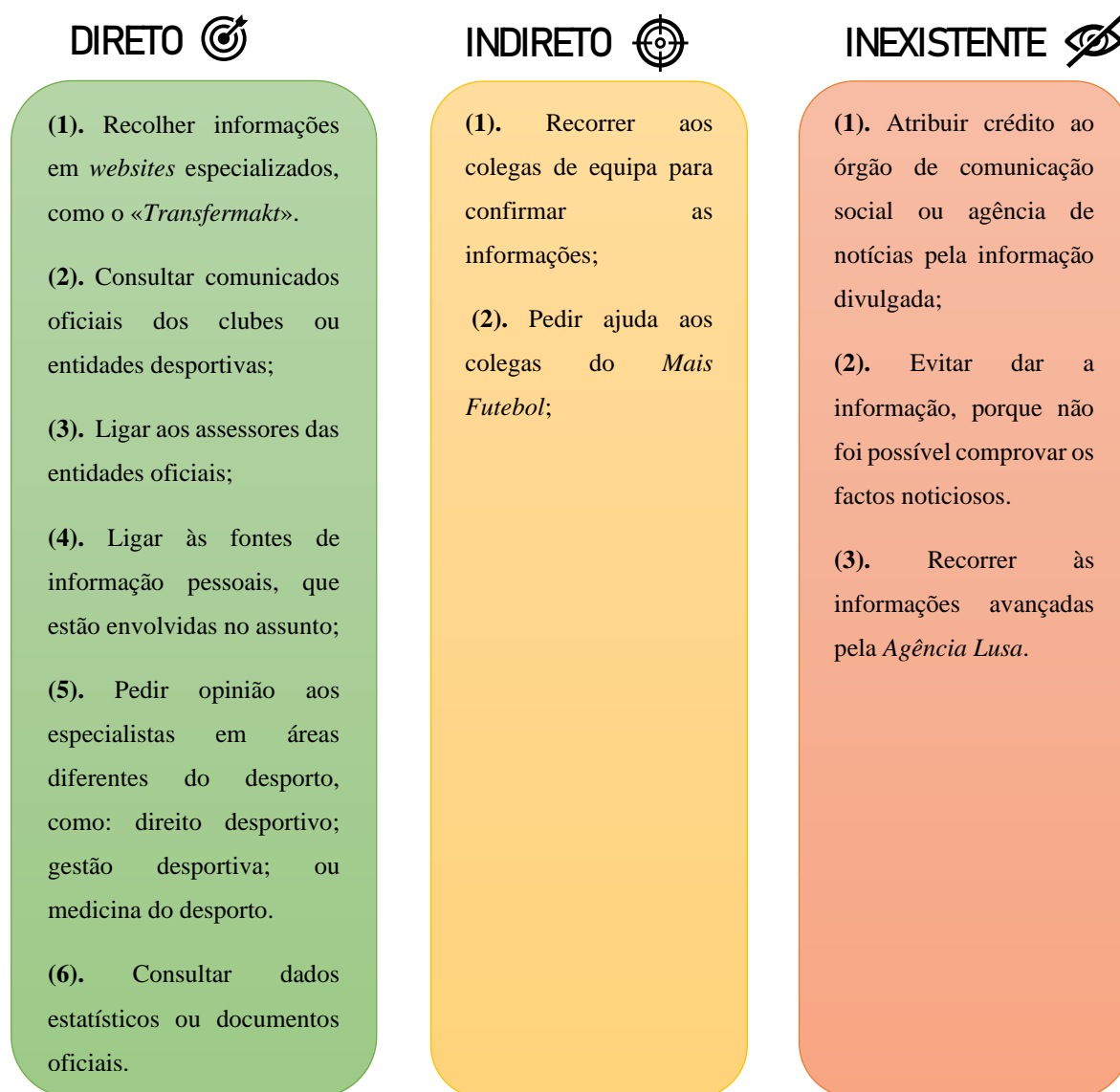
A observação do trabalho realizado na redação permitiu identificar os diferentes mecanismos de verificação de factos dos jornalistas da Editoria de Desporto da TVI. Desta forma, também foi possível dar resposta ao primeiro objetivo do presente relatório de estágio: identificar as atitudes dos jornalistas da TVI relativamente ao processo de *fact-checking* na Editoria de Desporto. A verificação de factos pode ser realizada de forma direta, indireta e, em último caso, até pode ser inexistente. Tendo em conta a complexidade do processo, criou-se uma figura que ilustra a forma como o processo de *fact-checking* se coloca na Editoria de Desporto da TVI:

Figura 5 - Processo de *fact-checking* na redação



Na tentativa de explicar a figura acima, verificou-se que existem três modalidades de *fact-checking* na Editoria de Desporto da TVI. A verificação de factos direta ocorre quando o processo é assegurado pelo próprio jornalista e não há, por isso, espaço para a intervenção de um colega de profissão. Em oposição, a verificação de factos indireta ocorre quando o jornalista recorre aos colegas de profissão ou às chefias para tentar confirmar a informação. Por último, também há situações em que o jornalista opta por dar crédito ao órgão que divulgou a informação. Neste último caso, designou-se de verificação de factos inexistente, dado que foram esgotadas todas as possibilidades para confirmar as informações [ver figura 6].

Figura 6 - *Fact-checking* na Editoria de Desporto da TVI.



## 2.1. Quando é que o *fact-checking* é realizado de forma direta?

Ao longo do período de observação, percebeu-se que a verificação de factos foi realizada de forma direta quando o jornalista assumiu, em absoluto, o processo e recorreu a um conjunto de mecanismos para verificar as informações, tais como: (1) a consulta de informações em *websites*; (2) a consulta de comunicados oficiais; (3) as chamadas telefónicas para os assessores quando as informações disponibilizadas nos comunicados não eram totalmente explícitas; (4) o recurso às fontes de informação não oficiais e ligadas indiretamente ao assunto; (5) às opiniões de especialistas de diferentes áreas do desporto, como profissionais de medicina, intervenientes do direito desportivo ou elementos com formação na área da infeciologia [devido aos recentes casos de infeção por COVID-19 no futebol]; ou (6) à consulta de dados e estatísticas oficiais de entidades desportivas.

### 2.1.1. Consulta de informações em *websites* especializados

Após observado o trabalho diário na redação, verificou-se que os jornalistas de desporto se depararam frequentemente com o problema da confirmação de alguns dados, como o número de jogos, golos ou assistências de jogadores. Por vezes, os valores das transferências dos jogadores também provocaram incertezas nos jornalistas, obrigando-os a confirmar os dados. Veja-se o exemplo de uma reportagem sobre a lesão de João Félix - avançado do Atlético de Madrid -, que foi elaborada por João Paiva na sequência de um pedido da chefia direta. Antes de escrever a notícia, e como habitual, este jornalista abriu o *website* do *Mais Futebol* para consultar a notícia sobre a lesão do jogador. Por uma questão de confiança e proximidade, também se percebeu que o *Mais Futebol* se tornou uma ferramenta de auxílio para os jornalistas de desporto da TVI [Ver ponto 2.2.2.].

De seguida, João Paiva cruzou a informação do *Mais Futebol* com os dados presentes no comunicado oficial emitido pelo Atlético de Madrid. Pouco depois, verificou que as informações coincidiram. Porém, durante a elaboração do texto para a *voz-off* da peça, surgiu-lhe a dúvida sobre se João Félix foi a terceira ou a quarta transferência mais cara de sempre do futebol mundial. Para confirmar a informação, o jornalista de desporto consultou dois *websites* especializados em transferências. No «*Goal*», o avançado português surgiu

como a terceira transferência mais cara. Já no «*Transfermarkt*», apareceu como a quarta transferência mais dispendiosa, atrás de Phillipe Coutinho, avançado do F.C. Barcelona, cujo valor pode ainda ascender aos 145 milhões de euros mediante a concretização de objetivos.

Perante os dados encontrados, João Paiva optou por fazer a avaliação através do valor base pago pelo clube. O montante gasto na transferência de João Félix atingiu os 127 milhões de euros e ultrapassou em sete milhões o valor pago na mudança de Phillipe Coutinho para o F.C. Barcelona. Portanto, com base neste e noutros casos observados na redação, chegou-se à conclusão de que os *websites* especializados em desporto também serviram como um importante mecanismo de auxílio para confirmar as informações.

### **2.1.2. Consulta das informações em comunicados oficiais**

Em meados de março de 2020, ocorreu um aumento de novas infeções por COVID-19, obrigando as entidades organizadoras a adiar ou a suspender as competições profissionais. Por este motivo, a EDP Meia Maratona emitiu um comunicado a dar conta do adiamento da competição para os dias 5 e 6 de setembro de 2020. Ao ter conhecimento da situação, Luís Ferreira, editor de desporto, pediu-me para fazer um «*OFF*» sobre o adiamento da competição. A informação chegou através de um comunicado oficial - enviado por *e-mail* para a conta de Luís Ferreira -, por parte da entidade organizadora da competição.

Depois de concedido o acesso ao *e-mail*, percebeu-se que o conteúdo do comunicado enviado por Maria Simões, representante da EDP Meia Maratona de Lisboa, serviu de base para a criação do «*OFF*» <sup>[ver anexo 1]</sup>. O elevado risco de contágio por COVID-19 levou ao adiamento da prova, que inicialmente esteve marcada para os dias 21 e 22 de março de 2020. O presente exemplo ilustrou a forma como os jornalistas confirmaram, por diversas ocasiões, as informações na redação. Os comunicados oficiais também foram um importante mecanismo de confirmação de factos e um dos meios mais utilizados pelos jornalistas de desporto para sustentar as peças informativas.

### 2.1.3. Contacto com os assessores de imprensa

Além dos mecanismos de verificação de factos já mencionados, o contacto com os assessores dos clubes, organizações ou entidades desportivas revelou-se determinante para confirmar as informações. No dia 17 de setembro de 2020 - já no prolongamento do estágio -, as equipas profissionais masculinas de basquetebol e voleibol do Sporting C.P. apresentaram casos positivos à COVID-19. De acordo com o *Jornal Abola*, o treinador da equipa de basquetebol masculino, Luís Magalhães, e o seu adjunto, Flávio Nascimento, testaram positivo ao novo coronavírus. Este jornal desportivo noticiou ainda que os dois treinadores não compareceram no jogo disputado no Pavilhão João Rocha, dado que já tinham apresentado sintomas da doença e o clube optou por colocá-los em isolamento.

Na mesma notícia, o *Jornal Abola* deu conta de que o treinador da equipa masculina de voleibol, Gerson Amorim, também acusou positivo à COVID-19. Depois de ter visto a notícia, Bruno Ferreira pediu-me para fazer um «OFF» e forneceu-me os contactos dos assessores das modalidades do Sporting C.P. para confirmar as informações que vieram a público. Num primeiro momento, forneceram-me o contacto de André Leitão, mas o assessor de modalidades do clube leonino deixou de exercer funções. Depois, em alternativa, Sérgio Pereira, diretor do *Mais Futebol*, disponibilizou-me o contacto telefónico de um outro assessor de modalidades do Sporting C.P. Desta feita, ao telefone, Sérgio Cavaleiro confirmou-me apenas o teste positivo de Luís Magalhães e Gerson Amorim, mas referiu, de seguida, “não ter conhecimento” de uma infeção de Flávio Nascimento.

Depois de questionar Sérgio Cavaleiro sobre uma eventual quarentena dos atletas, respondeu-me apenas que “todos os intervenientes foram testados” e que seriam posteriormente avaliados pelos respetivos departamentos médicos. No fim da chamada, Sérgio Cavaleiro pediu-me apenas para não divulgar a sua identidade, já que não tinha a certeza se podia ter dado aquela informação. Por questões de confidencialidade, garantiu-se o anonimato da fonte na notícia. Posto isto, percebeu-se que a informação avançada pelo *Jornal Abola* sobre uma suposta infeção de Luís Nascimento foi prontamente negada pela fonte oficial do Sporting C.P. Neste caso específico, o contacto com o assessor foi fundamental para confirmar a identidade dos infetados por COVID-19.

Depois de serem conhecidos os detalhes da situação, Bruno Ferreira referiu o seguinte: “isto [confirmar as informações] é que é fazer jornalismo.” Esta declaração espelhou aquele que foi o período de observação, dado que existe uma valorização da verificação de factos e a necessidade de recorrer às fontes para confirmar as informações. Também foi possível perceber que Bruno Ferreira considerou a verificação dos dados como uma prática indispensável para o jornalismo. Assim, durante o período de estágio na TVI, concluiu-se que os comunicados e os assessores de imprensa foram os únicos mecanismos de confirmação de factos responsáveis por fornecerem posições oficiais dos clubes ou das entidades organizadoras. Também foi possível concluir que o recurso aos assessores de imprensa surgiu nos momentos em que os conteúdos presentes nos comunicados não foram explícitos ou quando foram avançadas novas informações por outros órgãos de informação.

#### **2.1.4. Contacto com fontes não oficiais**

Os comunicados e os assessores de imprensa foram responsáveis por fornecer aos jornalistas uma posição oficial por parte dos clubes, da Liga ou das Federações. No entanto, durante o período de estágio, também se percebeu que existem formas de se confirmar uma informação sem recorrer aos meios oficiais. Por exemplo, no dia 8 de março de 2020, o jornalista de desporto, João Pedro Rodrigues, foi destacado para acompanhar a chegada de Pedrinho, jogador de futebol do Santos F.C., ao Aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa. Durante várias semanas, Pedrinho foi apontado como o novo reforço do S.L. Benfica por órgãos de comunicação social estrangeiros e nacionais. Aliás, segundo informações veiculadas pela comunicação social portuguesa - incluindo a TVI -, o negócio ficou fechado pelo montante de 20 milhões de euros.

No próprio dia, Bruno Ferreira pediu-me para editar as imagens da chegada de Pedrinho ao Aeroporto e fazer um «*OFF*» sobre o acontecimento. Posteriormente, foi-me pedido para fornecer as imagens à equipa do *Mais Futebol*. Em chamada com Sérgio Pires, editor do *Mais Futebol* na cidade do Porto, fiz um resumo das declarações de Pedrinho à chegada ao Aeroporto de Lisboa. Naquele momento, João Pedro Rodrigues ouviu a conversa e referiu o seguinte: “o jogador vai assinar por cinco épocas e a reunião do jogador vai acontecer amanhã”. Terminada a chamada telefónica com Sérgio Pires, questionei João

Pedro Rodrigues sobre a origem daquela informação. Em resposta, garantiu-me que foi o agente do jogador que lhe deu os detalhes da transferência. O empresário acompanhou o atleta na chegada à capital portuguesa. Pouco depois, João Pedro Rodrigues fez uma peça televisiva sobre a iminente contratação de Pedrinho. Na reportagem sobre a contratação do jogador, o jornalista de desporto referiu que o avançado custou 20 milhões de euros ao clube da luz. Porém, naquela altura, o valor ainda não tinha sido confirmado.

Questionado novamente sobre a origem da informação, João Pedro Rodrigues limitou-se a responder que “houve informações de que o negócio iria ser concretizado por aqueles valores”. No dia 11 de março de 2020, o valor da transferência confirmou-se e o S.L. Benfica emitiu um comunicado à C.M.V.M. a revelar o montante envolvido no negócio. Ao longo do período de estágio na redação, tal como nesta situação, verificou-se que as fontes não oficiais também serviram como um dos mecanismos de verificação de factos, especialmente nos momentos em que as fontes oficiais não prestaram declarações.

#### **2.1.5. Recurso aos profissionais especializados**

Os jornalistas de desporto tiveram a necessidade de recorrer a alguns elementos de outras áreas relacionadas direta ou indiretamente com o futebol, nomeadamente os especialistas da área da infeciologia devido aos surtos de COVID-19. Desde março de 2020 - altura em que foi decretado o confinamento obrigatório -, foram convidados inúmeros médicos de saúde pública, como o doutor e epidemiologista, Ricardo Mexia, com o intuito de explicar as particularidades desta doença,

Durante o período de observação na redação, foram verificadas situações em que os jornalistas se socorreram de opiniões de especialistas nesta e noutras áreas para fazerem as suas peças noticiosas. Veja-se o caso que ocorreu no dia 13 de outubro de 2020, em que Cristiano Ronaldo, jogador profissional da Juventus F.C., testou positivo ao novo coronavírus durante um treino de preparação na seleção nacional. Neste dia - e ao longo dos 19 dias em que o jogador esteve infetado -, a Editoria de Desporto da TVI socorreu-se de diversos especialistas na área da infeciologia para determinar os perigos da doença. O facto

de Cristiano Ronaldo não apresentar sintomas levou a que os jornalistas da TVI pedissem opinião especializada de médicos de saúde pública e outros epidemiologistas.

Por se tratar de um jogador de dimensão mundial, a cobertura noticiosa que se deu ao estado de saúde de Cristiano Ronaldo foi enorme. O caso atingiu outras proporções depois de Cristiano Ronaldo se envolver numa polémica ao referir que os “testes de despistagem à COVID-19 eram uma mentira”. Uma frase que motivou diversas reações no espaço mediático e que levou os jornalistas da Editoria de Desporto da TVI a socorrerem-se de mais especialistas para determinar a eficiência dos testes, bem como o período de recuperação da doença. Após ter sido acompanhada esta situação, também se verificou que os jornalistas de desporto recorreram sempre que possível às opiniões de especialistas, especialmente nas ocasiões em que as peças noticiosas envolveram um conhecimento mais específico.

#### **2.1.6. Consulta de dados ou estatísticas oficiais**

De um modo geral, reparou-se que os jornalistas recorreram com alguma frequência aos dados estatísticos oficiais dos clubes e das instituições que tutelam o desporto. Por exemplo, na sequência da derrota surpreendente do S.L. Benfica frente ao C.S. Marítimo por 2-0, Luís Filipe Vieira admitiu a possibilidade de se demitir do cargo. Perante estas declarações, Andreia Palmeirim ficou responsável por fazer uma peça noticiosa sobre a possível demissão do presidente do S.L. Benfica. Devido à carga de trabalho, a jornalista de desporto pediu-me para confirmar o número de títulos conquistados pela equipa masculina de futebol do S.L. Benfica durante a presidência de Luís Filipe Vieira.

Na tentativa de se confirmar a informação - tal como foi indicado pelos jornalistas mais experientes -, consultou-se (acedido a 30 de junho de 2020) os *websites* oficiais do S.L. Benfica e da Federação Portuguesa de Futebol (FPF). Andreia Palmeirim pediu-me para verificar o número de títulos conquistados pela equipa de futebol profissional masculino desde 2003, altura em que Luís Filipe Vieira assumiu a presidência do clube. Após ter pesquisado no «*Transfermarkt*», a jornalista obteve a informação de que a equipa de futebol masculino do S.L. Benfica conquistou os seguintes títulos: 6 Campeonatos; 3 Taças de Portugal; 3 Supertaças Cândido de Oliveira; e 7 Taças da Liga. As informações retiradas do

«*Transfermarkt*» estavam, porém, desatualizadas, já que não foram incluídos os títulos conquistados nas épocas desportivas de 2018/2019 e 2019/2020.

Depois de confirmados os dados nas plataformas oficiais, verificou-se que a equipa de futebol profissional do S.L. Benfica conquistou 7 Campeonatos (em vez de 6); 3 Taças de Portugal; 5 Supertaças Cândido de Oliveira (em vez de 3); e 7 Taças da Liga. Este caso particular referiu-se aos títulos conquistados. Porém, durante o período de estágio, sucederam-se diversas incoerências sobre o número de jogos ou golos oficiais de jogadores, nomeadamente quanto às estatísticas de João Félix. Nestas ocasiões, a ferramenta mais fidedigna é sempre a consulta de dados oficiais. Segundo os jornalistas da Editoria de Desporto, a consulta de estatísticas oficiais é um processo mais demorado. Por esta razão, e com o intuito de agilizar o processo de verificação de factos, os jornalistas acabam por consultar os *websites* não oficiais, tais como o «*Transfermarkt*» e o «*Goal*».

## **2.2. Quando é que o *fact-checking* é realizado indiretamente?**

A verificação de factos indireta ocorre quando o jornalista pede ajuda aos colegas de profissão ou à chefia direta para determinar a veracidade dos factos apresentados. Este processo pode ocorrer de duas formas distintas: (1) quando o jornalista pode não possuir os contactos necessários para proceder à confirmação das informações; (2) quando a notícia tem de ser divulgada rapidamente, sendo necessário que o processo de confirmação das informações seja mais ágil.

### **2.2.1. Recurso aos colegas de trabalho da TVI**

A agilização do processo de *fact-checking* na redação passa sobretudo pela divisão de tarefas, enquanto um jornalista fica responsável por escrever o texto *pivot* no alinhamento, outro pode ficar encarregue da confirmação dos dados; e um terceiro jornalista até pode ficar responsável pela criação do *clipe* com imagens sobre o tema. A título de exemplo, veja-se a notícia do dia 21 de fevereiro de 2020 sobre o pedido da Oferta de Aquisição Pública (O.P.A.) da Sociedade Anónima Desportiva (S.A.D.) do S. L. Benfica. Após o *Jornal Abola* ter avançado a notícia, Bruno Ferreira pediu à jornalista Andreia Palmeirim para fazer uma peça sobre o alegado conflito de interesses no pedido da O.P.A. por parte do S.L. Benfica.

No dia 18 de novembro de 2019, o S.L. Benfica notificou a Comissão de Mercado e Valores Mobiliários (C.M.V.M.) sobre a decisão de avançar para a O.P.A. Cerca de três meses depois, a O.P.A não teve início, porque, segundo os responsáveis da C.M.V.M., não foram averiguados todos os detalhes relativos ao pedido da S.A.D. do S.L. Benfica. Segundo informações avançadas pelo *Tribuna Expresso*, em janeiro de 2020, Gabriela Dias, presidente da C.M.V.M., afirmou que não ficaram esclarecidos todos os detalhes relativos ao pedido para a O.P.A.

No dia 20 de fevereiro de 2020, o *Jornal de Notícias* (JN) avançou a informação de que a C.M.V.M. questionou o S.L. Benfica sobre uma alegada parceria de António José dos Santos com Luís Filipe Vieira, o que impedia a realização da O.P.A. A notícia avançada pelo *Jornal Abola* reproduziu as informações divulgadas pelo JN no dia anterior. Dada a existência de duas versões diferentes sobre o acontecimento (*Tribuna Expresso* versus *Abola* e JN), houve a necessidade de confirmar a informação junto de fontes oficiais do S.L. Benfica. Por estar próximo da hora de transmissão da peça no *Jornal da Uma* (J1), procedeu-se à divisão de tarefas: Andreia Palmeirim foi confirmar as informações, enquanto Mary Caiado escreveu o texto da *voz-off* e editou as imagens do *clipe*. A fonte oficial do S.L. Benfica confirmou que o clube não foi questionado sobre a alegada parceria ou eventual conflito de interesses.

Segundo apurou Andreia Palmeirim, o S.L. Benfica apenas foi questionado sobre matérias de cariz técnico e financeiro. A mesma fonte confirmou ainda que a demora do processo esteve relacionada com a complexidade do negócio. De seguida, tanto Mary Caiado como Andreia Palmeirim tentaram obter a versão da C.M.V.M. Por não terem conhecimento de nenhuma fonte da C.M.V.M., recorreram à jornalista de economia, Isabel dos Santos, para ter acesso à versão oficial daquela entidade. Posteriormente, foi-lhes fornecido o contacto de São Igreja, assessora de imprensa, que revelou não ter informações sobre o alegado conflito de interesses. A informação prestada pela fonte oficial do S.L. Benfica esteve em consonância com as declarações da Presidente da C.M.V.M.

Em suma, Mary Caiado escreveu o texto e montou a peça, enquanto Andreia Palmeirim confirmou as informações. Neste caso, também Isabel dos Santos participou no

processo, cedendo o contacto de uma fonte de forma a confirmar junto da C.M.V.M. a sua versão dos acontecimentos. Ao longo do período de estágio, foi possível verificar que, em situações similares, a Editoria de Desporto optou pela divisão de tarefas, sobretudo quando trabalhava com informações mais difíceis de serem confirmadas ou que exigiam conhecimentos específicos.

### **2.2.2. Articulação com a equipa do *Mais Futebol***

Ao longo do estágio, também foi possível observar a articulação existente entre o quarto canal e o *Mais Futebol*. Na tentativa de dar resposta ao segundo objetivo específico do estudo - compreender a articulação estabelecida entre a Editoria de Desporto da TVI e a Equipa do *Mais Futebol* -, foram identificados os acontecimentos ocorridos durante estágio que ilustram da melhor forma possível a relação entre os dois órgãos de comunicação social. A consulta da informação disponível naquele jornal desportivo *online* é encarada com alguma normalidade no seio da Editoria de Desporto, dado que existe um vínculo de confiança e proximidade com os jornalistas do *Mais Futebol*. Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5) explica que esta articulação é um grande benefício para a TVI, sobretudo no que respeita à rede de contactos:

*“O Mais Futebol é um órgão de comunicação social que prima muito pela verificação de factos e gosta de confirmar toda a informação, porque, felizmente, tem uma rede de contactos bastante alargada.”*

*- Catarina Cardoso, jornalista de desporto da TVI.*

Na perspetiva de Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5), a proximidade com os jornalistas do *Mais Futebol* representa uma melhoria significativa na rede de contactos e consequentemente na qualidade das notícias de desporto da TVI. De igual modo, Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3) também considera que há uma preocupação acrescida dos jornalistas do *Mais Futebol* na confirmação das informações, o que facilita o trabalho dos profissionais da Editoria de Desporto da TVI. Com base no período de observação, foi possível perceber que existem relações pessoais e vínculos de confiança entre os profissionais dos dois órgãos de comunicação social. Aliás, tal como refere Catarina Cardoso

(2021), existe um grupo de *WhatsApp* que reúne os profissionais do *Mais Futebol* e os jornalistas de desporto da TVI. Estes profissionais comunicam muitas vezes entre si através desta rede social, solicitando informações, contactos ou outros detalhes relativos ao trabalho, nomeadamente as alterações nos respetivos horários. A troca de mensagens através do grupo também agiliza o contacto entre editores e jornalistas, dado que permite manter todos os intervenientes a par da atualidade e das tarefas individuais a desempenhar na redação.

Porém, a articulação com o *Mais Futebol* não inibe os jornalistas da Editoria de Desporto da TVI de fazer o trabalho de verificação das informações. Com base no período de observação, pode-se referir que existe uma relação de confiança que permite tanto à TVI como ao *Mais Futebol* partilharem informações. Uma articulação que se estende também ao fornecimento de contactos, estatísticas e até jornalistas, já que os profissionais da TVI vão às conferências de imprensa dos clubes e acabam por estar em representação do *Mais Futebol*. Porém, o contrário também acontece. Adérito Esteves, jornalista do *Mais Futebol*, representou a TVI na entrevista ao ciclista da *Quick Step*, João Almeida, que terminou em 4.º lugar no Giro D'Itália.

A título de exemplo, importa descrever um caso que ocorreu no dia 11 de setembro - já no prolongamento do período de estágio -, que ilustra a forma como é realizada a articulação entre a Editoria de Desporto da TVI e o *Mais Futebol*. Bruno Ferreira pediu-me para fazer um «*OFF*» sobre quatro casos positivos de COVID-19 no Grupo Desportivo de Chaves, clube que joga no segundo escalão do futebol português. O editor enviou-me através de *WhatsApp* o *link* da notícia do *Mais Futebol* com mais detalhes sobre o assunto. Posteriormente, o jornal desportivo *online* avançou a notícia de que o jogo particular entre o Gil Vicente F.C. e o Vitória S.C. foi cancelado. Na origem da decisão, esteve a existência de quatro casos positivos na equipa profissional de futebol do Gil Vicente F.C.

Recorde-se que o Gil Vicente F.C. jogou alguns dias antes com o Grupo Desportivo de Chaves, que também fez um comunicado a anunciar quatro casos positivos ao novo coronavírus. O *Mais Futebol* avançou que uma fonte oficial do Gil Vicente F.C. confirmou que se tratou de quatro jogadores infetados. Perante as novas informações, Paulo Pereira, jornalista de desporto da TVI, pediu mais detalhes sobre a notícia ao jornalista David

Marques, que pertence ao *Mais Futebol*. Num primeiro momento, Paulo Pereira questionou-o sobre um eventual comunicado do Gil Vicente F.C., em que anunciava a infeção dos jogadores. Em resposta, David Marques referiu apenas o seguinte: “ainda não fizeram”. De seguida, Paulo Pereira ponderou uma eventual ligação entre as infeções pelo novo coronavírus e o jogo particular entre o Gil Vicente F.C. e o Vitória S.C. No seguimento da conversa, David Marques suspeita que há uma ligação, mas refere que não tem informações sobre o assunto.

Posteriormente, Paulo Pereira disse-me para citar o *Mais Futebol* e dar, primeiro, a informação de que o jogo de treino entre o Gil Vicente F.C. e o Vitória S.C. foi cancelado. Depois, avisou-me de que deveria noticiar que foram detetados casos positivos no Gil Vicente F.C. e no Grupo Desportivo de Chaves, que jogaram entre si alguns dias antes. Já perto da hora de transmissão da notícia, David Marques disse-me que os dados recolhidos não estavam corretos e pediu-me para corrigir a informação. Segundo o próprio - e sem especificar a origem da fonte -, recebeu a informação de que não foram só jogadores de futebol que testaram positivo ao novo coronavírus, como tinha sido inicialmente avançado pelo *Mais Futebol*. Entre os infetados, foram identificados três elementos do *staff* e um jogador da equipa profissional do Gil Vicente F.C. Esta situação reforça a ideia de que existe uma comunicação constante e em tempo real entre os jornalistas do *Mais Futebol* e os profissionais da Editoria de Desporto da TVI. A facilidade de contacto, a presença no mesmo espaço físico e o vínculo de confiança contribuíram para o fortalecimento das relações estabelecidas entre os profissionais dos dois órgãos de comunicação social.

De acordo com João Paiva (2021, cf. Apêndice 4), na origem da decisão sobre a aproximação da TVI ao *Mais Futebol* esteve uma estratégia premeditada da direção principal para aumentar a qualidade das notícias desportivas. Tal como foi possível observar na redação, as decisões editoriais estiveram sempre coordenadas entre os dois órgãos de comunicação e os respetivos editores, a saber: Bruno Ferreira (TVI); Hugo Matias (TVI - até ao dia 08 de março de 2020); Nuno Travassos (*Mais Futebol*); e Luís Ferreira (*Mais Futebol*). Em suma, a aproximação resultou numa estratégia de benefício para ambos, dado que o *Mais Futebol* teve acesso aos conteúdos audiovisuais e multimédia para sustentar as suas notícias, enquanto a TVI beneficiou da extensa rede de contactos do *Mais Futebol*.

A mais recente parceria da TVI com a *Eleven Sports* também favoreceu o *Mais Futebol*, já que permitiu aos jornalistas do jornal desportivo *online* acederem, de forma privilegiada, às imagens de transmissão de jogos na Liga dos Campeões e na Liga Espanhola. A partir de setembro de 2020 - altura em que a nova direção de informação entra em funções -, Nuno Travassos e Luís Ferreira deixaram interferir no processo de decisão editorial dos conteúdos de desporto da TVI. Os dois editores mantiveram, porém, os respetivos cargos no *Mais Futebol*. Apesar da alteração na direção, a relação de confiança e proximidade entre os dois órgãos de comunicação social manteve-se igual. Por exemplo, João Paiva (2020, cf. Apêndice 4) reconhece o rigor do trabalho dos jornalistas do *Mais Futebol*:

“Quando um colega meu do *Mais Futebol* dá uma notícia, tenho confiança suficiente nele para perceber que houve uma confirmação de factos. Não vou questionar se foi feita a confirmação da informação, porque eu conheço as pessoas que trabalham no *Mais Futebol*.”

- João Paiva, jornalista de desporto da TVI.

Sequencialmente, João Paiva (2021, cf. Apêndice 4) acrescenta que na redação “confiam de olhos fechados uns nos outros”, referindo-se em específico à relação dos jornalistas de desporto da TVI com os colegas do *Mais Futebol*. Aliás, Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5) e Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3) também partilham da opinião de João Paiva (2021, cf. Apêndice 4), já que ambas consideram que o *Mais Futebol* tem uma preocupação acrescida com a confirmação das informações. Aliás, ao longo do estágio, observaram-se outras situações idênticas, nomeadamente quando Nuno Chaves, jornalista de desporto da TVI, teve de fazer um «OFF» sobre o jogo do C.R. Flamengo na Taça dos Libertadores. Questionado sobre o motivo pelo qual recorreu ao *Mais Futebol* para consultar a informação, Nuno Chaves respondeu que confia no trabalho dos colegas do *Mais Futebol*.

Em suma, a equipa do *Mais Futebol* e a Editoria de Desporto da TVI trabalham em conjunto, dado que partilham sempre que possível informações, contactos e jornalistas. Durante o período de observação, verificou-se ainda que os jornalistas dos dois órgãos de comunicação consideram que a parceria estratégica é uma mais-valia para todos. A presença

no mesmo espaço físico também favoreceu a partilha em tempo real de informações entre os jornalistas, dado que o processo de construção da notícia se torna mais ágil.

### **2.3. O que fazer quando não há possibilidade de existir *fact-checking*?**

Durante o período de observação, nem sempre as ferramentas necessárias para verificar as informações estiveram à disposição dos jornalistas. Nestes casos, o jornalista pode identificar, de forma inequívoca, o órgão responsável pela divulgação da informação. Se não for possível confirmar as informações, o jornalista tem ainda a alternativa de não dar a notícia, evitando replicar informações veiculadas por outros órgãos de informação.

#### **2.3.1. Dar crédito aos órgãos de informação**

Ao longo da experiência obtida no estágio, foi possível observar que a decisão ficou sempre ao critério do jornalista, ainda que, em casos específicos, a chefia direta tenha dado um parecer no processo de decisão. Tenha-se como exemplo o caso da notícia do dia 20 de agosto de 2020, em que Harry Maguire, jogador do Manchester United F.C., foi detido durante o período de férias na Ilha de Mykonos, na Grécia. A informação foi avançada pelo jornal britânico, *Daily Mail*, mas não foram revelados todos os detalhes do incidente. Depois de receber indicação para fazer uma notícia sobre a detenção de Harry Maguire, o editor de desporto, Bruno Ferreira, achou desnecessário fazer uma notícia sobre o incidente. Porém, Élvio Carvalho, jornalista do «*NewsDesk*» da TVI, esclareceu que se tratava de um pedido da chefia direta. Posteriormente, Bruno Ferreira aceitou a decisão e pediu-me para fazer um «*OFF*» sobre a detenção de Harry Maguire.

Para o efeito, consultou-se o comunicado do Manchester United F.C., disponível no *website* oficial do clube. A direção do clube confirmou a detenção do jogador, mas não revelou mais detalhes sobre o sucedido. O *Daily Mail* avançou que Harry Maguire foi detido por se ter envolvido em desacatos com um grupo de adeptos ingleses, que estava no mesmo local. Segundo o jornal britânico, o jogador exaltou-se depois de ter sido insultado por um grupo de adeptos pertencentes a um clube rival. O *Daily Mail* deu conta de que a situação ficou descontrolada após Harry Maguire ter alegadamente agredido os polícias, que foram chamados a intervir pelo dono do Bar.

O responsável pela notícia publicada no tabloide britânico revelou ainda que o jogador terá alegadamente oferecido dinheiro aos polícias para resolver a situação. O *Daily Mail* adiantou ainda que, no local do incidente, estavam presentes alguns colegas de equipa do jogador, entre os quais: Marcus Rashford e Brandon Williams. Perante a situação, chegou-se a um impasse, visto que não me foi disponibilizado o contacto de uma fonte do Manchester United F.C. ou de qualquer uma das partes envolvidos no incidente. Por se tratar de uma notícia avançada por um órgão de comunicação social britânico - e de não existir uma rede de contactos -, questionou-se os jornalistas mais experientes quanto às medidas que deveriam ser adotadas para se fazer o «OFF». Catarina Cardoso, jornalista da Editoria de Desporto, referiu que nesta situação só havia duas alternativas: (1) “dar crédito ao jornal que avançou a notícia”; ou (2) “não dar a informação”. Porém, a última opção não foi sequer ponderada, já que se tratou de um pedido expresso da direção de informação da TVI.

*“Primeiro, tens de te proteger. Não tens como confirmar a informação. Aliás, ninguém tem. Para isso, terias de conhecer algum dos intervenientes. Não te martirizes. Dá crédito ao Daily Mail.”*

- Catarina Cardoso, 20 de agosto de 2020.

Depois de visualizados os *instastories* na conta da namorada de Harry Maguire, percebeu-se que Brandon Williams e Marcus Rashford estiveram presentes no mesmo local. Porém, os vídeos não comprovam que os jogadores estiveram presentes à mesma hora em que os descatos ocorreram. Perante a ausência de dados e esgotadas todas as opções para confirmar as informações, Catarina Cardoso aconselhou-me a dar crédito ao órgão de informação que avançou a notícia. Ao longo do estágio, foi referido por Bruno Ferreira que o jornalista deve evitar dar a informação nos casos em que não for possível confirmar todos os detalhes da notícia, dado que está sujeito a comprometer a sua credibilidade.

Em casos excecionais - e que não seja possível esperar pela confirmação das informações -, Bruno Ferreira e Nuno Travassos também defendem que o jornalista deve dar sempre crédito ao órgão de comunicação responsável pela notícia. Em todas as outras situações, os mesmos editores defendem sempre que se devem confirmar todos os factos. Ao longo do estágio, percebeu-se que a atribuição de crédito das informações foi a forma

encontrada pelos jornalistas de desporto para dar resposta ao imediatismo dos acontecimentos, sem comprometer a sua credibilidade.

Não obstante, João Paiva (2021, cf. Apêndice 3) também defende que não existe nenhum motivo que impeça os jornalistas portugueses de tentarem obter a versão dos clubes. Aliás, João Paiva (2021, cf. Apêndice 3) dá mesmo o exemplo de uma reportagem, em que o próprio teve de acompanhar a transferência de João Félix, jogador de futebol profissional, para o Atlético de Madrid. Nesta situação, João Paiva (2021) revelou que esteve sempre em contacto com o diretor de comunicação do clube e que lhe foram dados todos os detalhes relativos à apresentação do jogador no Atlético de Madrid. Além disso, João Paiva (2021, cf. Apêndice 3) também explica que estas ações estão um pouco relacionadas com a experiência na profissão e com a forma como o “jornalista opera no meio”.

### **2.3.2. Não divulgar a informação**

Em alguns casos específicos, não dar a informação é a opção mais acertada, como comprova a situação que ocorreu no dia 6 de julho de 2020. Os principais jornais desportivos portugueses (*Record*, *Abola* e *Mais Futebol*) avançaram a informação de que João Félix se lesionou ao serviço do Atlético de Madrid. Posteriormente, o clube espanhol informou através de um comunicado que o jogador contraiu uma lesão no tornozelo direito, mas não revelou o tempo previsto para a recuperação do atleta. Porém, o *Jornal Abola* recorreu ao *Jornal ÀS* para referir que o tempo de recuperação da lesão do jogador seria de duas semanas. Em comunicado, o Atlético de Madrid referiu apenas que João Félix não foi convocado para o jogo frente ao Celta de Vigo. Como não foi possível confirmar a informação, não se mencionou o tempo de paragem do jogador por lesão, já que havia o risco de dar uma informação incorreta ao público. Após ter sido feito um exercício de reflexão - e de ter sido pedida opinião à jornalista Mary Caiado -, percebeu-se que não deveria ser mencionado o tempo de paragem do jogador.

De seguida, procurou-se descobrir o historial clínico de João Félix, com o intuito de obter informação sobre o seu número de lesões ao serviço do Atlético de Madrid. Infelizmente, não foi possível confirmar a informação. Depois de explicada a situação, Nuno

Travassos, editor de desporto, solicitou que a informação não fosse colocada na notícia, já que não havia certezas quanto ao número de lesões na carreira de João Félix. Não foi possível comprovar a informação devido à falta de indicação oficial por parte do clube. Na maioria dos casos em que não é possível confirmar os detalhes da notícia, os jornalistas restringem-se sempre às informações confirmadas e disponíveis à data. Posto isto, tão importante como identificar os mecanismos utilizados para confirmar os dados, é perceber o modo como a Editoria de Desporto da TVI encara o processo de *fact-checking* das notícias das agências.

### **2.3.3. Recurso às agências de notícias: *Lusa*, *Associated Press* e *Reuters***

A TVI trabalha maioritariamente com três agências de notícias. À semelhança de outros meios de comunicação social - e a TVI não é exceção -, a *Agência Lusa* surge como fonte de informação primordial no panorama nacional. O canal de informação, disponível 24 horas por dia, obriga os jornalistas da TVI a consultarem com frequência as agências de notícias para dar resposta ao imediatismo dos acontecimentos.

No que respeita aos conteúdos internacionais, a *Associated Press News* (APN) e a *Reuters* são as principais agências de notícias que colaboram com TVI. Sediada na América do Norte, a *Associated Press News* é uma agência de notícias independente que fornece informações aos meios de comunicação social em troca de um pagamento monetário. De origem britânica - e com sede em Londres -, a *Reuters* também disponibiliza informações aos órgãos de informação mediante uma taxa. Em síntese, os conteúdos noticiosos divulgados por estas agências de notícias servem de base para a criação de notícias internacionais, nas quais se incluem naturalmente as informações sobre o desporto.

Durante o período de estágio, observou-se de perto a forma como os jornalistas encararam as notícias de desporto provenientes das agências de notícias e percebeu-se ainda que existe uma relação de confiança com as agências de notícias, especialmente com a *Agência Lusa*. No dia 19 de fevereiro de 2020, após uma conversa sobre o objeto de estudo do presente relatório de estágio, Mary Caiado explicou que “não há muito tempo para fazer uma verificação das informações da *Agência Lusa*” nos canais generalistas. A jornalista de desporto da TVI explicou que o trabalho diário e a necessidade de responder ao imediatismo

dos acontecimentos impede que os jornalistas de desporto façam uma dupla verificação de factos (Caiado, 2021, cf. Apêndice 3). No seio da Editoria de Desporto da TVI, existe a crença generalizada de que a confirmação das informações das agências noticiosas seria uma descredibilização do trabalho destas agências:

*“Por norma, quando há uma notícia na Agência Lusa, AP [Associated Press News] ou Reuters, não vamos confirmá-la. Caso contrário, estaríamos, de certa forma, a colocar a credibilidade de uma das nossas ferramentas de confirmação em causa. Se a agência de notícias avança a informação, presume-se que seja verdadeira.”*

*- Mary Caiado, jornalista de desporto da TVI.*

A partir do discurso de Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3), podemos concluir que as agências de notícias são encaradas pelos jornalistas da Editoria de Desporto como um mecanismo de confirmação de factos. Porém, quando se tratou de informações com origem noutros órgãos de comunicação social, também foi possível observar que houve uma preocupação acrescida dos jornalistas para tentar confirmar as informações. A título de exemplo, a SIC noticiou que Alejandro Grimaldo, jogador do S.L. Benfica, voltou a treinar sem limitações. Porém, não foi possível observar, a partir das imagens de treino, que o jogador em questão marcou presença na sessão de treinos. Neste sentido, Bruno Ferreira, subeditor de desporto, ligou ao jornalista de desporto, João Óca, para saber mais alguns detalhes sobre a situação. Depois de falar com o assessor de imprensa do S.L. Benfica, João Óca revelou que o jogador voltou aos treinos, mas com algumas limitações.

Mary Caiado (2021) também lamenta o facto de a equipa de trabalho viver muito do imediatismo dos acontecimentos, referindo, em seguida, que a “urgência na produção de notícias impede uma confirmação mais rigorosa das informações da *Agência Lusa*”. Da mesma forma, João Paiva (2021) considera que os jornalistas estão sujeitos à pressão do trabalho diário da redação. Num primeiro momento, João Paiva (2021) assume que a informação da *Agência Lusa* é verdadeira e coloca-a na antena de informação da TVI 24. Após a publicação da notícia, o jornalista de desporto da TVI também refere que “não há

nada que impeça o próprio jornalista de tentar confirmar e ir mais ao fundo da questão” (Paiva, 2021, cf. Apêndice 4).

A par dos colegas de profissão, Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5) explica que as informações da *Agência Lusa* não são confirmadas no imediato, porque é uma agência de notícias “bastante credível”. Além disso, a jornalista de desporto caracteriza a *Agência Lusa* como um “banco de informação”, disponível para todos os meios de comunicação social (Cardoso, 2021, cf. Apêndice 5). Já Amazeen (2018, p. 547) defende que a ausência de recursos humanos, materiais e financeiros está na origem da ausência das verificações de factos. Ainda que as demissões em massa tenham ocorrido para evitar a falência dos *media*, Amazeen (2018) considera que a redução de pessoal acabou por comprometer a verificação disciplinada dos factos. De acordo com Traquina (2002, p. 122), as redações não têm elementos suficientes na equipa para acompanhar, de forma contínua, as principais fontes de informação. Por este motivo, as informações continuam a ser transmitidas e os repórteres nem sempre conseguem verificar os conteúdos das agências de notícias.

Segundo Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5), após responder ao imediatismo dos acontecimentos, os jornalistas, em conjunto com a chefia, optam por dar um novo ângulo de abordagem à notícia. Definido o ângulo de abordagem da notícia, os jornalistas tentam confirmar e cruzar a informação das agências noticiosas com novas fontes. Não significa, porém, que não existam situações em que o jornalista não tente confirmar os factos antes de divulgar as notícias breves. Tenha-se como exemplo a situação que ocorreu no dia 14 de julho de 2020, em que a Coordenadora de Antena da TVI 24, Teresa Rodrigues, alertou os jornalistas da Editoria de Desporto para uma informação de última hora da *Agência Lusa*. A agência de notícias em questão revelou que a C.M.V.M suspendeu as ações da S.A.D. do S.L. Benfica. Ao ter conhecimento da informação, Nuno Travassos pediu imediatamente ao jornalista de desporto, Fábio Costa, para fazer um «*OFF*» sobre o sucedido. Após sair por breves instantes, Nuno Travassos regressou à redação e revelou que esteve à conversa com Sérgio Pires, editor do *Mais Futebol* na redação do Porto. Nuno Travassos soube através do colega que a notícia avançada pela *Agência Lusa* era verdadeira.

No entanto, também houve situações em que não foi possível confirmar as informações da *Agência Lusa*. A título de exemplo, no dia 7 de julho de 2020, a *Agência Lusa* revelou a existência de uma carta de despedida de Bruno Lage para os adeptos do S.L. Benfica. Refira-se que o treinador português foi despedido em junho de 2020, após ter sido derrotado por 2-0 frente ao C.S. Marítimo, na Madeira. Naquele momento, Nuno Travassos encarregou Pedro Rosmaninho de fazer uma notícia breve sobre a carta de despedida de Bruno Lage. Depois de ler a carta, Pedro Rosmaninho contextualizou, primeiro, os acontecimentos, introduzindo, em seguida, algumas das declarações de Bruno Lage. Devido à necessidade de economizar tempo e dinheiro, Traquina (2002, p. 122) explica que os jornalistas confiam, cada vez mais, em notícias pré-produzidas pelas agências de notícias e não procuram confirmar as informações. Tendo em conta que existe a necessidade de produzir notícias a um preço mais barato, Amazeen (2018, p. 547) afirma que os jornalistas não podem perder muito tempo com a verificação de factos.

De acordo com Traquina (2002, p. 122), as redações não têm elementos suficientes na equipa para acompanhar, de forma contínua, as fontes de informação. Assim, segundo Amazeen (2018, p. 548), as informações continuam a ser transmitidas e os repórteres nem sempre conseguem verificar o original. A consulta de informações pré-fabricadas pelas agências de notícias foi a solução encontrada pelos jornalistas para ultrapassar o problema do excesso de informação. Na Editoria de Desporto da TVI, existe a crença generalizada de que as agências de notícias servem como bancos de informação credíveis e úteis para se criarem notícias sobre o desporto nacional e internacional.

Em suma, e após um período de observação na redação, foi possível verificar que os jornalistas de desporto não tiveram muito tempo para confirmar as notícias das agências de notícias. No entanto, também importa referir que a ausência de *fact-checking* não se aplica quando se trata de uma peça ou reportagem para o *Jornal da Uma* (J1) ou *Jornal das Oito* (J8). Nestas situações, os jornalistas procuram confirmar as informações avançadas pelas agências de notícias, cruzando com outras fontes de informação, nomeadamente: as estatísticas, os assessores e outras entidades. A decisão de fazer uma reportagem sobre a informação está dependente da aceitação da chefia, sendo que o ângulo de abordagem também é definido em conjunto com a direção.

### 3. O processo de *fact-checking* na perspetiva dos entrevistados

*“A verificação de factos é como tentarmos chegar ao início da corrente e perceber a origem da informação.”*

*- Mary Caiado, jornalista de desporto da TVI.*

A pergunta de partida de partida que orienta toda a investigação é a seguinte: quais as representações dos jornalistas da TVI relativamente ao processo de verificação de factos no jornalismo desportivo? Com o intuito de dar resposta à questão, foi possível perceber através dos testemunhos dos jornalistas que a verificação de factos está intrinsecamente ligada à procura da “verdade” e à consulta de todas as partes com interesses atendíveis no assunto. Aliás, é uma conceção partilhada por todos os elementos na redação, que habitualmente se referem à verificação de factos como uma prática obrigatória e transversal a todas as editorias. Tal como refere Joaquim Sousa Martins (2020, cf. Apêndice 2), a “verificação de factos é igual à verdade, competência e clareza”, sendo esta uma prática indispensável a todos os profissionais de jornalismo da TVI. Já na perspetiva de João Paiva (2021), a verificação de factos faz parte do jornalismo e é uma prática essencial para a criação de notícias. João Paiva (2021, cf. Apêndice 4) considera ainda que “as notícias, mesmo que pequenas e pouco relevantes, têm de ser confirmadas” antes de serem transmitidas na antena da TVI.

No entanto, há profissionais que consideram a verificação de factos como um mecanismo de auxílio para noticiar com rigor e precisão. Neste sentido, Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5) encara a verificação de factos como uma prática que “está relacionada com a consulta de todas as partes envolvidas na história”. A jornalista de desporto explica ainda as diferenças entre os conteúdos divulgados nos espaços informativos da TVI e aqueles que são transmitidos no «*Mais Bastidores*» e no «*Mais Transferências*»:

*“No ‘Mais Bastidores’ ou ‘Mais Transferências’ - e também por ser um programa de autor -, o alinhamento vive muito da opinião e das informações recolhidas pelos comentadores.”*

*- Catarina Cardoso, jornalista de desporto da TVI.*

Tal como refere Catarina Cardoso (2021), as informações transmitidas pelos comentadores do programa não estão vinculadas ao canal, porque são muitas vezes obtidas através de fontes pessoais dos elementos que integram o painel. Por outro lado, e numa situação totalmente diferente, Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5) explica que as peças elaboradas para a informação da TVI e TVI 24 têm de ser submetidas a um processo de confirmação de factos. A jornalista de desporto refere ainda que não dá informações que não sejam devidamente confirmadas por si ou por um colega de profissão. No entanto, detetaram-se diferenças entre o discurso e as atividades desenvolvidas na redação. Apesar de casos pontuais, já houve situações em que a verificação de factos não foi realizada. Veja-se o exemplo do dia 3 de setembro de 2020, em que Bruno Ferreira fez um «*OFF*» sobre o treino da seleção nacional depois de ter visto uma notícia na SIC. Na mesma notícia, foi referido que Renato Sanches, jogador do Lille O.S.C. Métropole, foi dispensado do treino. Depois de ter visto a notícia, ofereci-me para confirmar a informação. Porém, Bruno Ferreira referiu que não era necessário, porque a sua experiência permite-lhe perceber quando se trata de uma informação duvidosa. Na perspetiva de Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3), a verificação de factos não é mais do que uma prática que pretende “ir ao fundo da questão” e descobrir todas as fontes envolvidas na história. Para o efeito, a jornalista de desporto explica que procura se informar ao máximo sobre o assunto para confirmar de seguida com o maior número de fontes possíveis, sobretudo “para não correr o risco de noticiar algo que não é verdadeiro”. Joaquim Sousa Martins (2020, cf. Apêndice 2) explica ainda que a verificação de factos ajuda a “desconstruir os discursos” dos interlocutores do espaço mediático.

Verificou-se ainda que todos os entrevistados responderam que os colegas de profissão encaram a verificação de factos da mesma forma. Os entrevistados invocaram palavras como “verdade”, “rigor” ou “clareza” para descreverem a prática da verificação de factos na Editoria de Desporto. A observação de campo também permitiu esclarecer que existe uma consonância entre os elementos da redação sobre a importância do processo de *fact-checking*. Aliás, tal como refere Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5), a frase - “não te atraveses com essa informação” - foi utilizada pelos jornalistas na redação como uma espécie de alerta para os profissionais que não tinham certezas quanto à veracidade dos

dados. Nesse sentido, os jornalistas de desporto mais experientes recomendam sempre aos profissionais em início de carreira para agir com prudência e evitar noticiar rumores.

Com um conhecimento mais técnico dos procedimentos, Pedro Benevides (2020, cf. Apêndice 1) considera que a verificação de factos passa por pegar numa afirmação e ter a necessidade de encarar com “mais objetividade” e perceber se a “informação corresponde mesmo à verdade”. Pedro Benevides (2020) defende ainda que os jornalistas da redação não têm capacidade para fazerem uma verificação de factos com a periodicidade desejável devido às rotinas e ao trabalho diário. Durante o período de estágio, percebeu-se que os jornalistas não têm muito tempo para tentar perceber se as declarações dos intervenientes correspondem efetivamente à verdade. Pedro Benevides referiu que “devido às circunstâncias económicas e sociais”, que caracterizam a redação da TVI, não foi possível fazer sistematicamente a verificação de factos dos discursos dos interlocutores.

Porém, percebeu-se que os jornalistas também conseguem fazer uma confirmação rápida sobre as declarações dos interlocutores da esfera mediática. Veja-se o exemplo de uma verificação de factos sobre a declaração de Pepe (jogador do F.C. Porto) na conferência de imprensa de antevisão ao jogo da Liga dos Campeões. Antes do embate com a Juventus F.C., Pepe referiu que nunca jogou contra Cristiano Ronaldo e que seria, por isso, um jogo emocionante para ambos. Os dois jogadores mantêm uma grande amizade desde o período em que jogaram juntos no Real Madrid F.C. Porém, tal como refere Mary Caiado (2021), a declaração de Pepe não correspondia à verdade, dado que o próprio já foi adversário de Cristiano Ronaldo na Liga Portuguesa. Na altura, Pepe tinha 19 anos e jogava no Marítimo C.S., enquanto Cristiano Ronaldo tinha 17 anos e jogava no Sporting C.P. (Caiado, 2021).

Apesar de se tratar de um processo transversal à área do jornalismo, os jornalistas da Editoria de Desporto acreditam que a verificação de factos da notícia desportiva assume uma determinada singularidade, distinta das restantes editorias. No seio da Editoria de Desporto, os jornalistas encaram o bloqueio de informação como um problema comum a todas as editorias. Porém, referem que acontece de forma mais frequente no universo desportivo, especialmente quando há informações polémicas que envolvem os jogadores, treinadores ou dirigentes de um clube de futebol. Entre as queixas do bloqueio de informação, Mary Caiado

(2021) alerta para a ausência de resposta por parte dos clubes quando se trata de uma polémica com os dirigentes, treinadores ou jogadores. A jornalista dá o exemplo das dificuldades que encontrou quando tentou confirmar informações relativas à alegada transferência de Edinson Cavani para o S.L. Benfica; ou quando tentou conhecer mais detalhes sobre o estado de saúde de Jorge Jesus, treinador do S.L. Benfica, após ter sido diagnosticada a infeção por COVID-19. De seguida, tão importante como perceber as perspetivas dos jornalistas sobre a verificação de factos, é perceber os mecanismos que utilizam para confirmar as informações.

### **3.1. Mecanismos de verificação de factos na perspetiva dos entrevistados**

Ao longo do estágio, percebeu-se que a verificação de factos é uma prática que emana da experiência dos jornalistas em contexto de trabalho, sendo que cada profissional tem diferentes métodos para tentar confirmar as informações:

*“Se, por exemplo, me disserem que caiu agora a bancada do estádio A, eu vou ligar para fontes do estádio A; para as forças de segurança; para as forças policiais; para os bombeiros; e para fontes que estejam ligadas aos acontecimentos”.*

- Joaquim Sousa Martins, editor de desporto da TVI.

No fundo, Joaquim Sousa Martins (2020) explica que a verificação de factos é a confirmação plena dos acontecimentos e quem não optar pelo caminho da verdade, não pode estar no jornalismo. Porém, Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3) acredita que os jornais mais credíveis do mundo também podem servir de guia para perceber se uma determinada informação pode ser verdadeira.

*“Primeiro, consulto, de imediato, um jornal ou órgão de comunicação credível do país em questão. (...). Nós tínhamos uma lista dos jornais mais credíveis dos vários países. À partida esses são os jornais mais credíveis e aqueles que deveríamos consultar para perceber se uma determinada informação é verdadeira”.*

- Mary Caiado, jornalista de desporto da TVI.

Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3) recorre ao exemplo da morte de Diego Maradona, antigo jogador de futebol, para explicar o impacto que uma notícia publicada pelo *Clarín* pode ter nos órgãos de informação espalhados pelo mundo. A jornalista de desporto da TVI sugere que aquele jornal argentino figura numa lista restrita de órgãos de informação credíveis. Por ser um jornal de referência na Argentina, Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3) considera que aquela notícia serviu de base para os restantes órgãos de comunicação divulgarem a informação, especialmente devido aos detalhes da morte de Diego Maradona. Sobre a forma como tenta confirmar as informações, João Paiva (2021, cf. Apêndice 4) explica que tenta “entrar em contacto” com os intervenientes. Em situações extremas, como o falecimento de um interveniente, João Paiva (2021, cf. Apêndice 4) sugere o contacto com uma “fonte próxima”. Quando se trata de uma informação que envolve documentos, João Paiva (2021) refere que tenta consultar sempre a documentação original. Posteriormente, o jornalista de desporto da TVI explica que a experiência na profissão lhe permitiu descobrir as fontes mais credíveis para confirmar a informação (Paiva, 2021, cf. Apêndice 4).

Quando tenta verificar os factos, Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5) refere que recorre às fontes oficiais para atestar a veracidade das informações. A jornalista de desporto da TVI dá o exemplo das notícias sobre o estado de saúde de Jorge Jesus para justificar a sua opção. Tal como referiu Catarina Cardoso (2021), na altura em que Jorge Jesus, treinador do S.L. Benfica, testou positivo ao novo coronavírus, surgiram várias informações sobre o agravamento do seu estado de saúde. A jornalista de desporto afirma que o ideal seria entrar em contacto com Jorge Jesus. Porém, há poucos jornalistas que conseguem falar diretamente com Jorge Jesus (Cardoso, 2021, cf. Apêndice 5). Nas situações em que não consegue entrar em contacto com os intervenientes, Catarina Cardoso (2021) defende que a melhor opção é tentar obter sempre um parecer das fontes oficiais:

*“Aquilo que podemos fazer é tentar falar com os clubes ou entidades oficiais, porque têm sempre um parecer sobre a situação e, por experiência própria, quando contacto com os clubes ou com a federação, nunca fico sem resposta.”*

- Catarina Cardoso, jornalista de desporto da TVI.

Ainda que não sejam respostas muito concretas, Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5) refere que os assessores dão sempre alguma informação ou pista sobre o assunto. A jornalista de desporto explica ainda que os mecanismos utilizados para confirmar as informações dependem muito do método de trabalho de cada profissional. Além disso, e com base no período de observação, percebeu-se que os rumores nas redes sociais são vistos como entraves às realizações das verificações de factos. Neste sentido, Catarina Cardoso (2021) refere que a Editoria de Desporto da TVI tem sempre uma preocupação acrescida quando tenta confirmar informações que circulam nas redes sociais. Desta forma, a jornalista explica que evita replicar conteúdos errados ou manipulados, que circulam nas redes sociais.

### **3.2. As redes sociais e a necessidade de verificar as informações**

De acordo com Zelizer (2004, p. 101), as redes sociais *online* promovem a partilha de conteúdos e atrapalham o processo de *fact-checking*. No seguimento do contributo da autora, os jornalistas mantêm a autoridade enquanto porta-vozes da “verdade” através da concretização das práticas de verificação de factos. Numa altura em que as redes sociais ganharam maior importância no panorama mediático, os entrevistados do presente relatório de estágio esclarecem que a verificação de factos é cada vez mais determinante. Tal como refere Brennen (2009), “os factos nas redes sociais são confusos, difíceis de determinar e geralmente dependem de interpretação” (p. 301, trad. livre) dos jornalistas.

Relativamente à recolha de informação a partir das redes sociais *online*, Cardoso et al. (2019, p. 12) concluem que 46,3% dos jornalistas inquiridos sentem dificuldades quando tentam identificar a fonte da informação. Não obstante, 38,5% dos jornalistas que responderam ao inquérito revela sentir dificuldades quanto tenta cruzar as informações (Cardoso et al., 2019, p. 12). Os dados obtidos por Cardoso et al. (2019) expõem a necessidade de se criar uma formação específica para os jornalistas sobre a identificação de fontes credíveis no meio digital. Uma teoria que pode ser sustentada através das sucessivas dificuldades sentidas pela Editoria de Desporto para tentar desmistificar os rumores que circulam nas redes sociais, como a alegada transferência de Edinson Cavani, jogador de futebol, para o S.L. Benfica.

Tradicionalmente, segundo Hermida (2012, p. 665), a verificação de factos ocorria nas redações - longe do olhar do público -, já que os jornalistas necessitavam de um período de deliberação sobre as informações para tomarem decisões editoriais. Neste momento, Hermida (2012) defende que existe uma porção significativa de informação que está a ser confirmada e corrigida pelo público em plataformas de interação social *online*. Uma teoria que Joaquim Sousa Martins (2020, cf. Apêndice 2) recusa por completo, dado que considera a TVI como um órgão de comunicação que utiliza as redes sociais com o único propósito de fazer a informação chegar ao maior número de pessoas. No limite, Joaquim Sousa Martins (2020) explica que as redes sociais servem apenas como “referências dos acontecimentos em todo o mundo”. Na mesma linha de raciocínio, Mary Caiado (2021) refere que recorre às redes sociais para procurar vídeos ou imagens sobre os acontecimentos. “As imagens não mentem e são a melhor ferramenta para perceber se a informação é fidedigna”, explica Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3). Para o efeito, a jornalista de desporto utiliza palavras-chave nos motores de pesquisa do *Twitter* ou *Facebook* para perceber as informações que circulam sobre um determinado acontecimento.

Ao contrário de Joaquim Sousa Martins (2020, cf. Apêndice 2), cerca de metade dos jornalistas inquiridos por Cardoso et al. (2019, p. 12) refere que utiliza frequentemente as redes sociais para recolher informação. Segundo Cardoso et al. (2019, p. 12), os dados obtidos apontam para a perceção de uma crescente importância das redes sociais no jornalismo atual. Para Brennen (2001, p. 301), os órgãos de comunicação tendem a desvalorizar o potencial das novas tecnologias. Porém, Hermida (2012, p. 663) explica que existem evidências sobre a forma como as redes sociais alteraram o processo de construção da notícia. A título de exemplo, o autor refere que a BBC e o *The Guardian* publicam relatos de notícias de última hora em páginas de atualização ao minuto, que combina conteúdos das redes sociais e relatórios de especialistas de *fact-checking* (Hermida, 2012, pp. 663-664).

Num período em que as informações abundam nas redes sociais, Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3) considera que a verificação de factos é indispensável para os jornalistas. Para a jornalista, basta um órgão de informação noticiar algo que não é verdade para os restantes correrem o risco de divulgar uma informação incorreta. No presente, Amazeen (2018, p. 550) explica que qualquer cidadão com ligação à *Internet* pode criar e partilhar o seu próprio

conteúdo quer para uma utilização benéfica quer para o uso prejudicial. Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5) refere que os conteúdos que circulam nas redes sociais podem ser “muito aliciantes para os jornalistas”, já que podem dar uma “grande história”.

Para não cair no erro de noticiar dados incorretos, Mary Caiado (2021) defende que os jornalistas têm de ter cautela e verificar a origem da informação, identificando os estudos utilizados pela respetiva fonte de informação. João Paiva (2021) opta sempre por “dar a melhor informação possível”, já que se recusa a noticiar uma informação sem ser confirmada primeiro. Como consequência das alterações provocadas pelas redes sociais, Hermida (2012) alerta para a necessidade de se criar um grupo de “repórteres-curadores” (*reporter-curators*) (p. 665, trad. livre), que têm a responsabilidade de selecionar, confirmar e apresentar os factos. Em síntese, os “repórteres curadores” filtram, selecionam e contextualizam os dados presentes nas narrativas que circulam nas redes sociais (Hermida, 2012, p. 666).

O atual sistema de rede dos *media* é descrito por Hermida (2012) como “um sistema de verificação em tempo real, que respira em vida”<sup>18</sup> (p. 666). Com base no período de observação, o jornalista não tem controlo sobre os conteúdos das redes sociais e enfrenta, portanto, o obstáculo diário de atestar a veracidade das informações. As fotografias e os vídeos partilhados no *Twitter* sobre um acontecimento também podem induzir os jornalistas em erro, como aconteceu no caso da suposta transferência de Edinson Cavani (jogador de futebol) para o S.L. Benfica. Alguns jornalistas do Uruguai anunciaram através daquela rede social que a transferência de Edinson Cavani já estava finalizada. O jornalista da CNN, Tancredi Palmeiri, garantiu que o jogador iria fazer os testes médicos em Portugal. Duas semanas depois, Edinson Cavani foi oficializado como reforço do Manchester United F.C.

#### **4. O bloqueio de informação como principal entrave à verificação de factos**

No sentido de perceber os entraves e as limitações colocadas durante o processo de *fact-checking* na Editoria de Desporto, realizaram-se três entrevistas não estruturadas. A par dos testemunhos dos jornalistas entrevistados também se recolheram evidências durante o

---

<sup>18</sup> «(...) *a living, breathing real-time verification system* (...)» - (Hermida, 2012, p. 666).

período de estágio que sustentam a resposta ao objetivo da investigação. Para Catarina Cardoso (2021), João Paiva (2020) e Mary Caiado (2021), o principal entrave à verificação de factos é o bloqueio de informação por parte dos clubes e das entidades desportivos. Segundo Catarina Cardoso (2021), há alguns anos, os profissionais de jornalismo compareciam semanalmente aos treinos dos clubes e existia uma relação mais próxima com os intervenientes do desporto. Atualmente, fruto da profissionalização dos departamentos de comunicação dos clubes, o contacto direto com os jogadores, treinadores e dirigentes foi restringido ao máximo (Cardoso, 2021, cf. Apêndice 5). No jornalismo desportivo, Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3) explica que os clubes se fecham numa bolha e evitam prestar declarações aos jornalistas, o que dificulta o trabalho dos profissionais que tentam confirmar os dados. Já João Paiva (2021, cf. Apêndice 4) sugere que existe uma estratégia montada pelos clubes para baralhar o trabalho de verificação de factos dos jornalistas.

Para Catarina Cardoso (2021), os assessores têm vindo ajudar os intervenientes a optar por um discurso coerente e sem prejuízo para a imagem e reputação dos clubes. Na perspetiva de João Paiva (2021), quando surgem informações polémicas sobre os clubes ou intervenientes desportivos, os assessores iniciam estratégias para ganhar tempo, com o intuito de lidar da melhor forma possível com o assunto. Aliás, João Paiva (2021) refere que, na maioria dos casos, os jornalistas acabam por chegar à verdade, mas demoram mais algum tempo, já que têm de optar por outras fontes para chegar aos factos. Catarina Cardoso (2021) aponta a criação de canais de televisão como um trunfo para os clubes transmitirem a mensagem ao público, sem necessitarem de recorrer aos restantes órgãos de informação.

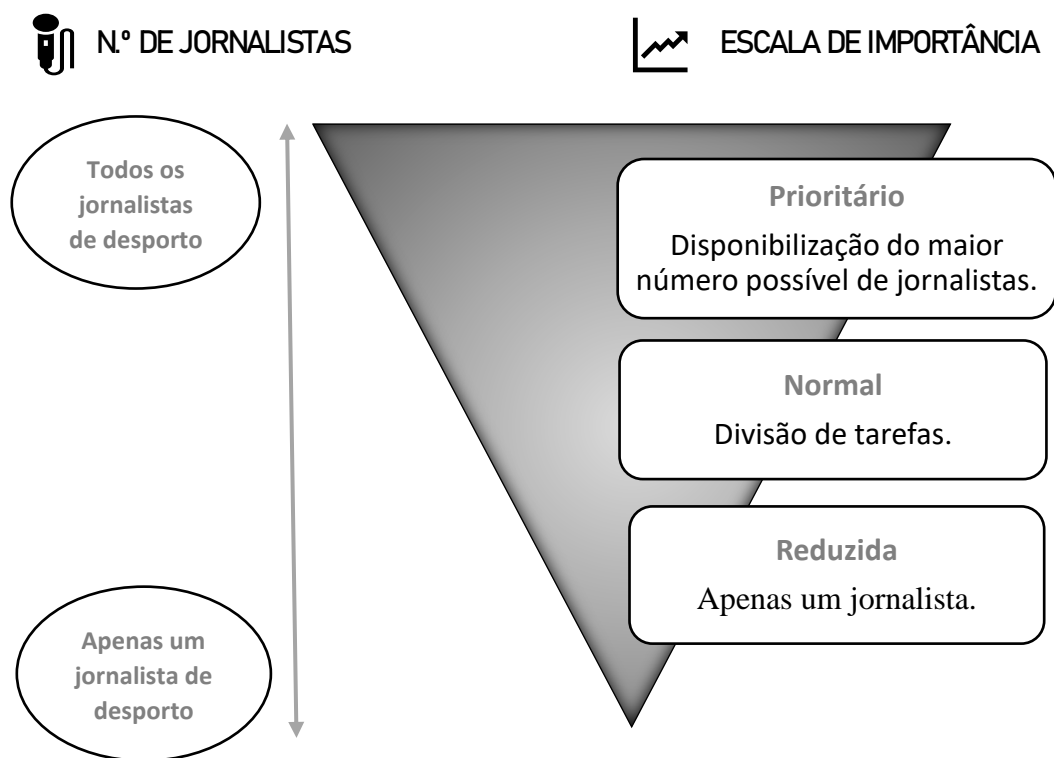
Quando se trata de uma informação específica - como, por exemplo, o agravamento do estado de saúde de Jorge Jesus, treinador do S.L. Benfica -, Catarina Cardoso (2021) e Mary Caiado (2021) revelam que os clubes não permitem que os jornalistas contactem diretamente os intervenientes. De acordo com Catarina Cardoso (2021), os jogadores, treinadores e dirigentes não podem falar com a comunicação social devido às cláusulas de confidencialidade no contrato. A justificação dada pelos intervenientes é a de que os clubes não permitem, visto que uma declaração fora de contexto pode prejudicar a imagem e reputação dos respetivos clubes (Cardoso, 2021, cf. Apêndice 5). Durante o período de estágio, foi-me dada a oportunidade de assistir a um treino da equipa de futebol do Sporting

C.P. O assessor de comunicação do clube em questão, Paulo Cintrão, proibiu os jornalistas de falarem com os jogadores e equipa técnica. Durante os 15 minutos de treino aberto, foi permitida apenas a captação de imagens de treino.

## 5. A hierarquização da relevância das verificações de factos

Ao longo do período de estágio, houve verificações de factos que tiveram maior importância na redação, sobretudo em matéria de mobilização de recursos. Neste sentido, foi possível dar conta através da observação de campo que existem processos de *fact-checking* com maior prioridade na redação. A existência de uma relação de causalidade entre a importância dos acontecimentos noticiosos e o número de jornalistas mobilizados para confirmar as informações pode ser sintetizada através da figura abaixo:

Figura 7 - A importância do *fact-checking* e o número de jornalistas



A figura acima expõe uma relação entre o número de profissionais de jornalismo e a relevância da notícia, sendo que quanto mais relevante for a notícia maior será o número de

jornalistas mobilizados para confirmar a informação. De forma a compreender melhor a escala de relevância, veja-se o caso do dia 29 de julho de 2020. José Carlos Araújo, editor executivo da TVI 24, dirigiu-se ao espaço da Editoria de Desporto com uma informação de extrema relevância: a possível disputa de um *Play-off* no futebol entre o 16.º classificado da Primeira Divisão e o 3.º classificado da Segunda Liga. De seguida, José Carlos Araújo pediu aos jornalistas de desporto para confirmarem a informação e fazerem rapidamente um «*OFF*». Posteriormente, Bruno Ferreira solicitou a todos os jornalistas presentes na redação para confirmar aquela informação. Após algumas chamadas, João Óca, jornalista de desporto, confirmou a informação e avisou os restantes colegas sobre o sucedido.

O *Play-off* permite que o vencedor do jogo entre o 16.º classificado da Primeira Liga e o 3.º classificado da Segunda Divisão disputem por uma vaga na Liga NOS. Minutos antes da notícia ser transmitida, questionei Pedro Rosmaninho sobre se a informação teve origem num comunicado da Liga de Clubes. Porém, o jornalista de desporto não especificou a origem da informação. Noutros casos, como a divulgação de comunicados de clubes, a verificação de factos foi realizada por um jornalista. Por exemplo, Bruno Ferreira pediu à jornalista de desporto, Mary Caiado, para fazer um «*OFF*» sobre o adiamento do Grande Prémio de Motociclismo da Tailândia. No dia 2 de março de 2020, o Moto GP foi adiado devido à evolução da pandemia provocada pelo novo coronavírus. Depois de acompanhado o processo de verificação de factos, foi possível verificar que Mary Caiado consultou a informação no *Mais Futebol*. Posteriormente, a jornalista de desporto também confirmou a informação no comunicado oficial da Moto GP.

Por um lado, houve informações em que a verificação de factos exigiu a necessidade de recorrer a toda a equipa. Por outro lado, também houve informações cuja confirmação de factos não foi prioritária, tendo sido realizada apenas por um jornalista. Em suma, houve notícias de grande importância cuja verificação foi prioritária, como a informação do *Play-off* de acesso à Liga NOS, mas também houve notícias menos relevantes, em que um jornalista foi suficiente para confirmar as informações. Esta observação não deixa de ser relevante para o presente estudo, já que foi possível verificar que existem informações prioritárias que exigem a máxima atenção por parte dos jornalistas.

## Conclusões finais

### I. Balanço do percurso na Editoria de Desporto da TVI

Apesar de se tratar de uma experiência no mercado de trabalho, não é possível dissociar as funções desempenhadas na redação dos conhecimentos adquiridos na faculdade. Com base nos conhecimentos consolidados no Mestrado em Jornalismo, verificaram-se melhorias significativas ao nível da escrita jornalística, edição de vídeos e colocação de voz. Na Editoria de Desporto, estas valências foram sendo aprimoradas com a experiência no trabalho de campo. Os conteúdos lecionados nas unidades curriculares do Mestrado em Jornalismo forneceram um conhecimento introdutório das práticas jornalísticas exigidas no mercado de trabalho. Posteriormente, o aperfeiçoamento destas valências técnicas e o número de anos na profissão permitem aos jornalistas criarem notícias de maior qualidade.

A grande mais-valia do estágio na TVI foi a consolidação da capacidade de edição de conteúdos audiovisuais e multimédia. Ao longo do estágio, foram adquiridos automatismos relativamente ao processo de construção da notícia em televisão, como o recurso às seguintes ferramentas de edição: (1) «*sQEdit*» - programa de edição de vídeos; e (2) «*Poliscript*» - programa de legendagem de vivos. A edição e legendagem de vídeos obriga à interiorização de uma série de procedimentos (pouco intuitivos) para a construção de peças em televisão. A gravação diária da *voz-off* obriga o jornalista a ter uma grande capacidade ao nível da colocação de voz. No estágio, os jornalistas mais experientes aconselham a contrair o diafragma antes de gravar a *voz-off*, já que a utilização negligente da voz causa danos às cordas vocais. Além de ser indispensável para criação de peças informativas, a colocação de voz é uma das técnicas mais importantes para os jornalistas que fazem resumos de jogos em televisão. No *Atelier* de Radiofonia também foi possível fazer alguns exercícios ao nível da colocação de voz.

Durante o estágio na Editoria de Desporto, observaram-se ainda alguns dos diretos televisivos realizados na TVI, a saber: (1) o jornalista Nuno Chaves deslocou-se ao Aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa, para acompanhar a partida da comitiva do S.L. Benfica para a Ucrânia, antes de defrontar o F.K. Shakhtar Donetsk; (2) a jornalista Rita Mendonça deslocou-se ao Estádio da Luz para acompanhar as eleições do novo presidente

do S.L. Benfica. Nos dois casos observados, foi possível perceber a postura corporal que o jornalista deve adotar durante o direto televisivo, nomeadamente: uma posição correta do corpo e um discurso pausado e seguro. Quando os jornalistas têm a necessidade de “encher” durante um direto - expressão utilizada por Bruno Ferreira -, podem se afastar momentaneamente das câmaras e descrever os acontecimentos do local àquela hora. No entanto, também foi referido que os jornalistas devem procurar conhecer todos os detalhes dos acontecimentos antes de seguirem para o local. Segundo Bruno Ferreira, o melhor improvisado é aquele em que os jornalistas dominam o assunto e demonstram conhecimento sobre o tema. Importa ainda referir que a postura corporal já tinha sido trabalhada no *Atelier* de Entrevista, Reportagem e Apresentação do presente Mestrado em Jornalismo.

Houve ainda a oportunidade de compreender melhor o funcionamento do universo televisivo, nomeadamente as funções dos elementos da régie. Ao longo do estágio, foi-me dada a oportunidade de assistir à transmissão do «*Mais Bastidores*» e do «*Mais Transferências*» a partir da régie. Durante as transmissões, perceberam-se as funções dos vários elementos da régie. A saber: o assistente de realização é responsável por inserir os caracteres, grafismos e *clipes* durante a emissão; o operador de mesa seleciona as câmaras que vão transmitir as imagens em direto; o operador de iluminação verifica o nível de saturação da cor da imagem durante a emissão; a pedido do realizador, o elemento que faz a articulação entre a régie e o estúdio revela as indicações sobre os posicionamentos dos operadores de câmara; o produtor garante que os diretos decorrem dentro da normalidade sem interferência no sinal e assegura ainda a parte logística do programa (meios de transporte dos convidados e contactos prévios); o elemento do audímetro regula o volume dos microfones em estúdio e de todos os elementos de áudio da emissão, como as trilhas sonoras dos programas; o editor assegura que o alinhamento do programa é cumprido no horário estipulado, comunicando com o *pivot* e os restantes elementos da régie; por fim, o realizador coordena todas as atividades da régie, entre as quais: o movimento de câmaras, a regulação de áudios ou a inserção de conectores.

Depois de se assistir, a partir do estúdio, à transmissão dos programas «*Mais Bastidores*» e «*Mais Transferências*», foi possível perceber a forma como é feita a articulação entre o apresentador e o responsável de régie durante as emissões. Há uma

comunicação constante e um aviso prévio do tempo limite para cada tema em debate, permitindo o cumprimento do alinhamento do programa no horário estipulado. Antes da transmissão do programa, o *pivot*, o responsável de régie e os comentadores definem a ordem do alinhamento e decidem o tempo estipulado para cada tema em debate. A opção por um discurso lógico e direto, com uma linha condutora sobre os detalhes essenciais da notícia, foi outra das mais-valias do estágio na Editoria de Desporto da TVI. O apoio dado na preparação de programas, como o «*Mais Bastidores*», «*Mais Transferências*», «*Mais Futebol*» ou «*A Equipa*», também permitiu adquirir competências técnicas ao nível da execução de *clipes*, *leads*, oráculos e grafismos.

## **II. Resposta aos objetivos do presente relatório de estágio**

Alguns investigadores (Amazeen, 2017; 2019; Graves & Cherubini, 2016) defendem que a verificação de factos surgiu numa altura em que o mundo atravessa uma deterioração das práticas jornalísticas e, em simultâneo, uma evolução tecnológica. Esta perspetiva é coincidente com a avaliação de Graves (2016), dado que considera a verificação de factos como uma prática reformadora que visa melhorar o jornalismo. Não está, por isso, distante das perspetivas dos entrevistados do presente relatório de estágio, visto que também consideram a verificação de factos como uma prática essencial para a Editoria de Desporto e, no geral, para o jornalismo.

Com base no período de observação, é possível perceber que existe uma ligação intrínseca entre a procura da verdade e a verificação de factos. A declaração amplamente referida na Editoria de Desporto - “não te atraveses com essa informação, joga pelo seguro” - expõe a cautela com o processo de verificação de factos na Editoria de Desporto. Questionados quanto à forma como encaram o processo de verificação de factos, os entrevistados [Catarina Cardoso, João Paiva, Joaquim Sousa Martins, Mary Caiado e Pedro Benevides] referiram-se à prática como um sinónimo de “verdade”, “rigor” e “clareza”. A verificação de factos é entendida pelos entrevistados como uma prática obrigatória e transversal a todas as editorias do departamento de informação da TVI, na qual se inclui naturalmente o desporto. A título de exemplo, Mary Caiado (2021, cf. Apêndice 3) afirma que “a verificação de factos é como tentar chegar ao início da corrente e perceber a origem

da informação”. Uma perspetiva que é partilhada no seio da redação, dado que a recomendação é optar pela proteção e salvaguarda da credibilidade do jornalista. Por este motivo, quando são informações difíceis de se confirmar, o jornalista deve optar por não dar a notícia, sob pena de contribuir para a desinformação. Em último recurso, e se não existir uma alternativa válida, os jornalistas são aconselhados pelos editores a atribuir crédito ao órgão de informação que divulgou a notícia.

A verificação de factos é uma prática que emana da experiência dos jornalistas em contexto de trabalho, sendo que cada profissional tem métodos diferentes para confirmar as informações. Tal como foi revelado no ponto 1 da parte III. -, a verificação de factos pode ser realizada de forma direta ou indireta. Por um lado, a verificação de factos é direta quando o jornalista assume o processo e utiliza os seus próprios recursos para comprovar as informações. Por outro lado, a verificação de factos pode ser indireta quando o jornalista recorre aos colegas de profissão ou às chefias para tentar confirmar as informações. Atendendo ao trabalho diário da redação durante o período em estágio, importa referir que não foi possível observar permanentemente todos os acontecimentos no local. Posto isto, a necessidade de cumprir as tarefas solicitadas pela chefia impediu a observação de todos os eventos ocorridos na Editoria de Desporto.

Importa também sintetizar a articulação estabelecida entre a Editoria de Desporto da TVI e o *Mais Futebol*. Tal como é explicado no ponto 2.2.2. da parte III., existe uma relação de confiança e proximidade entre os profissionais dos dois órgãos de comunicação. Devido à proximidade física, a troca de informações é uma prática habitual que favorece os respetivos órgãos de informação. A Editoria de Desporto da TVI tira proveito da extensa rede de contactos dos jornalistas do *Mais Futebol*. Paralelamente, o *Mais Futebol* também beneficia da componente audiovisual e multimédia das reportagens realizadas pela Editoria de Desporto da TVI. Vejam-se os exemplos das notícias do *Mais Futebol* que têm vídeos sobre as declarações dos treinadores nas conferências de antevisão dos jogos. Em caso de dúvida sobre uma notícia do *Mais Futebol*, os jornalistas de desporto da TVI trocam informações em tempo real com os respetivos autores da informação. Durante o período de estágio, foi possível perceber que os vínculos de confiança permitem aos jornalistas da TVI noticiar as informações do *Mais Futebol* sem receio de divulgar dados incorretos.

De seguida, entre as modalidades de *fact-checking* identificadas no ponto 1 da parte III., verificaram-se situações em que não foi possível verificar os factos. A título de exemplo, no caso de Harry Maguire, a opção encontrada foi a citação do jornal responsável pela divulgação da notícia. Na eventualidade de não conseguir confirmar os dados, o jornalista tem duas opções: (1) não dar a informação; ou (2) citar o órgão que divulga a notícia. Nenhuma das opções é particularmente apreciada no seio da Editoria de Desporto. Todos os jornalistas preferem esperar pelas informações das agências de notícias ou confirmar os dados com outras fontes. No entanto, se forem obrigados a dar uma informação - por exemplo, devido a uma decisão da direção -, os jornalistas optam por dar crédito ao órgão que divulgou a informação. É, neste sentido, que Catarina Cardoso (2021, cf. Apêndice 5) explica que os jornalistas de desporto se escondem um pouco atrás das seguintes expressões: “de acordo com a imprensa internacional” ou “segundo a imprensa da Catalunha”. Estas expressões são muito utilizadas nas notícias de desporto, dado que é cada vez mais difícil para os jornalistas confirmarem as informações do desporto internacional.

De um modo geral, verificou-se que dar uma informação sem a confirmar previamente não é recomendada na Editoria de Desporto. Em último recurso - e faz-se essa ressalva -, o jornalista deve atribuir o crédito da informação ao respetivo órgão de comunicação social. Por uma questão de transparência e honestidade, Phillips (2010, p. 380) defende que a identificação objetiva dos autores das informações permite aos jornalistas concentrarem-se nas suas próprias reportagens. Aliás, a autora critica a utilização progressiva e indevida dos conteúdos noticiosos sem dar o devido crédito aos órgãos de comunicação que divulgam a informação.

Durante o período de observação, também foi possível perceber a articulação existente entre a Editoria de Desporto da TVI e as agências de notícias. De um modo geral, Catarina Cardoso (2021), João Paiva (2021) e Mary Caiado (2021) confiam no trabalho realizado pelas seguintes agências de notícias: *Agência Lusa*, *Associated Press News* e *Reuters*. Uma perspetiva que coincide com a opinião dos restantes jornalistas da redação. Tal como referiu Bruno Ferreira no dia 06 de março de 2020, “se a informação está na *Agência Lusa*, então, é verdade”. A presente afirmação indica que existe, no mínimo, confiança no trabalho realizados pelas agências de notícias. Sobre a possibilidade de existir

uma dupla verificação de factos das notícias das agências, foi possível observar ao longo do estágio que os jornalistas não conseguem confirmar as notícias no imediato. Num primeiro momento, os jornalistas limitam-se a fazer um «*OFF*» sobre os acontecimentos noticiosos. Num período posterior, e em conjunto com a chefia direta, o jornalista decide o ângulo de abordagem que pretende dar à informação e procura cruzar e confirmar os dados.

Percebe-se também que os jornalistas estão pressionados com o tempo e não conseguem, por isso, verificar a informação naquele momento. Desta forma, levanta-se o seguinte dilema: dar a informação em primeiro ou dar a melhor informação possível? João Paiva (2021, cf. Apêndice 4) afirma que prefere dar sempre a melhor informação. Há naturalmente problemas éticos que se levantam com esta questão, como a quebra do artigo 1.º do Código Deontológico (2017), em que “os jornalistas devem relatar com rigor e exatidão todos os factos”. Porém, foi possível observar que os jornalistas sentem a necessidade de citar os órgãos de informação ou as agências de notícias devido à necessidade de dar resposta aos acontecimentos no imediato. Ao longo do estágio, percebeu-se ainda que a atribuição de crédito da informação foi a forma encontrada pelos jornalistas de desporto para se salvaguardarem de futuras críticas e dar, em simultâneo, a informação.

Na Editoria de Desporto, o excesso de informação nas redes sociais e a presença de versões contraditórias dos acontecimentos também surgiram como fatores desestabilizadores da verificação de factos. Recorde-se os sucessivos *tweets* de jornalistas do Uruguai e de Itália a dar conta da iminente transferência de Edinson Cavani para o S.L. Benfica. Perto do fecho do mercado de transferências, o jogador em questão foi oficializado no Manchester United F.C. É, neste sentido, que Hermida (2012, p. 665) sugere que as redes sociais estão cada vez mais ligadas à recolha de informações que servem de base para futuras notícias. Por este motivo, o autor alerta para a necessidade de existirem “repórteres-curadores” nos órgãos de informação, cujo objetivo é verificar as informações que circulam nas redes sociais. Na redação da TVI - e, em particular, na editoria de desporto -, o tempo é escasso e os jornalistas têm de agilizar ao máximo o processo de confirmação de factos. A par de Hermida (2012, p. 665), também se concluiu que a Editoria de Desporto poderia beneficiar com a presença de especialistas treinados para selecionar e exhibir os conteúdos mais interessantes das redes

sociais. Porém, os custos e a necessidade de economizar recursos por parte dos *media* impedem a criação dos “repórteres-curadores”.

Durante o período de estágio, foi possível observar que os jornalistas da Editoria de Desporto mostram alguma preocupação com o atual estado do jornalismo e a influência das redes sociais na percepção do público. Neste sentido, é importante que os cidadãos também consumam regularmente notícias de modo a aumentar a sua confiança nos órgãos de informação. Consequentemente, também se pode concluir que é do interesse da sociedade e do próprio setor dos *media* que os cidadãos tenham conhecimento dos meios onde podem encontrar as notícias de qualidade (Schranz, Schneider & Eisenegger, 2016, p. 88). Após a consulta de alguns estudos (Otto & Köhler, 2016; Hermida, 2012; Tsfati & Cappella, 2003), percebeu-se que a credibilidade dos *media* está danificada pela percepção de uma crescente desinformação nas redes sociais e pela falta de literacia mediática por parte dos cidadãos. De acordo com Vosoughi, Roy e Aral (2018), alguns utilizadores têm a percepção generalizada de que as notícias estão presentes nas redes sociais.

Schranz, Schneider e Eisenegger (2016, p. 89) concluem que os *media* devem ser rigorosos nos seus conteúdos noticiosos, já que promovem também a sua credibilidade perante a opinião pública. Durante o estágio, foi possível perceber que os jornalistas estão pressionados pela luta de audiências. O trabalho diário e o imediatismo dos acontecimentos noticiosos também limitam o trabalho do próprio jornalista na redação. Tal como refere Catarina Cardoso (2021), a necessidade de dar resposta aos acontecimentos noticiosos retira profundidade às peças de desporto. A jornalista lamenta e considera que este é um reflexo da televisão atual. Otto e Köhler (2016) sugerem que as verificações de factos melhoram a credibilidade dos órgãos de comunicação perante a opinião pública. Assim, não é de estranhar que Pedro Benevides (2020) considere o novo projeto de *fact-checking* da TVI como uma melhoria significativa para o canal. Na Editoria de Desporto, também se percebeu que há uma preocupação acrescida com a credibilidade do próprio canal; e, tal como refere Amazeen (2018, p. 556), conclui-se que a verificação de factos é a alavanca para a melhoria da atividade jornalística, já que é uma prática necessária para evitar a desinformação generalizada.

## Referências bibliográficas

Amazeen, M. A. (2017). Journalistic interventions: The structural factors affecting the global emergence of fact-checking. *Journals Sage Publications*. Retrieved from: <https://doi.org/10.1177/1464884917730217>.

Amazeen, M. A. (2018). Practitioner perceptions: Critical junctures and the global emergence and challenges of fact-checking. *International Communication Gazette*, 81(6-8), 541-561. Retrieved from: <https://doi.org/10.1177/1748048518817674>.

Amazeen, M. A., Thorson, E., Muddiman, A., & Graves, L. (2016). Correcting Political and Consumer Misperceptions: The Effectiveness and Effects of Rating Scale Versus Contextual Correction Formats. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 95(1), 28–48. Retrieved from: <https://doi.org/10.1177/1077699016678186>.

Birks, J. (2019). *Fact-Checking Journalism and Political Argumentation: A British Perspective*. Nottingham: Palgrave Macmillan.

Blumler, J. G. (2018). The Crisis of Public Communication, 1995–2017. *Javnost - The Public*, 25(1-2), 83–92. Retrieved from: <https://doi.org/10.1080/13183222.2018.1418799>.

Brennen, B. (2009). *The future of journalism*. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, 10(3), 300–302. Retrieved from: <https://doi.org/10.1177/1464884909102584>.

Brenner, M. E. (2006). *Interviewing in educational research*. In J. L. Green, G. Camilli, & P. B. Elmore (Eds.), *Handbook of complementary methods in education research* (3rd Ed., pp. 357–370). Washington, DC: American Educational Research Association.

Bryman, A. (2012). *Social Research Methods*. (4<sup>a</sup>. Ed.). Oxford University Press Inc., New York.

Buozis, M., & Creech, B. (2017). Reading News as Narrative. *Journalism Studies*, 19(10), 1430–1446. Retrieved from: <https://doi.org/10.1080/1461670X.2017.1279030>.

Cardoso, G., Baldi, V., Pais, P. C., Paisana, M., Quintanilha, T., & Couraceiro, P. (2018). *As fake news numa Sociedade Pós-Verdade: Contextualização, potenciais soluções*

e análise. *Observatório da Comunicação*, Lisboa, Portugal. Retrieved from: <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/as-fake-news-numa-sociedade-pos-verdade---contextualizacao-potenciais-solucoes-e-analise/48701>. [Consulted on: 17/01/2020].

Cardoso, G., Baldi, V., Crespo, M., Pinto-Martinho, A., Pais, P. C., Paisana, M., & Couraceiro, P. (2019). O que devem saber os Jornalistas? Práticas e Formação em Portugal. *Observatório da Comunicação*. Lisboa, Portugal. Retrieved from: <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/o-que-devem-saber-os-jornalistas-praticas-e-formacao-em-portugal/67569>. [Consulted on: 21/01/2021].

Conseil Suisse de la Presse (2017). Directives relating to the «Declaration of the Duties and Rights of the Journalist». Retrieved from: <https://presserat.ch/en/journalistenkodex/richtlinien/>. [Consulted on: 03/10/2020].

Cornu, D. (1994) *O Jornalismo e Verdade. Para Uma Ética da Informação*. Lisboa: Instituto Piaget (1.ª Ed.).

Cunha, I., Castilho, F., & Guedes, A. (2017). *Ficção Seriada Televisiva no Espaço Lusófono*. LabCom, Communication & Arts. IFP: Covilhã. Retrieved from: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/book/293>. [Consulted on: 17/04/2020].

Davies, C. A. (1999). *Reflexive ethnography: A guide to researching selves and others*. (1ª. Ed.). New York: Routledge.

Deutsche Presseratp (2017) Pressekodex: Ethische Standards für den Journalismus. Retrieved from: <https://www.presserat.de/pressekodex.html>. [Consulted on: 03/10/2020].

Dicke, W. (1995, July 3). George Seldes is dead at 104: An early fervent press critic. *The New York Times*, pp. 46. (Section 1 of the National edition). Retrieved from: <https://www.nytimes.com/1995/07/03/obituaries/george-seldes-is-dead-at-104-an-early-fervent-press-critic.html>. [Consulted on: 22/10/2019].

Dobbs, M. (2012). *The Rise of Political Fact-checking, How Reagan Inspired a Journalistic Movement'*, New America Foundation. Retrieved from: <https://www.issuelab.org/resources/15318/15318.pdf>. [Consulted on: 22/01/2021].

Echeverri, G., Romero-Rodríguez, L. M., & Pérez-Rodríguez, M. A. (2018). Fact-checking vs. Fake news: Periodismo de confirmación como recurso de la competencia mediática contra la desinformación. *Index.comunicación*, 8(2), 295-316. Retrieved from: <http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/16180>.

ERC (2019). Desinformação - Contexto Europeu e Nacional. Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Retrieved from: <http://www.erc.pt/pt/estudos-e-publicacoes/media-imprensa-radio-tv/estudo-a-desinformacao-contexto-europeu-enacional>.

Esteves, C. S. N. (2018). *A produção jornalística num programa de entretenimento: o caso do programa Você na TV*. (Master's Thesis, Escola Superior de Comunicação Social - Instituto Politécnico de Lisboa). Retrieved from: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/9444>.

Ferreira, M. P., Reis, N., R., & Santos, J., C. (2011). TVI - O turnaround até à liderança das audiências. Caso de estudo N.º 7. *GlobAdvantage: Center of Research in International Business & Strategy*. Retrieved from: <https://globadvantage.ipleiria.pt/casos-estudo/casos-disponiveis/>. [Consulted on: 09/03/2020].

Fridkin, K., Kenney, P. J., & Wintersieck, A. (2015). Liar, Liar, Pants on Fire: How Fact-Checking Influences Citizens' Reactions to Negative Advertising. *Political Communication*, 32(1), 127–151. Retrieved From: <https://doi.org/10.1080/10584609.2014.914613>.

Fusch, P. & Ness, L. R. (2015). *Are We There Yet? Data Saturation in Qualitative Research*. *The Qualitative Report*, 20 (9), pp. 1408-1416.

Graves, L. (2013). *Deciding what's true: Fact-checking journalism and the new ecology of news* (Doctoral dissertation, Columbia University). Retrieved from: <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8XG9Z7C>.

Graves, L., & Cherubini, F. (2016). *The rise of fact-checking sites in Europe*. *Digital News Project*. Reuters Institute: Study of Journalism. Retrieved from:

<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/rise-fact-checking-sites-europe>.

[Consulted on: 06/05/2020].

Gottfried, J. A., Hardy, B. W., Winneg, K. M., & Jamieson, K. H. (2013). Did Fact Checking Matter in the 2012 Presidential Campaign? *American Behavioral Scientist*, 57(11), 1558–1567. Retrieved from: <https://doi.org/10.1177/0002764213489012>.

Hassan, N., Adair, B., Hamilton, J. T., Tremayne, M., Yang, J., & Yu, C. (2015, July). The quest to automate fact-checking. In *Proceedings of the 2015 Computation Journalism Symposium*. Retrieved from: <http://ranger.uta.edu/~cli/pubs/2015/claimbuster-cj15-hassan.pdf>. [Consulted on: 03/12/2019].

Hermida, A. (2012). Tweets and truth: Journalism as a discipline of collaborative verification. *Journalism Practice*, 6(5-6), 659-668. Retrieved from: <https://doi.org/10.1080/17512786.2012.667269>.

Johnston, D. K. (2004). *The Natural History of Fact*. *Australasian Journal of Philosophy*, 82(2), 275–291. Retrieved from: <https://doi.org/10.1080/715691147>.

Langer, S. K. (1933). Facts: The Logical Perspectives of the World. *The Journal of Philosophy*, 30(7), 178. Retrieved from: <https://doi.org/10.2307/2015751>.

Nation Union Journalists (2011). Code of conduct. Retrieved from: <https://www.nuj.org.uk/about/nuj-code/>. [Consulted on: 03/03/2020].

Newman, N., Fletcher, R., Kalogeropoulos, A., & Nielsen, R. (2019). *Reuters institute digital news report 2019* (Vol. 2019, 1-159). Reuters Institute for the Study of Journalism, University Oxford. Retrieved from: <https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:18c8f2eb-f616-481a-9dff-2a479b2801d0>.

Nyhan, B., & Reifler, J. (2014). The Effect of Fact-Checking on Elites: A Field Experiment on U.S. State Legislators. *American Journal of Political Science*, 59(3), 628–640. Retrieved from: <https://doi.org/10.1111/ajps.12162>.

Schranz, M., Schneider, J., & Eisenegger, M. (2018). Media Trust and Media Use. Trust in Media and Journalism. In Otto, K., & Köhler, A. (Eds.). *Trust in media and*

*journalism: Empirical perspectives on ethics, norms, impacts and populism in Europe.* Springer.

Palau-Sampio, D. (2016). Metamorfosis de la prensa de referencia en el contexto digital: clickbait y estrategias de tabloide en Elpais.com. *Comunicación y Sociedad*, 29(2), 63-80. Retrieved from: <http://doi.org/10.15581/003.29.2.sp.63-80>.

Phillips, A. (2010). Transparency and the new ethics of journalism. *Journalism Practice*, 4(3), 373-382. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1080/17512781003642972>.

Pryor, J. (2010). Constructing research questions Focus, methodology and theorisation. *The Routledge doctoral student's companion*, (13), 161-171.

Rodrigues, A. D. (2001). *Estratégias de Comunicação: questão comunicacional e questões de sociabilidade*. (3ª Ed.). Lisboa, Portugal: Editorial Presença.

Rodríguez, L. M., Moreno, P. C., & Toukoumidis, Á. T. (2016). Dimensiones e indicadores de la calidad informativa en los medios digitales. *Comunicar*, 24(49), 91–100. Retrived from: <https://doi.org/10.3916/C49-2016-09>.

Sarr, E. N., Sall, O., & Diagne, A. (2017, July 29-31). SenFact Algorithm: Fact-checking by the confrontation of opinions. In *2017 13th International Conference on Natural Computation, Fuzzy Systems and Knowledge Discovery (ICNC-FSKD)* (pp. 2235-2241). IEEE. Retrieved from: <https://10.1109/FSKD.2017.8393118>.

Schudson, M. & Anderson, C. (2009). “Chapter 7: Objectivity, Professionalism, and Truth Seeking in Journalism”. In: Karin Wahl-Jorgensen and Thomas Hanitzsch (Eds), *The Handbook of Journalism Studies*, New York: Routledge, pp. 88-101. Retrieved from: <http://keralamediaacademy.org/wp-content/uploads/2015/02/Handbook-of-Journalism-Studies.pdf>. [Consulted on: 12/12/2020].

Sindicato dos Jornalistas (2010a, April 19). Declaração da UNESCO: Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo - 1983. Retrieved from: <https://jornalistas.eu/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo-1983/>. [Consutled on: 03/03/2020].

Sindicato dos Jornalistas (2010b, December 16). Declaração de Munique - 1971. Retrieved from: <https://jornalistas.eu/declaracao-de-munique-1971/>. [Consulted on: 28/06/2020].

Singer, J. B. (2007). Contested Autonomy: professional and popular claims on journalistic norms. *Journalism Studies* 8(1), (pp. 79-95). Retrieved from: <https://doi.org/10.1080/14616700601056866>.

Singer, J. B. (2003). Who are these Guys? The Online Challenge to the Notion of Journalistic Professionalism. *Journalism*, 4(2), 139–163. Retrieved from: <https://doi.org/10.1177/146488490342001>.

Society of Professional Journalists (2014, September 06). *Society of Professional Journalists: Code of ethics*. National Convention in Nashville, Tenn. EUA. Retrieved from: <https://www.spj.org/ethicscode.asp>. [Consulted on: 03/10/2020].

Sponholz, L. (2009). O que é mesmo um fato? Conceitos e suas consequências para o jornalismo. *Galáxia*, (18), 56-69. Retrieved from: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641244012>.

Stake, R. E. (2010). *Qualitative Research: Studying How Things Work*. New York: The Guilford Press.

Traquina, N. (2002). “*O que é o jornalismo?*” Lisboa: Quimera.

Tsfati, Y., & Cappella, J. N. (2003). Do People Watch what they Do Not Trust? *Communication Research*, 30(5), 504–529. Retrieved from: <https://doi.org/10.1177/0093650203253371>.

Tuchman, G. (1972). Objectivity as Strategic Ritual: An Examination of Newsmen’s Notions of Objectivity. *American Journal of Sociology*, 77(4), 660–679. Retrieved from: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/225193>.

Uscinski, J. E., & Butler, R. W. (2013). The Epistemology of Fact Checking. *Critical Review*, 25(2), 162–180. Retrieved from: <https://doi.org/10.1080/08913811.2013.843872>.

Vosoughi, S., Roy, D., & Aral, S. (2018, March 3). *The spread of rumors online: How did the research begin?* [Video file]. Retrieved from: [https://www.youtube.com/watch?list=PLj62wQeg\\_Di1xJbrcx4JTgFHJNqoQN\\_W&time\\_continue=4&v=hgeH9S-ydcU&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?list=PLj62wQeg_Di1xJbrcx4JTgFHJNqoQN_W&time_continue=4&v=hgeH9S-ydcU&feature=emb_title).

Walsh, D. (1943). *Fact*. *The Journal of Philosophy*, 40(24), pp. 645-654. Retrieved from: <https://doi.org/10.2307/2018930>.

Yin, R. K. (2011). *Qualitative Research from Start to Finish*. New York: The Guilford Press.

Zelizer, B. (2004). When facts, truth, and reality are God-terms: on journalism's uneasy place in cultural studies. *Communication and Critical/Cultural Studies*, 1(1), 100-119. Retrieved from: <https://doi.org/10.1080/1479142042000180953>.

### **Websites consultados**

Sindicato dos Jornalistas (2017). *Novo Código Deontológico*. Retrieved from: <https://jornalistas.eu/novo-codigo-deontologico/>.

Sport Lisboa e Benfica (2020). Palmarés. Retrieved from: <https://www.slbenfica.pt/pt-pt/slb/palmares>.

Federação Portuguesa de Futebol (2020). Registo de Competições de Futebol Masculino. Retrieved from: <https://www.fpf.pt/competicoes/futebol/masculino/liga-nos>.

## IV. Apêndices

### Apêndice 1 - Entrevista de Pedro Benevides - Coordenador da *Hora da Verdade*.

Quadro 2 - Identificação de Pedro Benevides.

Entrevistado	Cargos	Empresa	Data
Pedro Benevides	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Subdiretor de Informação;</li><li>▪ Editor de Política;</li><li>▪ Coordenador do <i>Hora da Verdade</i>, segmento de <i>fact-checking</i> do <i>Jornal das Oito</i> (J8) da TVI.</li></ul>	TVI	15 de setembro de 2020

Fonte - Elaboração própria.

**David Piedade** - Olá, Pedro. Antes de mais, quero agradecer por me esclarecer algumas dúvidas. De seguida, pergunto-lhe se posso gravar a nossa conversa?

**Pedro Benevides** - Claro que sim.

**David Piedade** - Pedro, pergunto-lhe no que é que consiste esta parceria da TVI com o *Observador*?

**Pedro Benevides** - Olá, David. Esta parceria com o *Observador* resulta do facto de entendermos que faz sentido, atualmente, fazermos a verificação dos factos para além de dar as notícias aos nossos telespectadores. Faz sentido, porque, atualmente, existem canais de notícias de 24 horas e plataformas digitais, em que os profissionais estão a trabalhar ao minuto com uma renovação constante da informação. Por este motivo, perde-se, muitas vezes, a reflexão daquilo que é dito pelos vários atores que entram no palco mediático, quer sejam da política ou de outras áreas.

Portanto, por diversas ocasiões, transmitimos discursos em direto e, muitas vezes, os próprios discursos não são suficientemente filtrados. É, nesse sentido, que há uma necessidade de olharmos e apurarmos se aquilo que está a ser dito corresponde à verdade, até porque estamos numa altura em que as *fake news* são uma constante. Por ser muito fácil

divulgar e propagar *fake news* - e como é muito fácil divulgar informação que não está correta -, faz sentido que haja aquilo que é o nosso papel enquanto jornalistas, como filtrar aquilo que é, ou não, verdade.

Nós temos esta parceria com o *Observador*, porque a redação da TVI não tem capacidade por razões estruturais para assegurar, neste momento, essa missão [verificação de factos] sozinha. Além disso, em Portugal, também só há dois órgãos de comunicação social que estão creditados na *Rede Internacional de Fact-Checkers*, que é uma rede que junta órgãos de comunicação social do mundo inteiro e que alguns deles até são de referência. Os membros trabalham todos ao abrigo de um livro de estilo que os obriga a fazer verificações de factos imparciais; não podem tomar partido; têm de fazer verificações de factos com alguma regularidade; e têm de cumprir parâmetros universais que permitam que se faça uma avaliação de *fact-checking* com total transparência.

Voltando um pouco atrás. Em Portugal, só há dois órgãos de comunicação social creditados nessa rede: um deles é o *Observador* e o outro é o *Polígrafo*, que trabalha com a SIC. Portanto, para nós, fazia todo o sentido trabalhar com o *Observador* neste projeto, sendo que até foi o primeiro órgão de comunicação social português a creditar-se na *Rede Internacional de Fact-Checking* e a fazer verificações de factos desde 2015.

**David Piedade** - Pedro, a verificação de factos aplica-se a todas as editoriais da TVI, incluindo o desporto?

**Pedro Benevides** - Em relação à área de atuação deste projeto, aplica-se a todas as informações que fazem parte da atualidade, incluindo o desporto. Nós temos um formato, em que fazemos diariamente o *fact-checking* de alguma peça informativa que marcou a atualidade, como uma declaração de Donald Trump [Presidente dos Estados Unidos da América] ou de António Costa [Primeiro-ministro português]. Depois, temos uma peça semanal, onde não só estamos atentos ao que foi dito pelos vários intervenientes no espaço mediático, como também estamos atentos àquilo que circula nas redes sociais, designadamente no *Facebook*.

As redes sociais acabam por ser plataformas, onde as *fake-news* circulam com uma grande velocidade. Portanto, a nossa área de abrangência é total e tanto pode ser uma

verificação de factos de uma notícia da área da política - e provavelmente até deve ser uma notícia de política, porque os intervenientes políticos estão sempre a fazer declarações todos os dias -, como também pode ser de economia, justiça ou educação. Pode, inclusive, ser uma declaração de desporto, caso seja uma declaração forte e que justifique uma averiguação mais profunda.

Todos os dias, em articulação com o *Observador*, detetamos e analisamos o caso que achamos mais interessante para fazer uma verificação de factos para esse dia. Naturalmente, temos de verificar se é exequível fazer *fact-checking* para esse dia, porque há verificações de factos mais demoradas. Depois, os responsáveis do Observador fornecem-nos o conteúdo. Eles próprios [*fact-checkers* do *Observador*] já garantiram o *fact-checking*, porque o *Observador* tem uma equipa própria para fazê-lo. Depois, nós [jornalistas da TVI] transformamos num produto televisivo para exibir no *Jornal das Oito* (J8).

**David Piedade** - Pedro, sabe explicar como é feito o processo de *fact-checking* pelo *Observador*?

**Pedro Benevides** - Basicamente, o *Observador* escolhe uma frase. Depois, a frase deve ser isolada para se ter a noção do início e fim da área sobre a qual se vai fazer a verificação de factos. Portanto, não pode ser um discurso inteiro - a menos que sejam várias verificações de factos -, é uma frase específica e refere-se, em seguida, se corresponde, ou não, à verdade. Depois, em função do tema, consultam-se várias fontes, que podem ser: estatísticas oficiais; personalidades envolvidas diretamente na declaração em causa; declarações antigas da própria fonte; ou obras publicadas.

Enfim, faz-se um estudo exaustivo sobre aquela matéria, recorrendo às fontes necessárias para se perceber se aquela declaração corresponde, ou não, à verdade. Depois, também há uma escala de classificação, em que a declaração pode estar certa, ou seja, a declaração está factualmente correta. Pode ser esticado, ou seja, a declaração até é verdade, mas está colocada para dar a entender algo que não é de toda verdade. Pode ser também inclusivo, porque pode se chegar à conclusão de que, por muito que se tentasse [fazer a verificação de factos], não há forma de chegar a nenhum resultado que permita afirmar que

é, ou não, verdade. Pode ser enganador ou errado. Enfim, é uma escala com cerca de seis classificações, que depois dão a avaliação final.

**David Piedade** - Pedro, e nos casos em que as verificações de factos são inconclusivas, o que é que o jornalista deve fazer?

**Pedro Benevides** - Quando o resultado é inconclusivo, o jornalista deve explicar o que fez, os passos que tomou e porque é que chegou a um beco sem saída. No fundo, deve explicar aos leitores o motivo pelo qual não conseguiu determinar a veracidade da declaração. De resto, nós temos planos para que, na versão televisiva, seja possível explicar aos expectadores como é que foi feita uma determinada verificação dos factos. Isto [explicação de todos os passos de *fact-checking*] coloca-se muito, quando o resultado é inconclusivo, especialmente para explicar às pessoas que os passos que foram dados não permitiram chegar a nenhuma conclusão.

**David Piedade** - Há alguns minutos, disse que muitas das declarações que são transmitidas em televisão não são devidamente filtradas. Não são devidamente filtradas, porquê?

**Pedro Benevides** - Não são devidamente filtradas, porque o discurso do Presidente da República, que é feito às 17:00, tem de ser transmitido, muitas vezes, em direto e pode acabar às 19:30. O jornalista responsável pela notícia não vai ter muito tempo para verificar se aquela declaração já foi dita anteriormente ou se corresponde completamente à verdade. Portanto, o jornalista faz uma peça com rigor, atribuindo aquelas declarações aos respetivos intervenientes, mas não teve tempo de fazer outro tipo de trabalho mais profundo.

O problema é que toda a equipa está ocupada com outras notícias e, no dia seguinte, já há outros trabalhos para fazer. Logo, tendo em conta os recursos que existem hoje nas redações - e o ritmo do trabalho diário -, não há muito tempo para se chegar à redação no dia seguinte e pegar nas declarações do dia anterior. Não é possível colocar um jornalista o dia inteiro só a consultar e a verificar os factos de todas as declarações. Como isso [verificar exaustivamente as declarações do dia anterior] não é exequível, não é possível filtrar com maior profundidade as declarações dos intervenientes. Ou seja, o líder do partido da oposição do governo ou o Primeiro-ministro em exercício podem atirar uma série de factos ou

números para o ar, porque eles [intervenientes políticos] sabem que dificilmente vão ser verificados a tempo. Entretanto, essa informação vai sendo divulgada e propagada.

No fundo, é um bocadinho aquilo que o [Donald] Trump faz nos Estados Unidos da América. Ele [Donald Trump] diz umas coisas. Entre o momento em que as declarações de [Donald] Trump são divulgadas e o momento em que depois são verificadas, já houve uma disseminação enorme. Nem toda a gente vai acreditar, mas há uma porção significativa dos eleitores que vai acreditar, porque quer acreditar e recusa-se a ouvir outra versão. Portanto, este exercício, que não se faz com muita frequência, é cada vez mais necessário no jornalismo. No caso da TVI, resolvemos a situação depois de fazer uma parceria com o *Observador*, que está apto para realizar efetivamente esse trabalho.

**David Piedade** - Qual é o tempo médio de uma verificação de factos?

**Pedro Benevides** - Depende dos casos. Por exemplo, há pouco tempo, falámos sobre o caso específico das redes sociais. Há temas absurdos que circulam nas redes sociais, porque as pessoas partilham muito e não se preocupam em saber se é realmente verdade. Outros assuntos são mais fáceis de confirmar, como a Covid-19. Faz-se alguns telefonemas para médicos e consegue-se desmontar aquilo que é uma mentira, que maioritariamente é dita por quem não percebe nada do tema. No entanto, é preciso desmentir, porque o assunto criou uma narrativa, em que algumas pessoas acreditaram.

Por exemplo, ainda há poucos dias, o António Costa [Primeiro-ministro] disse que cada escola vai ter uma mesa por cada aluno e uma sala por cada turma. De seguida, aquilo que fizemos no *Hora da Verdade* foi falar com os diretores dos diferentes agrupamentos de escolas, o que não foi muito difícil. Os diretores dos agrupamentos disseram que era impossível. Para terem uma sala para cada turma, tinham de ter nas escolas menos 8 turmas daquelas que têm atualmente. Por outro lado, também disseram que não podiam ter um aluno por secretária, porque têm mesas duplas e, caso tentassem fazê-lo, não tinham como colocar as mesas todas nas salas de aulas.

Portanto, chegou-se à conclusão de que não iria ser possível. Isto para te dizer que com duas ou três fontes, conseguimos perceber que aquela frase de António Costa não correspondia à verdade. Tratava-se mais de uma aspiração política do que uma concretização

de facto. Esta peça também não demorou muito tempo. Depois, há outras verificações, que implicam respostas de ministérios, entidades oficiais ou relatórios, que podem demorar um, dois ou até mais dias para estarem prontas. Não diria que há um tempo médio, porque cada caso é um caso.

**David Piedade** - Pedro, enquanto jornalista e editor de política, como é que encara o *fact-checking*?

**Pedro Benevides** - Eu acho que o nome, por si só, já explica muita coisa. *Fact-checking* é um termo que, em português, significa verificação de factos. No fundo, é uma atividade que nós, jornalistas, nos devíamos dedicar com mais frequência. No entanto, devido às circunstâncias económicas e sociais que caracterizam as redações de hoje, criou-se aqui uma espécie de nicho de mercado, em que alguns jornais apostaram para fazer uma verificação de factos regular. Atividade que não é possível fazer com a periodicidade que seria desejável numa redação. Portanto, numa altura em que se produzem muitas informações falsas ou dúbias, a verificação de factos passa por pegar numa afirmação e ter a necessidade de olhar com um pouco mais de objetividade e verificar se a informação dada corresponde mesmo à verdade.

Na prática, verificar se a informação não corresponde à verdade por isto ou aquilo; se a informação corresponde efetivamente à verdade; se a informação é enganadora; ou se foi inconclusivo, porque não foi possível verificar. Neste último caso, se for dito por um líder político tem significado, porque ele [político] disse algo que sabe que não se pode verificar e quem quiser acreditar, acredita mesmo. Eu diria que a verificação de factos é uma componente essencial do jornalismo e que as redações genericamente já não conseguem cumprir com a periodicidade desejável e que, portanto, recorrem a parcerias.

Há duas estações televisivas que o fazem. Temos alguns jornais que fazem verificações de factos ocasionais, mas é muito ocasionalmente. Temos dois jornais em Portugal [*Polígrafo* e *Observador*] que fazem com bastante frequência. No nosso caso específico, achamos que faz sentido fazer uma verificação de factos para dar ao leitor, expectador ou ouvinte um capital de confiança adicional. Como não conseguimos fazer internamente, fazemos com recurso a parceiros.

**David Piedade** - Pedro, muito obrigado pelo esclarecimento. Ajudou-me bastante para a conclusão do relatório de estágio.

**Pedro Benevides** - De nada, David. Qualquer dúvida que tenhas, não hesites em ligar-me. Boa sorte para o mestrado.

## Apêndice 2 - Entrevista de Joaquim Sousa Martins - Editor de desporto.

Quadro 3 - Identificação de Joaquim Sousa Martins.

Entrevistado	Cargos	Empresa	Data
Joaquim Sousa Martins	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Subdiretor de informação;</li><li>▪ Editor de desporto;</li></ul>	TVI	28 de outubro de 2020

Fonte - Elaboração própria.

**David Piedade** - Boa tarde, Sr. Joaquim Sousa Martins. Muito obrigado por ter aceitado conversar comigo e por me ter ajudado com o relatório de estágio.

**Joaquim Sousa Martins** - Boa tarde, miúdo. Olha, primeiro, trata-me por tu, porque fazes-me sentir velho (risos). Depois, tenho todo o gosto em te ajudar com o relatório.

**David Piedade** - Está bem, peço imensa desculpa (risos). Começo, então, por lhe perguntar como surgiu a Editoria de Desporto da TVI?

**Joaquim Sousa Martins** - Eu não sou do período da fundação da Editoria de Desporto na TVI, mas sei que faz parte de um registo integrado de secções que existem há dezenas de anos nas televisões portuguesas. A Editoria de Desporto ganhou particular relevância em 2004, quando a TVI adquiriu os direitos de transmissão da Liga Portuguesa de futebol profissional. A partir deste ano, a editoria [de Desporto] foi crescendo e avolumando novos produtos e conceitos desportivos. Depois dos direitos de transmissão da Liga Portuguesa, tivemos [direção da TVI] os direitos de transmissão do Euro 2004 partilhados e, depois, em 2008, tivemos a transmissão exclusiva dos jogos.

Pouco depois, apareceu também os canais de cabo, onde nós [direção da TVI] apostámos as fichas todas. Aliás, durante muitos anos, a TVI 24 foi encarada como um canal quase de desporto, o que explica bem a nossa aposta. Não era efetivamente um canal de desporto, mas era, de certa forma, um canal, onde o desporto tinha uma grande importância estratégica. Portanto, a história da Editoria de Desporto da TVI passa um pouco por isto.

Numa primeira fase, o desporto era uma parte integrante da informação e, numa segunda fase, houve um forte investimento na aquisição de direitos televisivos de transmissão. Já na terceira fase, houve uma expansão muito grande de produtos e programas de desporto no canal de cabo, que é, neste caso, a TVI 24.

Podemos considerar, portanto, que a Editoria de Desporto surgiu logo na génese da fundação do Departamento de Informação da TVI, mas naquela altura construiu-se a redação com várias editorias. Política, Internacional, Sociedade, Economia e Desporto eram as editorias existentes.

**David Piedade** - Sousa Martins, já explicou a origem da Editoria de Desporto, mas como é que eram definidas as notícias? Há algum critério?

**Joaquim Sousa Martins** - Olha, a agenda. Não é o mais relevante, mas é uma direção importante. Portanto, devemos olhar previamente para a agenda e ver o que está a acontecer. Há alguns anos, fazíamos muito a cobertura dos treinos, mas agora já não se faz tanto. Por outras palavras, a escolha diária das notícias faz-se da seguinte forma: (1) olhar para a agenda e ver o que está a acontecer; (2) tentativa de ter histórias próprias; e (3) os conteúdos internacionais do desporto, que chegam através das agências de notícias. No fundo, é através da mescla destas três áreas que se constrói a informação desportiva diária.

**David Piedade** - Atualmente, qual é a importância que a Editoria de Desporto assume na informação da TVI?

**Joaquim Sousa Martins** - Neste momento, nos jornais principais - sobretudo em horário nobre -, o desporto tem uma importância muito grande, até porque houve um reforço de presença com um rosto de desporto dentro do próprio *Jornal das Oito* (J8). Portanto, isto indica que a página de desporto no *Jornal das Oito* (J8) tem assinatura, vínculo com o expectador e uma importância para a estratégia do próprio jornal. A partir do momento em que há uma estratégia, em que se coloca um *pivot* de desporto dentro de um jornal, então significa que é algo muito valioso.

**David Piedade** - Os jornalistas da Editoria de Desporto são responsáveis por editar as suas próprias peças, há alguma explicação para esta situação?

**Joaquim Sousa Martins** - Felizmente, na TVI, não são apenas e só os jornalistas da Editoria de Desporto que editam as peças. Nas restantes editorias, também editam as peças. Na Editoria de Desporto, devido ao perfil e relação com a tecnologia, os jornalistas apreendem facilmente os critérios de montagem e utilização de *software* e *hardware*. Além disso, é necessário existir alguma habilidade de edição, porque há uma área muito específica no desporto, que são os resumos de futebol. Por isso, desde cedo que os jornalistas da Editoria de Desporto se habituaram a montar os próprios resumos de jogos de futebol, porque é uma área de edição muito importante. Desta forma, desenvolve-se o ecossistema perfeito para o jornalista desenvolver mais capacidades de edição das imagens e das próprias reportagens.

No caso do desporto, é efetivamente uma questão de funcionalidade da própria empresa e, especialmente, uma forma da Editoria de Desporto da TVI conseguir reunir um conjunto de profissionais que têm um bom domínio do *hardware* e *software*. No fundo, é uma questão de ADN, em que as pessoas que entrarem [na redação] vão ter de adquirir essa forma de estar rapidamente.

**David Piedade** - No geral, os jornalistas deparam-se frequentemente com uma multiplicidade de informações. Como é que acha que os jornalistas encaram o problema do *fact-checking* no jornalismo desportivo?

**Joaquim Sousa Martins** - Encaram o problema da mesma forma que os jornalistas das restantes editorias. Portanto, o *fact-checking* e a prática do bom jornalismo é igual e transversal a todas as editorias. As regras e os princípios são os mesmos. Portanto, não há grande diferença. Onde pode haver uma grande diferença na prática do jornalismo é em todos os acontecimentos relacionados com futebol, porque envolve muita emoção. Os jornalistas sofrem muito com isso, nomeadamente quando estão em reportagem nos estádios de futebol. Há sempre muita tensão e emoção, em que o jornalista tem de ser alguém que consiga ser muito desenrascado, com capacidade de improviso e com estrutura para aguentar esta parte menos positiva.

**David Piedade** - Para si, o que é o *fact-checking*?

**Joaquim Sousa Martins** - Para mim, o *fact-checking* é uma obrigação. O nome é pomposo em inglês e que, agora, é um nome que está na moda, mas que sempre existiu no jornalismo, porque é sinónimo da verdade. Portanto, os jornalistas, sejam de Economia, Política, Desporto ou outra área qualquer, têm de procurar sempre a verdade. O *fact-checking* não é mais nem menos do que a procura direta pela verdade dos factos, das declarações e do tempo das imagens. Para mim, o *fact-checking* é igual à verdade, competência e clareza.

**David Piedade** - O Joaquim Sousa Martins já trabalha há muitos anos no jornalismo, como é que faz para confirmar as informações?

**Joaquim Sousa Martins** - Se eu tenho a informação A, tento confirmar sempre com B, C e D. Portanto, procuro sempre o caminho da confirmação plena dos acontecimentos. Se, por exemplo, me disserem que caiu agora a bancada do estádio A, eu [Joaquim Sousa Martins] vou ligar para fontes do estádio A; para as forças de segurança; para as forças policiais; para os bombeiros; e para fontes que estejam ligadas aos acontecimentos. No fundo, faço uma corrida contra no mundo à procura da confirmação da notícia.

O problema é que, há cerca de 20 anos, circulava menos de metade das informações que circulam atualmente. Agora, através de um simples *smartphone* - um meio de comunicação direto - chega-nos uma quantidade enorme de informações, de fotografias e de supostas declarações, em que é preciso confirmar. Se alguém que está em casa e não trabalha na área [do jornalismo] receber a informação de que o Joe Biden (Novo Presidente dos EUA) caiu das escadas do avião, é a minha obrigação, enquanto jornalista, confirmar a notícia. Aliás, só dou a notícia depois de a ter confirmado completamente. É esse o meu propósito, é essa a minha essência e é essa a obrigação do jornalista.

**David Piedade** - Há, em particular, algum caso em que tenha sido difícil confirmar a informação?

**Joaquim Sousa Martins** - A dificuldade de alguns casos em combater a verificação da informação combate-se através da prudência. Eu não divulgo à minha família de telespectadores algo que eu não saiba que seja totalmente verdadeiro. Portanto, se eu tiver a certeza, em consciência própria, que os factos são verdadeiros, então, significa que posso

dar a informação. Se não estiver em consciência e colocar no ar uma informação que não é verdadeira, significa que não sirvo para a profissão e tenho de sair.

**David Piedade** - A verificação de factos praticada atualmente diverge daquela que foi praticada anteriormente?

**Joaquim Sousa Martins** - Creio que, atualmente, é mais complexo, porque as ferramentas tecnológicas existentes para enganar o mundo são muitas, desde os perfis falsos até às fotografias tiradas em anos anteriores e publicadas posteriormente. Só se combate essa vanguarda da mentira com atitudes clássicas da verificação de factos. Por exemplo, se eu tiver acesso a uma fotografia de um incêndio, que já matou trezentas pessoas, não vou colocar a imagem que apareceu num *website* qualquer no ar de qualquer forma.

A fotografia já pode ter sido partilhada um milhão de vezes, mas não vai ser por causa disso que vou divulgar essa imagem. Eu tenho de recorrer aos meus contactos para chegar à verdade e, para isso, tenho de falar com fontes oficiais, cruzando com fontes do local e perto da operação. No fundo, é fazer tudo aquilo que se aprendeu na essência e na base do funcionamento de um jornalismo credível.

**David Piedade** - Há alguns especialistas em *fact-checking* que defendem que as redações não têm recursos para fazer uma verificação de factos mais interpretativa das declarações e limitam-se, por isso, a realizar um trabalho mais objetivo da realidade. Concorda com esta afirmação?

**Joaquim Sousa Martins** - Sim, é verdade. Há uma tendência cada vez maior para os intervenientes afirmarem coisas que não correspondem à verdade. Por exemplo, eu nunca disse que era contra o aborto e, depois, há dez anos, existem declarações do próprio que o contradizem. É fundamental desconstruir também algum do discurso político e económico, que não corresponde à verdade.

Hoje, é mais fácil chegar ao confronto com a verdade, porque existem arquivos com as declarações dos intervenientes. O Mr. Google é um importante apoio, porque, em qualquer altura, podes aceder ao motor de busca e tens acesso à informação. Depois, claro, tens de procurar se as declarações dos intervenientes foram dadas à CNN, em outros órgãos de

comunicação ou num *website* pouco fidedigno. Portanto, o *fact-checking* e o *data-journalism* são, cada vez mais, importantes no jornalismo atual. O *data-journalism* é importante, porque analisa as datas e indica as declarações dos intervenientes, enquanto que o *fact-checking* permite desconstruir discursos e confirmar informações que circulam pelas nossas mãos.

**David Piedade** - Atualmente, o *Twitter* assume alguma importância no jornalismo?

**Joaquim Sousa Martins** - Digamos que é uma fonte inspiradora para futuras notícias, que depois se confirmam através dos métodos tradicionais.

**David Piedade** - Há alguns investigadores, como Alfred Hermida (2012), que consideram as redes sociais como plataformas de confirmação de factos ao minuto. Concorda com esta informação?

**Joaquim Sousa Martins** - Eu sou um pouco suspeito. Não sou fã de redes sociais, porque considero que as regras do jogo estão todas alteradas. No caso concreto da TVI, acho que a presença no *Twitter* é importante para comunicar com a sua audiência. Para a TVI, estas plataformas servem única e exclusivamente para distribuir conteúdos e chegar ao maior número de pessoas. As redes sociais servem para isso [distribuição de conteúdos] e para ter apenas uma referência daquilo que está a acontecer minuto a minuto. Por isso, é importante dizer que o *Twitter* e outras redes sociais não são instituições de notícias, porque funcionam só como referências dos acontecimentos em todo o mundo.

**David Piedade** - Muito obrigado pela ajuda e pela conversa, Joaquim Sousa Martins.

**Joaquim Sousa Martins** - De nada, miúdo. Espero ter ajudado (risos). Boa sorte com o relatório de estágio.

### Apêndice 3 - Entrevista de Mary Caiado - Jornalista de desporto da TVI.

Quadro 4 - Identificação de Mary Caiado.

Entrevistado	Cargos	Empresa	Data
Mary Caiado	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Jornalista da Editoria de Desporto;</li><li>▪ Coordenadora de régie do programa: «<i>Mais Bastidores</i>» e «<i>Mais Transferências</i>».</li></ul>	TVI	17 de fevereiro de 2021

Fonte - Elaboração própria.

**David Piedade** - Olá, Mary. Primeiro, gostaria de agradecer por ter aceitado conversar comigo e por me ajudar no relatório de estágio.

**Mary Caiado** - Olá, David. O prazer é todo meu, mas trata-me por tu, por favor. Já nos conhecemos e temos essa confiança (risos).

**David Piedade** - Está bem (risos). Obrigado, Mary. Primeiro, quero te perguntar se me dás autorização para gravar esta entrevista?

**Mary Caiado** - Claro que sim, vamos a isso.

**David Piedade** - Mary, como é que caracterizas a prática de verificação de factos?

**Mary Caiado** - Atualmente, o *fact-checking* é cada vez mais difícil de se concretizar. Já estou há alguns anos no jornalismo e, muito provavelmente, as redes sociais têm permitido o aparecimento de mais notícias falsas. É cada mais frequente o aparecimento de notícias que não são verdadeiras, porque, muitas vezes, os profissionais que escrevem não se dão ao trabalho de verificar as informações. Por isso, para mim, a verificação de factos é ir ao fundo da questão e verificar se existem todas as fontes mencionadas naquela notícia. Aliás, por diversas ocasiões, não existem sequer aquelas fontes de informação e verificamos que se trata de uma informação sem fundamento.

Na verdade, por vezes, nem sequer conseguimos [jornalistas] perceber quais foram as fontes utilizadas para criar determinadas notícias. Hoje, para mim, torna-se cada vez mais

importante que o jornalista tenha todo o cuidado de perceber a fonte e tudo aquilo que foi dito, escrito ou relatado. Quando me perguntas sobre aquilo que eu entendo por *fact-checking*? Digo-te que é o mesmo exercício constante que faço depois de ler uma notícia. No fundo, tento informar-me ao máximo sobre o tema e tentar confirmar com o maior número possível de fontes, especialmente para não correr o risco de noticiar algo que não é verdadeiro.

Aliás, tal como já disse, hoje, é muito fácil noticiar informações falsas. Basta ter atenção ao que se sucede na multiplicação das informações nas redes sociais - e, atenção, não estou a denegrir a imagem das redes sociais -, porque é suficiente um órgão de comunicação social pegar naquela informação e os restantes correrem o risco de noticiarem uma informação que não é verdadeira. Portanto, para não cair nesse erro, temos de ter muito cuidado e verificar a origem da informação e perceber se a fonte também é fidedigna e onde é que se está a basear. Por exemplo, saber os estudos ou os dados em que a fonte se baseou para dar aquela informação. Na prática, a verificação de factos é como tentarmos chegar ao início da corrente e perceber a origem da informação. Hoje, chamamos de *fact-checking*, mas é uma prática básica do jornalismo, porque, quando escrevemos uma notícia, temos de saber aquilo que estamos a escrever e temos de verificar as fontes.

**David Piedade** - Mary, já estás no jornalismo há algum tempo, como é que tentas confirmar as informações?

**Mary Caiado** - Por exemplo, quando soubemos que Diego Armando Maradona morreu, a redação entrou em alvoroço. Eu ouvi um colega de trabalho a dizer: “morreu, morreu, morreu”, mas não conseguia perceber a identidade da pessoa que tinha falecido. Alguns minutos depois, o meu colega, João Paiva, aproximou-se de mim e disse-me que Diego Armando Maradona tinha falecido. Questionei-o logo sobre se o Jornal *Clarín*, um jornal diário da Argentina, tinha noticiado algo sobre a morte de Maradona e o João [Paiva] disse-me que a notícia tinha sido avançada precisamente pelo Jornal *Clarín*. Isto serve como um exemplo de que devemos consultar os órgãos de comunicação mais fidedignos e que, por norma, não nos mentem, digamos assim.

Só para os jornalistas terem a certeza de que não estão a divulgar uma informação falsa. A consulta dos jornais mais fidedignos não iliba o jornalista de fazer a verificação de factos, mas à partida é uma informação mais credível. Quando abri o *Clarín* e vi que a notícia da morte de Maradona estava na primeira página, percebi que o mundo estava a ter conhecimento do falecimento de Maradona através daquele jornal. Aliás, o editor do *Clarín*, publicou um artigo, em que demonstrou a forma como aquela notícia serviu de suporte para os restantes órgãos de comunicação do mundo inteiro.

Por isso, perguntaste-me sobre a forma como eu verifico as informações, certo? Primeiro, consulto, de imediato, um jornal ou órgão de comunicação credível do país em questão. Por norma, consulto sempre aquele [jornal ou órgão de comunicação social] que eu considero ser o mais credível. Claro que também está relacionado com o número de anos em que estamos aqui [na profissão]. Comecei no Mais Futebol e posso dizer que nós [jornalistas] tínhamos uma lista dos órgãos de comunicação mais credíveis dos vários países. À partida esses são jornais mais credíveis e aqueles que deveríamos consultar para perceber se uma determinada informação é, ou não, verdadeira. É, pelo menos, isto que eu faço. Ontem, quando surgiu a informação de que o Diego Armando Maradona tinha morrido, a primeira intuição que tive foi de consultar os órgãos de comunicação de referência da Argentina e perceber o que estava a ser noticiado sobre o assunto.

**David Piedade** - Mary, acabaste por abordar um assunto que iria falar em seguida. Por vezes, as informações divulgadas em órgãos de comunicação no estrangeiro são verdadeiramente difíceis de se confirmar. Em determinadas notícias internacionais, como o caso da morte de Diego Armando Maradona, os jornalistas deparam-se frequentemente com a dificuldade em confirmar as informações. Mary, como é que fazes quando precisas de confirmar informações de jornais internacionais?

**Mary Caiado** - No caso da morte de Diego Armando Maradona, não foi assim tão difícil, porque nós [jornalistas] tivemos acesso às imagens no imediato e as imagens não mentem. Nós [jornalistas] começámos a ter acesso às imagens através da *Reuters* [agência que contém a maioria das notícias internacionais], de outras agências de notícias e também de fotografias da casa de Maradona. Li a informação presente no *Clarín* e, logo de seguida,

tive acesso às imagens. É muito raro quando há um acontecimento desta escala e não existe nenhuma imagem.

Nesse sentido, aquilo que faço de imediato é consultar as redes sociais e verificar se existe alguma imagem sobre o assunto. Coloco a palavra-chave que marca o acontecimento e tento perceber se existe algum vídeo ou imagem no *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* ou *Youtube*. Ontem, não foi difícil comprovar a informação e normalmente também não é difícil de confirmar noutros casos semelhantes. Portanto, o recurso à imagem e o acesso ao *live* é o caminho para se poder confirmar a informação. As imagens não mentem e é a melhor ferramenta que o jornalista tem para saber se aquela informação é fidedigna. Por isso, acho que o caminho é por aí.

**David Piedade** - Por exemplo, na TVI, tive de fazer uma notícia sobre a detenção de Harry Maguire, jogador de futebol do Manchester United F.C. No entanto, a notícia foi avançada pelo *Daily Mail* e não tinha contactos para confirmar a informação. Neste caso específico, como é que podia tentar confirmar a informação?

**Mary Caiado** - Certamente, e por saber que o *Daily Mail* não é propriamente um jornal de referência, iria tentar perceber se a notícia também foi avançada por outros jornais internacionais. Além disso, como não tenho os contactos dos intervenientes, iria consultar as principais agências de notícias internacionais, como a *Reuters* e a APN. De facto, estas são ferramentas essenciais para os jornalistas.

Geralmente, quando temos dificuldade em confirmar a informação, aguardamos sempre pela confirmação das agências internacionais de notícias, porque, nesses casos, podemos avançar com segurança. Caso contrário, avançamos a informação, mas referimos sempre que a informação foi dada por aquele jornal em específico. Não significa que todas as informações do *Daily Mail* sejam falsas. Não é isso, porém, se tivermos alguma dúvida, é uma forma de avisar que se trata de uma informação pertinente, mas que ainda estamos a tentar confirmar.

No fundo, estamos a replicar uma informação que ainda não é oficial. Por isso, devemos informar o público sobre a origem da informação. Nestes casos, os jornalistas

seguem muito as informações divulgadas pela *Reuters*, da AP, da *France Press* ou de outras agências de notícias locais.

**David Piedade** - Mary, há momentos na redação em que é possível verificar que existe mais do que um jornalista a tentar confirmar a informação. Estas situações são normais?

**Mary Caiado** - Sim, acontece. Por vezes, devido a uma falha de comunicação, existe estas situações, porque há jornalistas que estão no primeiro andar e outros que estão no andar de baixo. Pode existir interesse em confirmar a mesma informação em secções diferentes. Temos, por exemplo, o caso do «*NewsDesk*», que funciona como uma espécie de *breaking news*. No fundo, trabalham mais no imediato com as notícias. Depois, há as peças noticiosas das respetivas editorias e existe, como é óbvio, informações que já foram utilizadas noutras reportagens. Por diversas vezes, temos um dos nossos jornalistas [da Editoria de Desporto] a tentar confirmar a informação com os nossos contactos e depois temos outro jornalista do «*NewsDesk*» a tentar fazer uma confirmação mais rápida dos acontecimentos.

Estas situações acontecem quando há acidentes e é preciso contactar o INEM ou os Bombeiros. Há uma confirmação mais imediata das informações e depois há uma investigação mais aprofundada dos acontecimentos, realizada por um jornalista de uma outra editoria. Por exemplo, o jornalista que fique encarregue de fazer uma peça noticiosa sobre o incidente pode tentar falar depois com outras fontes, como o Presidente da Câmara do local em questão. Depois, é benéfico quando existe mais do que um jornalista a tentar confirmar a informação, especialmente porque se reúne mais informação.

**David Piedade** - É precisamente em acontecimentos noticiosos de alta importância que se verifica um maior número de jornalistas a tentar confirmar a informação. Não será, então, despropositado referir que existem acontecimentos que têm prioridade ao nível da confirmação dos factos?

**Mary Caiado** - Não, não é de todo despropositado. Efetivamente, isto acontece. Tu contactas uma pessoa, eu contacto outra e o Bruno [Ferreira], por exemplo, contacta outra. Significa que o assunto é de extrema importância. Quanto maior for o número de jornalistas a tentar confirmar, maior será a informação recolhida. Nem faz sentido que seja uma só

pessoa a tentar confirmar a informação com quatro ou cinco fontes. Por isso, em vez de existir uma centralização das confirmações das informações, pede-se aos jornalistas para contactarem as fontes e confirmarem rapidamente todos os detalhes.

**David Piedade** - Mary, ao longo do estágio, já falámos sobre a pressão a que o jornalista está sujeito na redação, sendo que, muitas vezes, o período disponível para confirmar as informações da *Agência Lusa* é diminuto. Desta forma, os jornalistas conseguem confirmar as informações provenientes das agências de notícias?

**Mary Caiado** - Por norma, quando há uma notícia na *Agência Lusa*, *Associated Press* ou *Reuters*, não vamos confirmá-la. Caso contrário, estaríamos, de certa forma, a colocar a credibilidade de uma das nossas ferramentas de confirmação em causa. Se a Agência Lusa avança a informação, presume-se que seja verdadeira. Poderá fazer sentido confirmar a informação se o jornalista quiser obter mais detalhes sobre os acontecimentos. Nestes casos, faz sentido, mas à partida as informações avançadas pelas agências de notícias são verdadeiras. Não significa, porém, que não existam enganos. Mas este é o procedimento habitual.

**David Piedade** - Mary, ao longo do período de estágio, percebi que existe uma relação de grande proximidade dos jornalistas de desporto da TVI com os colegas do *Mais Futebol*. Até que ponto é que esta articulação é um benefício?

**Mary Caiado** - Sim, isto [articulação com o *Mais Futebol*] acontece há cerca de dois ou três anos. Houve uma espécie de sinergia entre o *Mais Futebol* e a Editoria de Desporto da TVI. Também foi importante devido à necessidade de rentabilizar os recursos humanos, porque há muito trabalho na redação. Hoje, por exemplo, temos cerca de cinco ou dez minutos de desporto no *Jornal das Oito* (J8) e esta parceria com o *Mais Futebol* é muito importante. Com a mudança na direção de informação, o *Jornal das Oito* (J8) também ganhou outra dinâmica e tivemos de fazer muitas peças de desporto com histórias que trouxemos do *Mais Futebol*.

Por exemplo, o *Mais Futebol* acaba por beneficiar da nossa presença nas conferências de imprensa. Desta forma, consegue utilizar os vídeos das conferências ou dos treinos dos clubes. Ainda há pouco, filmámos em direto a chegada da equipa [de futebol masculino] da

Juventus F.C. ao Aeroporto Sá Carneiro e o *Mais Futebol* colocou logo as nossas imagens no *website*. No fundo, acho que trabalharmos em equipa acaba por beneficiar ambas as partes.

**David Piedade** - Mary, já falámos sobre a forma como encaras o processo de verificação de factos. No entanto, de que forma é que achas que os teus colegas de profissão encaram o *fact-checking*?

**Mary Caiado** - Hoje, acho que estamos todos alertados para a importância da verificação de factos. Todos nós, especialmente os mais novos da redação, utilizam muito as redes sociais. Por isso, acho que foi por causa desta questão das redes sociais que a verificação de factos começou a ser tão importante. Todos os jornalistas na redação estão alertados para perceber se ou conteúdos são verdadeiros, ou não, nas redes sociais. Obviamente, se queremos confirmar as informações, temos de sair do espaço digital e cruzar a informação com outras fontes. De um modo geral, acho que todos os jornalistas da Editoria de Desporto estão conscientes da importância de verificar as informações.

**David Piedade** - Mary, atualmente, achas que os jornalistas encaram o *fact-checking* de forma diferente do que aquela que encaravam há alguns anos?

**Mary Caiado** - Eu acho que há diferenças. Hoje, há mais informação. O caudal de informação é claramente maior do que antigamente. Atualmente, circula com mais rapidez e mais facilmente. É muito fácil colocar na rede *online* alguma informação que se pode tornar viral rapidamente. Esta facilidade de colocar e expandir a informação obriga-nos a olhar de uma outra forma para a verificação de factos. Não significa que antes não fossem dadas informações falsas.

Contudo, hoje, é muito mais perigoso, porque há imagens adulteradas e mensagens truncadas. Chegam-nos, por diversas vezes, imagens que não são verdade ou que já são antigas. Há imagens que os utilizadores das redes sociais nos dizem que são atuais. Depois, quando vamos verificar se as fotografias são efetivamente reais, reparamos que não correspondem àqueles acontecimentos. Por vezes, até surgem imagens com mais de dez anos. Todas estas situações acabam por nos atrapalhar um pouco. Portanto, sim, acho que é

completamente diferentes. Antes, não estávamos tão consciente sobre esta situação, porque a informação circulava de uma forma muito diferentes.

**David Piedade** - Mary, vamos avançar para outro tema. Há investigadores, como Alfred Hermida (2012), que defendem que os jornalistas se limitam a cortar as declarações dos intervenientes. Não procuram, por exemplo, descobrir se uma determinada declaração corresponde efetivamente à verdade. Concordas com esta afirmação?

**Mary Caiado** - Concordo em parte. Por diversas vezes, devido à pressão do trabalho, não conseguimos fazer esse trabalho. Porém, vou te dar um exemplo que pode contrariar um pouco essa teoria. Há pouco, estive a refazer uma peça de informação que vai passar no *Jornal das Oito* (J8). É uma peça sobre o regresso de Cristiano Ronaldo [jogador de futebol da Juventus F.C.] a Portugal, que inclui um vivo [uma declaração] de Pepe [jogador de futebol do F.C. Porto] numa entrevista que deu à UEFA sobre a antevisão do jogo.

Nesta entrevista, Pepe disse que iria ser um jogo muito especial, porque poderia reencontrar-se com Cristiano Ronaldo. No entanto, Pepe disse na entrevista que nunca jogou contra Cristiano Ronaldo e, por isso, seria um jogo muito especial. Ora, não corresponde à verdade. O Pepe não se lembrava que, em novembro de 2002, jogou contra Cristiano Ronaldo. Na altura, o Pepe jogava pelo C.S. Marítimo e o Cristiano Ronaldo pelo Sporting C.P. Os dois defrontaram-se num jogo para o campeonato, em Alvalade, na casa do Sporting C.P. e o Pepe acabou por perder esse jogo por 2-0. Eu estive na régie, mas o meu editor [Bruno Ferreira] alertou-me que aquilo que o Pepe tinha acabado de dizer não era verdade (risos). Disse-me que descobriu que os dois já tinham jogado um contra o outro. Portanto, passaram-me a informação, porque eu não tive tempo de confirmar as declarações de Pepe. Depois, antes de te dar a entrevista, fui refazer a minha peça com esta informação. É verdade que não fui eu, mas até podia ter sido. Infelizmente, estive a fazer outras tarefas, como a preparação do programa.

Tu já estiveste aqui e sabes como é que isto funciona. Portanto, alertado para a declaração de Pepe, houve um colega meu que, entretanto, foi pesquisar mais sobre o assunto e descobriu que realmente já foram adversários. Na altura, o Pepe ainda tinha 19 anos [à data de hoje, tem 38 anos] e Cristiano Ronaldo tinha 17 anos [à data de hoje, tem 36 anos].

Portanto, já foi há algum tempo e o Pepe não se lembrou que já foram adversários. Não deixa de ser uma verificação de factos e a peça acaba inclusive com esta retificação ou este desmentido, entre aspas, às afirmações de Pepe. Nem sempre é possível, porque não há tempo. Não significa que seja uma desculpa plausível, mas o trabalho da redação não nos dá tempo para verificar as declarações de todos os vivos que cortamos dos intervenientes.

**David Piedade** - Mary, na tua opinião, quais são os principais obstáculos que os jornalistas de desporto da TVI se deparam para tentar confirmar as informações?

**Mary Caiado** - A maior dificuldade está em chegar à fonte. Em Portugal, 90% das notícias de desporto são de futebol. Não devo estar muito longe (risos). Desses 90% de notícias de futebol, diria que dedicamos a maioria das informações aos clubes grandes [F.C. Porto; S.L. Benfica; e Sporting C.P.]. Nem sempre é fácil chegar a comunicar com os clubes grandes, sobretudo por uma questão de mentalidade. Em Portugal, é mesmo uma questão de mentalidade. Noutros países, não se passa o mesmo. Por isso, a desinformação também é maior, porque os clubes fecham-se e não nos dão a informação.

Um dos obstáculos é chegar às fontes de origem, aquelas que nos podem confirmar determinadas informações. Não serve como desculpa, mas como eu disse há pouco, o tempo também é um entrave para confirmar as informações. Não encontro mais obstáculos, até porque acredito que é o nosso dever confirmar todas as informações e dar aquela que é a informação verdadeira. Talvez, esteja a ser muito sintética, mas acredito que a dificuldade em chegar às fontes e o tempo são os principais entraves para verificar os factos. Não digo que seja complicado chegar às fontes noutras áreas do jornalismo, mas, jornalismo desportivo, esta é a principal dificuldade.

**David Piedade** - Mary, referiste que a desinformação era maior devido ao bloqueio de informação por parte dos clubes. Os clubes fazem de propósito para não dar informação?

**Mary Caiado** - Não sei se fazem de propósito ou não. Dou-te o exemplo do caso de Jorge Jesus. Foi muito difícil descobrir o real estado de saúde de Jorge Jesus. Houve jornais que avançaram que tinha contraído o novo coronavírus e estivemos a falar sobre esta possibilidade durante alguns dias. Neste caso específico, o S.L. Benfica não divulgou qualquer informação. Provavelmente, na altura, não houve nenhuma confirmação, mas a

verdade é que foram noticiadas muitas histórias sobre o estado de saúde de Jorge Jesus, enquanto que o S.L. Benfica permaneceu sempre em silêncio. É muitas vezes sobre esta desinformação que eu estou a falar. Está nas mãos dos responsáveis dos departamentos de comunicação dos clubes de poder, pelo menos, evitar esta desinformação.

Infelizmente, isto [desinformação] não é evitado, porque os dirigentes dos clubes preferem não divulgar as informações e optar pelo silêncio. Obviamente, deste lado [jornalismo], a especulação torna-se inevitável, porque todos os dias se tem de alimentar jornais e programas com novas informações. Não quer dizer que se inventem notícias. Não é ética e deontologicamente correto. Não é isso, como é óbvio. Certo é que esta desinformação acontece. Por isso, acho que os departamentos dos clubes poderiam ter outra atitude e evitar esta contra informação.

**David Piedade** - Acho que já tenho todas as dúvidas esclarecidas, Mary. Obrigado. Muito obrigado, Mary. Espero que esteja a correr tudo bem em casa e na redação.

**Mary Caiado** - Obrigado, David. Está tudo bem, graças a Deus. Olha, quando é que entregas o relatório?

**David Piedade** - Quero entregar brevemente para poder ser finalmente Mestre em Jornalismo (risos).

**Mary Caiado** - Olha, fazes muito bem. Temos saudades tuas aqui na redação. Vai dando notícias. Beijinhos.

**David Piedade** - Beijinhos, adeus!

#### Apêndice 4 - Entrevista de João Paiva - Jornalista de desporto da TVI.

Quadro 5 - Identificação de João Paiva.

Entrevistado	Cargos	Empresa	Data
João Paiva	▪ Jornalista da Editoria de Desporto da TVI.	TVI	03 de fevereiro de 2020

Fonte - Elaboração própria.

**David Piedade** - Primeiro, quero te agradecer por teres aceitado falar comigo no âmbito do meu relatório de estágio. De seguida, quero te pedir autorização para gravar a nossa conversa?

**João Paiva** - Claro, estás à vontade.

**David Piedade** - Dado o contexto e a relação criada ao longo do estágio, vou te pedir, a título excepcional, para nos tratarmos de forma informal?

**João Paiva** - Claro, sabes que comigo nem poderia ser de outra forma (risos).

**David Piedade** - Muito obrigado. Começo esta conversa com uma pergunta genérica sobre a forma como defines o *fact-checking*?

**João Paiva** - Por acaso, estive a ver há pouco uma peça sobre o *fact-checking*. Apesar de surgirem novas plataformas de *fact-checking*, como o *Polígrafo* ou o segmento da *Hora da Verdade* na TVI, ainda é uma prática que tem de ser feita no trabalho diário da redação. Acho que essa prática deve constar sempre nas peças noticiosas que fazemos no nosso dia-a-dia. É algo essencial no jornalismo. Qualquer notícia deve ser confirmada. Aliás, faz parte daquilo que, no fundo, caracterizamos por jornalismo. As notícias, mesmo que pequenas e pouco relevantes, têm de ser confirmadas. Por isso, acho que o *fact-checking* é essencial.

**David Piedade** - Paiva, nos casos em que precisas de confirmar uma informação, que plataformas costumavas utilizar para verificar se aquela informação é verdadeira?

**João Paiva** - Numa primeira fase, tento ligar ou entrar em contacto com a fonte mais próxima que conseguir. Se a notícia for sobre alguém, tento falar com o próprio interveniente. Esta é a primeira ação que tomo. Em situações extremas, tento falar com alguém mais próximo da pessoa. Por exemplo, quando se trata de informação que envolve documentação, tento, sempre que possível, obter os documentos originais, como é óbvio. Mas existem casos extremos. No caso de morrer alguém, não posso ligar ao falecido, mas tento sempre falar com alguém próximo que me consiga confirmar a informação. Claro que tem de ser uma fonte credível. Depois, ao longo do tempo na profissão, também consegui evoluir e obter a experiência para perceber as fontes que são de confiança e aquelas que não têm credibilidade.

**David Piedade** - Agora, falando um pouco sobre as notícias internacionais... Nos casos em que a informação é avançada em órgãos de comunicação social estrangeiros, como é que confirmas a informação?

**João Paiva** - Dou prioridade sempre às agências de notícias internacionais, como a Agência EFE em Espanha, que funciona do mesmo modo que a *Agência Lusa* em Portugal. Digo-te que, em mais de 90% dos casos, as agências internacionais têm a certeza da informação que estão a divulgar, porque têm acesso a outro tipo de informação, que considero privilegiada. Em Portugal, não será o caso, porque os jornalistas acabam por ter as suas próprias fontes. Nos casos em que se trata de informações veiculadas no estrangeiro, as agências de notícias internacionais acabam por ser as fontes mais credíveis, tendo em conta que nós não podemos chegar muito longe sem contactos lá fora [estrangeiro].

**David Piedade** - Por exemplo, nos casos em que...

**João Paiva** - Atenção, peço desculpa por te interromper, David. No caso do desporto, nada invalida que os jornalistas portugueses possam tentar contactar um assessor ou diretor de comunicação de um clube estrangeiro. O facto de não estares no país do acontecimento noticioso não invalida que o jornalista não consiga falar com eles [assessores ou diretores de comunicação de clubes ou entidades desportivas]. Aliás, cada vez mais, os clubes estrangeiros têm profissionais preparados para falar com os jornalistas de Portugal ou de qualquer outro país de origem.

Quando estive em Madrid, lembro-me, por acaso, da apresentação do João Félix [jogador de futebol], em que precisei de informações sobre o dia e a hora em que iria ser oficializado como o novo reforço do Atlético de Madrid. Durante esse período, estive sempre em contacto com o diretor de comunicação do Atlético de Madrid. Encontrei o contacto dele depois de ter falado com as minhas fontes. Por norma, se contactares pelos números oficiais dos clubes, encaminham-te sempre para um número ou *e-mail* geral e acabas sempre por andar pelas portas das travessas.

Portanto, na altura, achei melhor conseguir o contacto do diretor de comunicação do clube. Depois de conseguir [o contacto], andei sempre atrás dele durante dias e dias para tentar confirmar quando é que ia acontecer a apresentação do João Félix. Houve imensa informação dispersa. Houve, inclusive, jornalistas que referiram que a apresentação seria num determinado horário e outros que avançaram que seria noutra hora totalmente diferente. Por isso, fui diretamente à fonte da informação e não tinha como enganar. Aliás, o diretor de comunicação [do Atlético de Madrid] estava preparado para falar connosco [jornalistas] e muito mais aberto para nos dar informação do que qualquer um dos diretores de comunicação dos clubes portugueses. Em Espanha, os clubes estão mais preparados para nos receber [aos jornalistas] do que os clubes portugueses para receber os jornalistas de outros países.

**David Piedade** - Por exemplo, quando os jornalistas portugueses não têm nenhum contacto ou forma de confirmar uma informação de órgão de comunicação estrangeiro, o que devem fazer?

**João Paiva** - Bem, nesse caso, os jornalistas entram num dilema entre o querer dar a informação em primeiro ou querer dar a informação mais rigorosa. Eu opto sempre por dar a melhor informação possível e vou até ao fim para tentar confirmá-la. Agora, existe outra questão, porque existem órgãos [de comunicação social] que tentam dar a informação e só depois é que vão confirmá-la. Imagina, há uma informação que está a ser avançada pela SIC e nós estamos a tentar confirmar também, mas aquele órgão de comunicação avança que já confirmou, há quem opte por dar logo a informação.

No fundo, está relacionado com a forma como o jornalista opera e se move no meio em que está inserido. Eu, por exemplo, conheço jornalistas de outras áreas e meios de comunicação, em que posso tentar perceber se a informação é confiável. Claro que não me vão dizer a forma como obtiveram a informação, mas consigo perceber, a partir do seu testemunho, se aquela informação é fidedigna ou não. Por isso, vai sempre da forma como o jornalista se move no meio, mas uma coisa é certa: dar a informação sem a confirmar nunca será a melhor.

**David Piedade** - Um jornalista conversar ou tentar perceber junto de outro colega de profissão pode ser, por si só, um mecanismo de verificação de factos?

**João Paiva** - Nunca será um meio primordial recorrer a um colega de profissão. Cada órgão ou cada jornalista tem notícias próprias e têm de ser confirmadas. Acho que depois também entra aqui um pouco a questão do brio profissional. Se queres dar uma informação ou fazer uma reportagem, tem de ser o jornalista a confirmar os factos. Aliás, a peça nem sequer fica tão boa se não for o próprio jornalista tentar confirmar os factos.

Portanto, o jornalista não pode confiar cegamente numa informação e nem sequer tentar comprová-la de uma outra forma. Não deve pedir informações a colegas de profissão e noticiar sem qualquer confirmação. Isso não é aconselhável de todo. Agora, em último recurso - e faço essa ressalva -, é uma possibilidade, mas o jornalista fica sempre refém daquela informação.

**David Piedade** - Paiva, quando o jornalista não consegue confirmar a informação avançada por outro meio de comunicação, o que deve fazer?

**João Paiva** - Deve dar crédito da informação, especialmente quando são informações que têm de entrar na hora e não houve tempo para confirmar. Acho que faz sempre sentido falar com o jornalista responsável pela divulgação da notícia. Isto, claro, se tiveres o contacto da pessoa em questão. Podes sempre perguntar se aquilo [notícia] é mesmo verdade, mas, como é óbvio, vai te responder que se não fosse verdade ele [colega de profissão] não publicava. A regra passa sempre por tentar falar com o autor da notícia e perceber se a informação tem fundo de verdade, mas devemos sempre dar crédito quando a informação não é nossa. Até porque não gostavas que te fizessem o mesmo, correto?

**David Piedade** - Como é óbvio. Paiva, ao longo estágio, percebi que houve algumas situações em que vários jornalistas tentaram confirmar uma informação. É normal acontecer estas situações?

**João Paiva** - Claro, porque cada um tem as suas fontes. Eu tenho as minhas e os meus colegas têm as deles. Por vezes, também temos as mesmas fontes, mas acho que faz parte de um trabalho de equipa. Aliás, tu estiveste na redação e percebeste que o trabalho em equipa é fundamental. Em vez de um trabalho individual, optamos por um trabalho de equipa, porque estamos todos a trabalhar para o mesmo e a tentar confirmar a informação. Assim, acaba por ser mais fácil também. Se eu estiver encarregue de uma reportagem e o meu colega tiver uma informação na sua posse, vou confiar nele obviamente.

**David Piedade** - Houve situações em que vários jornalistas tentaram confirmar a mesma informação. Nesse sentido, pode-se dizer que quanto maior for a relevância do acontecimento noticioso maior será o número de jornalistas encarregues de confirmar os factos?

**João Paiva** - Depende. Se a informação sobre o acontecimento em questão for escassa até ao momento em que deve de ir para o ar, então pode existir essa possibilidade. Porém, não acho que exista uma relação entre o número de jornalistas e a importância do acontecimento, porque cada caso é um caso. Por vezes, justifica-se existirem mais jornalistas a tentar confirmar os factos, porque a informação sobre o acontecimento é mais escassa. Aliás, a grande maioria das informações mais importantes, diria que foi o próprio jornalista que conseguiu diretamente da fonte. Há fontes, inclusive, que dão a informação somente a um jornalista.

Portanto, por muito que existam vários jornalistas a tentar confirmar a informação, há informação que, por vezes, só é dada àquele jornalista e ponto final. Imagina, se acontecer algo no S.L. Benfica, vão todos [os jornalistas] falar com a mesma fonte de informação. Talvez, não seja preciso estarem a ligar todos à mesma pessoa. Assim, o assessor recebe uma chamada, em vez de cinco ou seis, por exemplo. Depois de alguns anos na profissão, vais percebendo isto com a experiência também.

**David Piedade** - Paiva, desde sempre que a TVI trabalha com as agências de notícias, como a *Reuters*, AP e a *Agência Lusa*. Presume-se sempre que estas notícias, quando chegam à redação da TVI, tenham passado por um processo de confirmação dos factos. Portanto, com todo o trabalho diário, ainda há tempo para tentar uma dupla confirmação dos factos ou confiam na informação divulgada pelas Agências de Notícias?

**João Paiva** - Aqui, voltamos à primeira resposta que te dei. Quando não tens informação sobre um determinado acontecimento no estrangeiro, vais confiar automaticamente nas agências de notícias internacionais. Em Portugal, como disseste e bem, estamos sujeitos à pressão do tempo e ao trabalho diário de colocar a informação no ar. Num primeiro momento, à partida o jornalista vai assumir que a informação é verdadeira e vai colocar no ar. No entanto, depois de dar aquela informação, não há nada que impeça o próprio jornalista de tentar confirmar e ir mais ao fundo da questão. Não se perde nada. Ok, o jornalista já deu aquela informação. Já está no ar, mas, agora, com calma, o jornalista pode desenvolver e tentar perceber mais desenvolvimentos sobre o acontecimento. E como é que se faz isso? Tentar falar com as fontes, nomeadamente os assessores, clubes, empresas ou com o Governo, caso estejas na política.

**David Piedade** - De todas as notícias que já foram divulgadas pela *Agência Lusa*, já reparaste em alguma informação que não estivesse correta?

**João Paiva** - Não, não me recordo de nenhuma até agora. Creio que não.

**David Piedade** - Na TVI, há uma relação de grande proximidade com a equipa do *Mais Futebol*. Aliás, acho que é inequívoco, porque também tive a oportunidade de experienciar bons momentos com todos na redação durante o período de estágio. Por isso, Paiva, até que ponto a equipa do *Mais Futebol* é um grande benefício para a Editoria de Desporto da TVI?

**João Paiva** - São um grande benefício, tal como nós [Editoria de Desporto da TVI] somos para eles. Esta relação já foi mais distante, mas tem vindo a aproximar-se estrategicamente nos últimos anos. Não me lembro se tu já estavas na redação, mas creio que não. Foi há cerca de dois anos, mais ou menos. Nessa altura, houve uma aproximação estratégica e decretada pela direção principal que o *Mais Futebol* e a Editoria de Desporto

da TVI iriam estar coordenados. Houve uma adaptação e uma mudança ao nível das chefias, em que passou a existir dois editores da TVI e dois do *Mais Futebol*. Houve uma espécie de fusão, porque para a equipa do *Mais Futebol* dava jeito a componente multimédia das peças noticiosas da TVI. Nós [jornalistas da Editoria de Desporto da TVI] conseguíamos garantir-lhes a existência de vídeos para sustentar os textos produzidos. Eu acho que para o *website* do *Mais Futebol* foi uma mais-valia. Neste momento, a TVI tem uma parceria com a *Eleven Sports*, que acaba também por beneficiar a equipa do *Mais Futebol*.

Para a TVI, também foi um grande benefício, porque temos o contributo de mais 17 jornalistas no total. Há uma relação de grande proximidade e tu estiveste lá [na redação] e consegues perceber que há uma amizade entre todos. Estamos quase todos a trabalhar para o mesmo. Quase que confiamos de olhos fechados uns nos outros. Quando um colega meu do *Mais Futebol* dá uma notícia, tenho confiança suficiente nele para perceber que houve uma confirmação de factos. Não vou questionar se foi feita a confirmação da informação, porque eu conheço as pessoas que trabalham ali [no *Mais Futebol*]. Eu sei que confirmam as notícias, eu confio no trabalho deles. Aliás, o *Mais Futebol* tem notícias de autoria própria e partilham connosco. Eu acho isso importante. Por isso, acho uma relação estratégica e muito importante.

**David Piedade** - Uma estratégia que não é única em Portugal, visto que também existem outros exemplos, como a relação entre a SIC e o *ZeroZero*.

**João Paiva** - Sim, exatamente. Fizeram essa parceria mais tarde do que nós. Acho que foi em 2018, altura em que estava a decorrer o Mundial de Seleções. Nós [TVI] também temos uma relação próxima com o *Mais Futebol* desde 2017, creio eu.

**David Piedade** - Já falámos sobre a forma como defines o *fact-checking*, mas como é que achas que os teus colegas definem o processo de verificação de factos?

**João Paiva** - Creio que o encaram da mesma forma. Não há muito mais por diferir na redação, até porque sou dos mais novos da redação. À exceção do [Nuno] Chaves, eu sou o mais novo. A maioria das coisas que aprendi, além da universidade, claro, foi com eles [jornalistas mais experientes]. Portanto, mal seria se eu tivesse aprendido mais de 80 ou 90% das coisas que faço com os mais experientes e eles [jornalistas mais experientes] não

fizessem o mesmo. Portanto, se eu tenho estes objetivos e encaro o *fact-checking* desta forma é devido à experiência que obtive com eles [jornalistas mais experientes].

**David Piedade** – Houve jornalistas que apelidaram o *fact-checking* como uma prática habitual, mas que tinha agora um nome mais pomposo. Vês diferenças na forma como o *fact-checking* é encarado atualmente e o modo como foi encarado no passado?

**João Paiva** - Acho que não. Acho que é algo que sempre existiu no jornalismo, porque temos de confirmar os factos. Se não confirmarmos os factos, estamos a caminho do abismo. As pessoas têm de confiar no teu trabalho, nos jornalistas e nos órgãos de comunicação social em Portugal. Existia no início do jornalismo e vai continuar a existir.

**David Piedade** - Vamos avançar para outro tópico. Há especialistas, como Alfred Hermida (2012), que defendem que os jornalistas fazem um trabalho objetivo da realidade, limitando-se a cortar as declarações dos intervenientes. Não procuram, por exemplo, descobrir se uma determinada declaração corresponde efetivamente à verdade. Concordas com esta afirmação?

**João Paiva** - O jornalismo é memória. Acredito muito nisto e já o disse várias vezes. Tens de te lembrar dos acontecimentos. Se um interveniente disser algo, eu confio muito naquilo que me lembro. Estou no jornalismo há quatro anos e até pode parecer pouco tempo no que respeita aos acontecimentos noticiosos. Por exemplo, se o treinador do S.L. Benfica relembrar alguma declaração que teve há alguns anos, acho essencial que o jornalista se lembre de algumas declarações. Porém, é ainda mais essencial que o jornalista tente confirmá-las e eu faço isso.

A necessidade de confirmar é ainda mais importante se a declaração que o Jorge Jesus teve foi antes do tempo em que entraste no jornalismo. Eu posso não me lembrar ou posso não ter estado atento. Por isso, acho que é ainda mais essencial confirmar a informação, porque cada um diz o que quer e bem lhe apetece. Cabe-nos a nós [jornalistas] confirmar as informações. Aliás, o jornalista pode transmitir as declarações, mas tem de deixar explícito que aquelas palavras são da sua autoria. Pode-se dizer que o Jorge Jesus [treinador do S.L. Benfica] disse isto, mas há cinco anos disse outra coisa totalmente diferente, entendes? Acho

essencial que se verifique as informações. Acho que se deve dar palco aos intervenientes do espaço mediático, mas não dá a imunidade aos jornalistas quanto à verificação de factos.

**David Piedade** - Por exemplo, na redação, foram várias as ocasiões em que tivemos de cortar declarações de jogadores, treinadores e dirigentes. Antes de publicarmos a declaração, temos de ter a preocupação de verificar se já foi dito algo sobre aquilo há alguns anos ou limitamo-nos a fazer um trabalho objetivo e referir que o interveniente teve uma determinada afirmação?

**João Paiva** - Da mesma forma que temos tempo para cortar a declaração, também temos tempo para nos defendermos. Como é que nos defendemos? Dizemos que esta pessoa disse isto. Não é a tua opinião. Não é uma frase tua. Portanto, esta pessoa disse isto e a responsabilidade é apenas daquela pessoa. Deve-se deixar isto bem claro no texto e aos olhos do público. Não quer dizer que aquela declaração seja verdade. A partir do momento em que se deixa isso claro, acho que se deve ir confirmar o que foi dito anteriormente. Por norma, há sempre uma peça noticiosa sobre o assunto e tens de confirmar as declarações, mas isto depois depende da forma como se trata do tema.

**David Piedade** - Por último, na tua opinião, quais são os principais obstáculos que o jornalista se depara quando tenta confirmar a informação?

**João Paiva** - No desporto, a maior dificuldade que eu encontro são mesmo os clubes, porque tento confirmar uma informação e há uma forma, quase generalizada, de te fecharem as portas. Não interessa se a informação é boa ou má para os clubes. Até chega a existir uma desinformação, porque colocam informações cá fora [do conhecimento público] só para baralhar o trabalho dos jornalistas. Não é só perigoso, como também é um dos maiores obstáculos à confirmação de factos.

**David Piedade** - Paiva, referiste que houve informações concebidas para baralhar os jornalistas. Na tua opinião, qual foi o motivo para o sucedido?

**João Paiva** - Por vezes, o objetivo é distrair o jornalista do facto principal, que pode não ser assim tão positivo para o interveniente. Diria que provavelmente até querem distrair o jornalista só para pensarem [os diretores dos clubes] numa estratégia para lidar com o

assunto. Por isso, encaminham-nos para outras direções, que são contrárias à realidade dos factos. Eles [diretores e assessores dos clubes] sabem que à partida os jornalistas vão chegar à informação. Só não sabem a forma como vamos lá chegar. Por isso, tentam ganhar tempo com manobras de distração.

**David Piedade** - Acho que já esclareci todas as minhas dúvidas. Obrigado, Paiva. Agradeço imenso a tua ajuda.

**João Paiva** - Não tens nada que agradecer. Sabes que sempre que precisares, estou cá para ajudar (risos). Olha, e quando é que entregas a tese?

**David Piedade** - Em breve, espero eu (risos)!

**João Paiva** - Depois, mostra-me. Vai dizendo algo. Grande abraço, miúdo!

## Apêndice 5 - Entrevista de Catarina Cardoso - Jornalista de desporto da TVI.

Quadro 6 - Identificação de Catarina Cardoso.

Entrevistado	Cargos	Empresa	Data
Catarina Cardoso	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Jornalista da Editoria de Desporto da TVI.</li><li>▪ Apresentadora do «<i>Mais Bastidores/ Transferências</i>» e do «<i>Mais Ligas</i>, em parceria com a <i>Eleven Sports</i>.</li></ul>	TVI	05 de fevereiro de 2020

Fonte - Elaboração própria.

**David Piedade** - Olá, Catarina. Obrigado por ter aceitado conversar comigo e por me ajudares a finalizar o meu relatório de estágio (risos).

**Catarina Cardoso** - De nada, tenho todo o prazer em ajudar (risos).

**David Piedade** - Catarina, dás-me autorização para gravar a conversa?

**Catarina Cardoso** - Claro que sim.

**David Piedade** - Ao contrário do que costumo fazer, vou pedir excecionalmente para nos tratarmos de forma informal, está bem?

**Catarina Cardoso** - Claro, nem faria sentido que fosse de outra forma.

**David Piedade** - Catarina, como é que encaras o processo verificação de factos?

**Catarina Cardoso** - A verificação de factos está hoje no centro do jornalismo. Por vezes, não lhe é dada tanta importância, mas considero ser uma prática muito importante. Para mim, enquanto jornalista de desporto, a verificação de factos está relacionada com a consulta de todas as partes envolvidas na história, o que nos obriga a falar inúmeras vezes com os assessores e representantes dos clubes. Por muito que exista um bloqueio da informação, é muito importante que se faça uma confirmação dos factos com os representantes oficiais ou departamentos de comunicação dos clubes.

Quando não é possível, nós [jornalistas da Editoria de Desporto da TVI] preferimos não dar a notícia, porque não queremos comprometer a credibilidade da informação da TVI.

No «*Mais Bastidores*» ou «*Mais Transferências*» - e também por ser um programa de autor -, o alinhamento vive muito através da opinião e das informações recolhidas pelos comentadores. No entanto, quando se trata de uma peça ou reportagem para os jornais noticiosos da TVI, fazemos sempre a confirmação das informações com os clubes, a Liga ou as mais variadas instituições do desporto. Como eu já expliquei, caso não exista uma confirmação com as instituições, nós [jornalistas] não damos a informação como garantida e, portanto, não passa pelo menos na antena da TVI e da TVI 24.

Para concluir, acho que a verificação de factos é uma ferramenta de trabalho essencial, especialmente numa altura em que se fala muito sobre as *fake news* [notícias falsas]. Todas as informações que circulam na *Internet* são muito aliciantes para os jornalistas. Muito aliciante no sentido em que tudo aquilo que lemos ou encontramos na *Internet* poderia dar uma grande história. Porém, nós [jornalistas], na TVI, temos sempre muita precaução nesse aspeto, porque não gostamos de nos atravessar em rumores ou conteúdos virais que não tenham sido verificados.

**David Piedade** - Catarina, enquanto jornalista da Editoria de Desporto da TVI, quando te deparas com uma informação, quais os procedimentos que costumas ter para tentar confirmá-la?

**Catarina Cardoso** - Por exemplo, ontem, no programa [«*Mais Bastidores*»], falámos sobre uma notícia de que Jorge Jesus [treinador do S.L. Benfica] estaria alegadamente muito mal de saúde. O estado de saúde estaria pior e poderia ser até muito pior do que uma infeção respiratória ou do que a COVID-19. Ao depararmo-nos com esta informação, que causou muito burburinho entre os adeptos e também no meio desporto, o que nós [jornalistas de desporto] fizemos foi optar por nos salvuardarmos e não noticiar rumores. O ideal seria tentar chegar à palavra com Jorge Jesus, mas, infelizmente, não está ao alcance de todos os jornalistas. Pronto, eu percebo.

Hoje, são poucos os jornalistas que têm contacto direto com Jorge Jesus e que se podem dar ao luxo de lhe fazer uma chamada para tentar confirmar a informação. Nestas situações, aquilo que podemos fazer é tentar falar com os clubes ou entidades oficiais, porque têm sempre um parecer sobre a situação e, por experiência própria, quando contacto os

clubes ou a federação, nunca fico sem resposta. Por vezes, não é muito concreta, mas dão-nos sempre uma resposta, referindo que vão emitir um comunicado ou, então, também nos dão uma pista sobre o assunto. É uma escolha dos jornalistas também, mas eu baseio-me muito naquilo que é dito por fontes oficiais. Não escrevo informações que não tenham sido confirmadas por mim ou por um colega. Eu confio no trabalho dos meus colegas. Se eu tiver um colega que me dissesse que ligou para o S.L. Benfica para obter uma informação, eu confio nele. Fora do meu círculo de colegas de trabalho, não gosto de me atravessar e colocar essa informação numa peça minha. Não sei se me fiz entender?

**David Piedade** - Perfeitamente, Catarina. Quando não consegues confirmar uma informação avançada por um órgão de comunicação social estrangeiro, o que costumavas de fazer?

**Catarina Cardoso** - Olha, o jornalismo desportivo tem muitos defeitos e se calhar nós [jornalistas] até podemos cavalgar [expressão utilizada na redação que significa “seguir a onda”] muito nas notícias internacionais sem as confirmar. Aquilo que eu já cheguei a fazer foi chegar à palavra com o jornalista que escreveu uma determinada notícia no jornal *Marca* [diário espanhol de notícias desportivas]. Na altura, conseguir falar com o jornalista através do *LinkedIn* e pedir-lhe também autorização para poder citar a sua notícia. Por norma, é isto que se faz, mas confesso que, atualmente, se escrevem muitas notícias sempre com a frase: «segundo a imprensa internacional» ou «de acordo com um determinado jornal». Acho que nos escondemos um bocadinho atrás destas frases, pelo menos no que toca ao desporto.

No desporto, os nossos protagonistas, às vezes, parecem tão distantes de nós [jornalistas]. Não estão propriamente à mão de semear, como se costuma dizer. Não conseguimos falar com os clubes estrangeiros, porque, na maioria das vezes, é uma burocracia imensa para conseguir alguma informação. Por isso, admito, sim, que nos escondemos muito atrás da imprensa internacional, especialmente no *online*. Frases como ‘segundo a imprensa catalã’ ou ‘segundo a imprensa desportiva daquele país’ são muito utilizadas nos jornais *online*. Realmente, não acho que esta seja uma boa prática.

No meu caso, tento falar com o jornalista em questão, porque até é uma boa forma de criar aqui de contactos muito útil na área do desporto. Hoje, como as notícias são tão

imediatas, há essa pressão de dar a notícia por parte dos órgãos de comunicação social. Por vezes, não tens a confirmação, mas há essa pressão para se dizer qualquer coisa ou para citar o jornal em questão. É uma prática questionável, claro que sim. Contudo, também acho que o imediatismo da televisão, como aquele que acontece na TVI 24, está relacionado com essa prática. Na TVI 24, estão a alimentar as notícias durante 24 horas e, por vezes, acabamos cair nesta armadilha. Obviamente que não é uma boa prática. Não é a prática que aprendemos nas faculdades, mas que, por vezes, o imediatismo nos faz cair nessas más práticas jornalísticas.

**David Piedade** - Catarina, durante o estágio, reparei que houve situações em que houve mais do que um jornalista a tentar confirmar uma informação. Qual é o motivo para ocorrer estas situações?

**Catarina Cardoso** - Olha, eu acho que existem vários motivos, mas depende da situação. Como te expliquei, o imediatismo e a necessidade de dar a notícia rapidamente acaba por ter influência. Portanto, há situações que justificam que exista mais do que um jornalista a tentar confirmar a informação com uma fonte, seja oficial ou não. Acontece pela questão do imediatismo, mas também pode acontecer porque existem jornalistas que têm mais proximidade com uma determinada fonte. Portanto, também pode ser por aí.

Aquilo que acontece é que existem dois lados da mesma história. Nesses casos, procuramos sempre o contraditório que nos dá o outro lado da história. Esta também nem sempre é uma prática, mas que deve sempre existir, especialmente quando há situações de conflito ou controvérsia. É importante termos o contraditório e os dois lados da história a dar o seu testemunho. Acho que acaba por ser um misto entre o trabalho de equipa e o imediatismo do acontecimento.

**David Piedade** - É justo dizer-se que quanto maior for a importância do acontecimento maior será a preocupação dos jornalistas em tentar confirmar a informação?

**Catarina Cardoso** - Eu acho que sim. A pandemia e a forma como se faz jornalismo desportivo cingem muito aquilo que é o nosso trabalho. O nosso trabalho passa essencialmente por assistir ao jogo, comparecer às conferências de imprensa depois dos jogos e falar com os treinadores de ambas as equipas. Por vezes, conseguimos falar com os

presidentes e perguntar se estão mais ou menos satisfeitos com o resultado do jogo. Enfim, atualmente, o nosso trabalho é muito isto. Claro que há notícias que abalam e mudam drasticamente aquele que é o nosso dia de trabalho. Porém, sinto que nós [jornalistas de desporto] confiamos muito na informação oficial, que também serve para todos os órgãos de comunicação social, para dar a notícia.

Por exemplo, lembro-me da situação do Edinson Cavani [jogador de futebol] - em que tu até estavas presente aqui na redação -, que durou muitas semanas. Todos nós estávamos nessa missão de tentar descobrir mais detalhes sobre o assunto. Será que vinha? Será que não? Será que o negócio estava muito ou pouco adiantado? Bem, estávamos todos um bocadinho nessa missão de tentar explorar as pistas que tínhamos.

Eu, enquanto apresentadora de um programa de rumores de transferências, recebia imensas mensagens de adeptos e de outras pessoas, que se calhar de uma forma mais ou menos interesseira queriam também ganhar protagonismo. Recebi mensagens de algumas pessoas a dizer que sabiam que o [Edinson] Cavani estava hospedado num determinado hotel e que vai ter uma reunião com o Luís Filipe Vieira [Presidente do S.L. Benfica] às X horas. Enfim, recebi tanta informação contraditória que foi difícil de filtrar aquilo que era, ou não, verdade. Quando são acontecimento ou rumores de mercado como o da contratação de Edinson Cavani, todos nós entramos nessa missão de tentar confirmar ao máximo a informação ou de dar, pelo menos, pistas sobre o ponto da situação. Lembro-me de ter falado com pessoas ligadas à estrutura diretiva do S.L. Benfica, com alguns atletas - obviamente em *off the record* [não destinado à divulgação] -, e com quem tinha alguma confiança para perceber se havia algum fundo de verdade na história. Obviamente que o S.L. Benfica tinha interesse no jogador, mas o negócio acabou por não se concretizar. Por isso, acho que acontecimento é proporcional à quantidade de jornalistas que procuram confirmar a informação.

**David Piedade** - Catarina, falando agora um pouco sobre a pandemia - até porque tocaste nesse assunto -, como foi trabalhar na redação durante a pandemia e no pós-confinamento?

**Catarina Cardoso** - A partir de março, quase todos os desportos foram suspensos. Creio que foi em meados de março. Naquela altura, nós [jornalistas de desporto] não sabíamos o que iria acontecer. Lembro-me que, em meados de março, ainda antes de ser decretado o confinamento, nós [jornalistas de desporto] fizemos muitas notícias sobre as suspensões dos vários campeonatos de futebol. Aliás, estávamos a preparar o expectador para a eventualidade de que o desporto iria provavelmente ficar suspenso. Na altura, falámos com imensas federações, como a de Patinagem, Andebol ou Basquetebol para tentar perceber o futuro das modalidades. O que é que vai acontecer à formação? O que vai acontecer aos escalões profissionais das modalidades? Enfim, tentámos logo perceber qual seria o destino destas modalidades.

Ainda antes das competições ficarem em suspenso, lembro-me também de ter entrado em contacto com a Liga de Clubes (LC) e com a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) no sentido de tentar perceber o futuro do futebol e dos clubes portugueses. O que poderia acontecer ao futebol? Que implicações poderiam surgir com a paragem do futebol? O que iria acontecer aos campeonatos de formação? O que iria acontecer com o campeonato português? Enfim, uma série de questões. Por exemplo, a Federação Francesa de Futebol (FFF) decretou o fim imediato do futebol e declarou o Paris Saint-Germain F.C. como vencedor da *Ligue 1*. A verdade é que não se terminou o campeonato francês e nós, enquanto jornalistas de desporto, tentámos fazer o nosso trabalho e antecipar o destino da Liga.

Portanto, num primeiro momento, o nosso trabalho foi o de tentar antecipar o futuro do desporto em Portugal. Depois, conseguimos finalmente confirmar as informações através de comunicados e meios oficiais. Após várias reuniões entre o Governo e as entidades reguladoras do desporto, obtivemos logo a informação oficial. Durante a pandemia ou confinamento, entre os meses de março e maio, não houve desporto, porque as competições ficaram suspensas. O nosso quotidiano, enquanto jornalistas de desporto, mudou por completo. Na TVI, deixámos de ser só jornalistas de desporto e passámos a dar apoio à redação. Aliás, os jornalistas das outras editorias também deixaram de trabalhar sempre a mesma área. A exceção talvez tenham sido os jornalistas da editoria da política, porque tinham uma série de reuniões e debates parlamentares sobre as medidas da COVID-19.

Porém, no geral, todos nós [jornalistas da TVI] começámos a trabalhar em prol dos acontecimentos da COVID-19.

Acho que foi um período muito desafiante para os jornalistas desportivos, porque estão muito habituados a trabalhar só na área de desporto. Nós fechamo-nos muito nesse círculo e numa espécie de bolha que envolve tudo aquilo que é o desporto. Por exemplo, eu questionei-me imensas vezes sobre se conseguia fazer outras notícias que não fossem só sobre desporto. Será que tenho essa capacidade? Por isso, acho que foi uma boa prova para todos os jornalistas de desporto, especialmente os mais novos, onde me insiro, claro. Acredito que foi uma boa oportunidade para nos colocarmos à prova e perceber se conseguíamos fazer outra coisa que não fosse sobre desporto. Nesse sentido, foi muito desafiante, porque eu consegui exercer as minhas funções enquanto jornalista, mesmo que não tenha estado na minha área de conforto.

Lembro-me, por exemplo, que o nosso colega, Nuno Chaves, teve de dar a notícia sobre a morte de Valentina, uma menina de 5 ou 6 anos, que tinha sido brutalmente assassinada. Ele [Nuno Chaves] só fez jornalismo desportivo e teve de fazer um direto no local, onde a menina acabou por falecer. Ele [Nuno Chaves] recebeu, em direto, a notícia da confirmação do falecimento da menina quando estava no local do incidente. Na altura, todos nós fomos colocados à prova, porque a informação assim nos obrigava e também porque houve muitos colegas, que faziam parte dos grupos de risco, a serem colocados em teletrabalho. Tivemos de nos juntar e aglomerar a redação que normalmente é muito compartimentada em editorias, entre as quais: desporto, cultura, economia, justiça, política e sociedade. Enfim, tivemos de nos juntar e formar uma só editoria, batizada como a Editoria COVID-19, por causa da pandemia.

Para mim, foi muito desafiante e gostei de trabalhar em prol de algo maior. Naquele momento, não havia cores futebolísticas ou paixões do futebol, havia um trabalho importante para ser feito. Foi interessante perceber que eu fiz parte de um momento tão importante como perceber o futuro da nossa sociedade.

**David Piedade** - A pandemia foi certamente uma experiência muito desafiante no jornalismo. Catarina, ao nível das rotinas e práticas do jornalismo, houve alguma alteração com a pandemia?

**Catarina Cardoso** - A pandemia veio alterar muito a forma como trabalhamos no jornalismo. Logo, no primeiro impacto, os jornalistas que não foram para teletrabalho começaram a trabalhar por turnos. De 15 em 15 dias, trocavam-se os turnos. Aqueles que estavam em teletrabalho voltavam para a redação e os que estavam na redação iam para teletrabalho. No caso da Editoria de Desporto, não é muito viável fazer teletrabalho, porque não há computadores para todos e os nossos computadores têm de estar equipados com *softwares* específicos. Além disso, têm de ser computadores com uma certa capacidade para aguentar com todos os programas para podermos fazer o nosso trabalho a partir de casa.

De imediato, dividimos logo a redação e as respetivas editorias em turnos. Quando estávamos em teletrabalho, também fazíamos notícias para o *online*. Houve uma altura em que muitos dos jornalistas de desporto da TVI também trabalharam para o *Mais Futebol*. Eu, por exemplo, cheguei a escrever notícias para o *online* da TVI 24. Também cheguei a fazer madrugadas a trabalhar para o *Diário da Manhã*. O *Diário da Manhã* foi um setor muito afetado, mas não consegui perceber o motivo. Talvez, porque tenham alguns jornalistas dos grupos de risco. Ainda assim, dois ou três jornalistas de desporto foram dar apoio ao *Diário da Manhã*. Claro que o nosso horário mudou, porque entrávamos às 05:00 e a nossa rotina mudou por completo.

No início da pandemia, o medo da COVID-19 não era tão real. Eu lembro-me de entrar na redação ainda sem máscara durante o primeiro mês de confinamento. Só punha a máscara para entrar nas instalações e depois retirava a máscara quando chegava ao meu lugar. Só quando chegámos a uma fase mais complexa da pandemia é que a máscara passou a ser obrigatória dentro das instalações. Nesse sentido, creio que as rotinas foram idênticas para todos. A introdução da máscara, no início, foi feita de forma mais subtil. Depois, obviamente, passou a ser obrigatória.

Outro aspeto também essencial foi a inclusão dos acrílicos. Aliás, agora, também estamos a introduzir os acrílicos nos programas transmitidos em direto. Quando fazemos os

programas, os apresentadores e os comentadores não utilizam máscara e, portanto, acho importante esse reforço na segurança da saúde de todos. Estamos muitas vezes cerca de uma hora, em direto, com convidados a falar sem máscara e os acrílicos são sempre mais um mecanismo de combate à COVID-19. Portanto, no que respeita à rotina, foi mais ou menos isto. Não sei se tens mais alguma especificidade que queiras que aborde?

**David Piedade** - Não, creio que não. Poderíamos falar um pouco sobre a introdução das entrevistas por *Zoom* ou *Skype* e até a limitação dos jornalistas nas conferências de imprensa. No entanto, também consegui verificar estas alterações após ter voltado à redação.

**Catarina Cardoso** - Sim, devido à pandemia, começámos a fazer entrevistas por *Zoom*. Eu cheguei a fazer entrevistas por videochamada para um programa que temos na TVI 24...

**David Piedade** - «*A Equipa*», certo?

**Catarina Cardoso** - Sim, exatamente. Falámos com jogadores por *Zoom* [caso de Daniel Podence, jogador do Wolverhampton W.F.C.] e de outra forma nunca poderíamos falar com eles, porque são jogadores internacionais e que jogam no estrangeiro. Aliás, nesta altura, sair do país para falar com eles [jogadores de futebol a atuar no estrangeiro] também seria difícil. Além disso, também é complicado por causa de questões relacionadas com as disponibilidades dos jogadores e dos respetivos clubes. Portanto, a normalização das entrevistas por *Zoom* ou *Skype* até foi uma alternativa muito bem recebida. No que respeita ao desporto, acho que as televisões foram muito mais solidárias. No desporto, criámos um grupo de *WhatsApp* - onde tu também estavas inserido -, com muitos jornalistas da SIC, TVI e CMTV, onde havia coordenação entre todos para evitar enviar vários jornalistas. Como sabes, os repórteres de imagem deixaram de poder ir às conferências de imprensa e, portanto, fez todo o sentido fazer um grupo de jornalistas no *WhatsApp*.

As estações televisivas, ainda que concorrentes, uniram-se todas com o objetivo de tornar o ambiente de trabalho mais seguro. Lembro-me também que houve um pequeno surto na Editoria de Desporto da SIC. Durante quase duas semanas, a SIC esteve obviamente bastante reduzida em termos de jornalistas. A SIC não conseguia enviar jornalistas para os jogos, por exemplo. Nós [jornalistas de desporto da TVI], e em coordenação com as nossas

chefias, disponibilizámos algumas imagens à SIC, porque não tinha capacidade naquele momento. Acho que houve, da parte de todos, uma vontade muito grande para ajudar. Até os clubes se envolveram nesta missão de ajuda e solidariedade.

**David Piedade** - Sim, porque acima da luta pelas audiências estará sempre a saúde dos profissionais. Catarina, não é novidade que a TVI trabalha com agências de notícias e, em particular, com a *Agência Lusa*. À partida estas agências têm o cuidado de fazer a confirmação das informações. Quando estas informações chegam à redação da TVI, há tempo para fazer uma nova verificação de factos?

**Catarina Cardoso** - Olha, por norma, a *Agência Lusa* é um órgão extremamente credível e no qual confiamos muito. No geral, as notícias da [Agência] *Lusa* vêm acompanhadas de uma citação ou de um vídeo com declarações pertinentes para a notícia em si. No imediato, normalmente não confirmamos a informação quando chega da *Agência Lusa*, porque já é um órgão bastante credível e funciona como uma espécie de banco de informação para todos os meios de comunicação social.

No imediato, repito, não confirmamos. Contudo, com o passar das horas e depois de combinar com as chefias sobre o ângulo que pretendemos dar à peça para o *Jornal da Uma* (J1) ou *Jornal das Oito* (J8), tentamos confirmar a informação. Se queremos dar o nosso cunho pessoal, pegamos na informação da [Agência] *Lusa* e tentamos cruzar com outras fontes e marcar entrevistas. Obviamente que, no imediato, a [Agência] *Lusa* é bastante confiável, mas com o passar do tempo e devido à questão editorial fazemos o nosso próprio trabalho de pesquisa e confirmamos a informação.

**David Piedade** - Catarina, durante o período em que estive em estágio na TVI, consegui perceber que existe uma relação de grande proximidade entre os jornalistas da Editoria de Desporto da TVI e os jornalistas do *Mais Futebol*. Até que ponto esta relação acaba por ser um benefício para todos?

**Catarina Cardoso** - Acho que acaba por ser um grande benefício para todos. É uma situação em que acabamos todos por ganhar. Porquê? Apesar de estarem no formato *online*, os jornalistas do *Mais Futebol*, ao longo do tempo, ganharam uma rede de contactos muito grande. Uma das mais-valias de um jornalista é a rede de contactos que possui. A rede de

contactos era algo que os jornalistas mais experientes valorizavam muito. Atualmente, como já existe a *Internet* e departamentos de comunicação de clubes, a informação é mais oficial e perdeu-se um bocadinho essa rede de contactos. No entanto, o *Mais Futebol* é um órgão de comunicação social que prima muito pela verificação de factos e gosta de confirmar toda a informação, porque, felizmente, tem uma rede de contactos bastante alargada.

Para nós [TVI], como somos um órgão de comunicação social generalista, é fundamental, porque quase que existe uma fusão entre os grupos de trabalhos. Aliás, temos um grupo de *WhatsApp*, em que estão presentes os jornalistas da TVI e do *Mais Futebol*. Quando há uma informação importante ou um rumor sobre uma transferência, comunicamos através do grupo, porque trabalhamos todos em prol do mesmo objetivo. No que toca aos contactos, os jornalistas do *Mais Futebol* têm muitos, porque, ao longo do tempo, já fizeram muitas entrevistas. Eles [jornalistas do *Mais Futebol*] têm realmente uma excelente rede de contacto e são bastante precisos no que toca à confirmação dos factos. Têm sempre uma informação fidedigna e são sempre uma mais-valia. Outra coisa que também têm de muito bom é que não gostam de alimentar polémicas. Por isso, como não seguem essa linha de rumor e polémica, parece-me que são ainda mais credíveis no seu trabalho. No trabalho diário, funcionamos muito em parceria, mesmo que os estilos editoriais sejam diferentes, porque nós trabalhamos para televisão e eles [jornalistas do *Mais Futebol*] para o *online*. Somos diferentes, mas partilhamos muito a informação em tempo real, especialmente porque trabalhamos no mesmo espaço. Creio que é uma relação benéfica, porque temos interesses comuns.

**David Piedade** - Catarina, já falámos sobre a forma como caracterizas a verificação de factos, mas como é que achas que os teus colegas encaram o processo de confirmação das informações?

**Catarina Cardoso** - Olha, eu acho que partilham todos da mesma opinião. Aliás, uma das frases que dizemos muito na redação é: «não te atravesses com essa informação». Até porque nós, os jornalistas mais jovens, não tivemos tanto tempo de contacto com os protagonistas. Imagina, o Paulo Pereira [jornalista de desporto da TVI] é mais velho e se calhar até o Jorge Jesus [treinador do S.L. Benfica] o conhece, porque já trabalha há vinte

anos nisto e provavelmente até já o viu na televisão. É diferente, percebes? Comparando, por exemplo, o Paulo [Pereira] comigo, eu só tenho seis ou sete anos de profissão e tenho uma rede de contactos menor e muito diferente daquela que ele [Paulo Pereira] tem.

Quando não conseguimos fazer o *fact-checking* ou quando estamos dependentes de um assessor de um clube - que, naquele momento, não nos pode dizer nada e pede-nos algum tempo -, há uma frase que nós dizemos muito que é: «não te atraveses com essa informação, joga pelo seguro». Mais vale não dar a informação do que dá-la e depois correr o risco de ser falsa e ficar com a credibilidade comprometida. É uma frase que usamos muito e serve para este tipo de situações. Lá porque a SIC, a CMTV, o [jornal desportivo] *Record* ou [jornal desportivo] *Abola* dá uma determinada notícia, não te atraveses, porque depois pode carecer de algum tipo de informação.

**David Piedade** - Há especialistas, como Alfred Hermida (2012), que defendem que os jornalistas se limitam a fazer um trabalho objetivo da realidade ao cortar as declarações dos intervenientes da esfera mediática. Não procuram, por exemplo, tentar descobrir se aquela declaração corresponde efetivamente à verdade. Concordas com esta afirmação?

**Catarina Cardoso** - Depende. Como te disse, hoje, trabalha-se muito no imediatismo dos acontecimentos. Essa cultura, já disse, não é muito benéfica nesse aspeto. Sim, o nosso trabalho diário é, por vezes, muito redutor. Não é possível fazer reportagem de investigação todos os dias, porque o nosso tempo para a investigação é cada vez mais escasso. Temos de ir ao local, fazer a captação das imagens, falar com os intervenientes e quando chegamos à redação ainda temos de editar as imagens. Por isso, sim, o nosso trabalho é muito redutor.

Agora, neste contexto, sem adeptos, o nosso único contributo é o de ir à conferência de imprensa e fazer uma pergunta aos treinadores ou dirigentes sobre algum aspeto ou momento do clube que queremos saber. Já não há adeptos no estádio, como sabemos. Não há o contacto com os adeptos antes e depois dos jogos, como havia antes da pandemia. No jornalismo desportivo, nós [jornalistas] dizemos muito que deixámos de ir à rua e é verdade. Nós deixámos de ter tempo para sair em reportagem; para falarmos com os protagonistas; ou para abordar um tema através do ângulo que nós gostaríamos de abordar. Nesse aspeto,

acho que sim. Em termos de *fact-checking*, acho que não. Se temos um treinador em conferência de imprensa a falar do jogo, não vamos estar a verificar se o resultado foi justo ou se a equipa em questão foi melhor na primeira parte. Obviamente que não nos interessa a nós [jornalistas de desporto] verificar se a nível estatístico a equipa daquele treinador esteve melhor na primeira parte. Será que o resultado foi justo? O que é que é ser justo, afinal? Nós não podemos entrar por aí, porque estaríamos a entrar no domínio da subjetividade. Além disso, é desporto, não é? A análise que se faz à qualidade de um treinador ou ao desempenho da equipa é sempre subjetivo.

O conteúdo deve ser objetivo no desporto, mas acho que, devido ao tempo ser limitado, perdemos muito a oportunidade de dar maior profundidade a alguns temas do universo desportivo. Talvez porque também vivemos na era do imediatismo e porque o meio de comunicação que der primeiro a notícia acaba por ganhar, percebes? Obviamente que se perde essa profundidade e abordagem de temas. Enfim, este é também o reflexo da televisão e da comunicação social que temos atualmente.

**David Piedade** - Estamos mesmo a chegar ao fim da nossa conversa. Catarina, para terminar, na tua opinião, quais são os principais obstáculos quando tentas confirmar uma informação?

**Catarina Cardoso** - Acho que é o bloqueio que existe muitas vezes em torno dos protagonistas do desporto. Tal como te disse, a nossa rede de contactos é muito reduzida, mas também acho que há vinte ou trinta anos os protagonistas eram mais ingénuos, sabes? Antigamente, os treinos de futebol eram muito diferentes. Os jornalistas de desporto iam semanalmente assistir aos treinos dos clubes e tinham uma relação de maior proximidade com os jogadores e os treinadores. Havia uma relação muito mais estreita entre treinadores, jogadores e jornalistas. Hoje, é muito difícil para um jornalista abordar um jogador de futebol ou um treinador de forma oficiosa.

À medida que o tempo passou, os jogadores e os treinadores foram se formando e os clubes trabalharam muito a comunicação para o exterior. Os departamentos de comunicação servem para isso mesmo, em particular para trabalhar aquilo que os intervenientes não devem dizer em público. Por isso, os jogadores, os treinadores e os dirigentes de futebol

fecham-se muito à comunicação social. Normalmente quando querem dar uma informação ao público, recorrem quase sempre ao canal do clube ou aos órgãos de comunicação oficiais do clube. Essa relação entre treinadores, jogadores e jornalistas perdeu-se muito. Claro que há jornalistas que também têm os seus trunfos. Há quem seja mais ligado ao José Mourinho [treinador de futebol], mas também há jornalistas que são mais ligados ao Jorge Jesus [treinador de futebol]. Enfim, há até jornalistas que são mais ligados a um determinado clube, porque têm mais contactos na estrutura. Uns [jornalistas] têm mais contactos dentro da estrutura do S.L. Benfica, outros, por exemplo, na estrutura do Sporting C.P. Por algum, durante as carreiras profissionais dos jornalistas, estreitou-se uma relação mais próxima com determinados agentes.

Enfim, hoje, é muito difícil ter essa relação mais genuína com os intervenientes do futebol. Por exemplo, «eu dou-te esta informação porque não tem mal nenhum» [declaração dadas pelos intervenientes do desporto], acho que esta ingenuidade, - que havia há trinta anos -, se perdeu um bocado. Atualmente, tanto os treinadores como os jogadores estão bastante treinados para quilo que devem dizer. Aliás, até porque os clubes depois têm penalizações para os jogadores ou treinadores que falem demais, abordem certos temas ou prejudiquem aquela que é a imagem pública de um clube. Portanto, é uma situação muito delicada, porque a única oportunidade que nós [jornalistas] temos para falar com os treinadores ou jogadores é através das conferências de imprensa ou de entrevistas muito pontuais. Nesses casos, o clube também está sempre associado, porque não há essa dissociação entre clube e os respetivos jogadores ou treinadores. Essa dissociação já não existe, exceto nos casos em que os jogadores são livres de contratos e não têm responsabilidades com os clubes.

**David Piedade** - Obrigado, Catarina. Muito obrigado por aceites conversar comigo. Foi muito importante.

**Catarina Cardoso** - De nada. Não sei se foi útil ou se tens algo que queiras que eu explique um pouco mais?

**David Piedade** - Não, está tudo. Muito obrigado, Catarina.

**Catarina Cardoso** - De nada, espero que te corra tudo bem e que tenhas muita sorte com a tese e no futuro.

**David Piedade** - Igualmente, Catarina (risos).

## V. Anexos

### Anexo 1 - Comunicado enviado por Maria Simões a Luís Ferreira sobre o adiamento da EDP Meia Maratona de Lisboa.

---

#### COMUNICADO

##### 30ª EDP MEIA MARATONA DE LISBOA CANCELAMENTO E ADIAMENTO DAS PROVAS COVID-19

O coronavírus está a ter graves impactos em muitas regiões. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou situação de emergência, com uma forte probabilidade de vir a ser declarada uma situação de pandemia. O alastramento do coronavírus é diário, não se conseguindo prever qual será a sua extensão nos próximos tempos.

No âmbito das medidas restritivas que têm sido impostas em Portugal, ontem à noite, o **Ministério da Saúde tornou pública a proibição da realização de eventos ao ar livre com mais de 5.000 participantes. Perante esta decisão, a organização da EDP Meia Maratona de Lisboa vê-se obrigada a adiar a realização das provas previstas para os 21 e 22 de março.** Esta decisão contou com o apoio da Secretaria de Estado da Juventude e Desporto, do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), dos Municípios de Lisboa, Almada e Oeiras e dos demais patrocinadores e parceiros da **30ª edição da Meia Maratona de Lisboa.**

Face a esta decisão comunicamos a todos participantes que **as provas foram adiadas para os dias 5 e 6 de Setembro**, data definida em conformidade com as entidades competentes.

O adiamento da prova é determinado por um caso de força maior (o risco de propagação do COVID-19) e resulta de uma decisão das entidades públicas com competência para o efeito, à qual a organização é totalmente alheia.

---

Estamos certos de que, com otimismo e com a compreensão dos participantes, das entidades públicas envolvidas e dos patrocinadores e parceiros, estamos apenas a adiar a festa e que a **6 de Setembro de 2020** estaremos juntos a comemorar o 30º Aniversário da Meia Maratona de Lisboa.

Lisboa, 10 de março 2020

#### Maratona Clube de Portugal

###

**Maria Manuel Simões**  
PR & Communication Manager | Elite Athletes Coordination  
Tel. +351 214413182 | Telem. + 351 917778920

**EDP Lisbon Half Marathon | Maratona Clube de Portugal**  
Bairro Francisco Sá Carneiro, Av. João de Freitas Branco, n. 10  
Laveiras-Caxias | 2760-073 Caxias | Oeiras - Portugal  
T: +351 214 413 182 M: +351 917778920 E-mail: [maria.simoos@maratonaportugal.com](mailto:maria.simoos@maratonaportugal.com)  
Clube: [www.maratonaclubedeportugal.com](http://www.maratonaclubedeportugal.com)

Become a SuperRunner | SuperHalves Series | [www.superhalves.com](http://www.superhalves.com)

## Anexo 2 - Informação enviada pelo Sporting C.P. sobre a retoma do futebol no pós-confinamento e as medidas de segurança nas conferências de imprensa.

To: Miguel Braga <[mgbraga@sporting.pt](mailto:mgbraga@sporting.pt)>; Filipe C. Dinis <[fcdinis@sporting.pt](mailto:fcdinis@sporting.pt)>  
Subject: RETOMA DO FUTEBOL - CONFERÊNCIAS DE IMPRENSA DE ANTEVISÃO

**Esta mensagem de correio eletrónico teve origem fora da Media Capital**

Abra os anexos e os links apenas se considerar o remetente fidedigno.

Ajude a manter a nossa empresa e os nossos parceiros seguros.

A nossa segurança depende de todos nós.

Boa tarde a todos.

O Sporting Clube de Portugal decidiu realizar as suas conferências de imprensa de antevisão, no auditório Artur Agostinho – Estádio José Alvalade.

Todos conhecem a dimensão do espaço, mas será essencial o cumprimento de um conjunto de regras, por forma a que todas as recomendações da DGS sejam cumpridas e para que todos possam fazer o seu trabalho em total segurança.

- Apenas será permitida a presença de um elemento por OCS.
- Apenas poderão ser utilizados os lugares previamente marcados no auditório.
- Estarão disponíveis 2 hospedeiras com microfones de sala, nos quais os jornalistas não poderão tocar. A aproximação será feita com material próprio para o efeito pelas hospedeiras.
- O uso de máscara será obrigatório para todos os jornalistas presentes.
- As conferências de imprensa serão sempre realizadas no dia anterior aos jogos em hora a designar, salvo qualquer alteração pontual que seja necessário fazer.
- Os secretariados de redação deverão fazer chegar aos e-mails: [prcintrao@sporting.pt](mailto:prcintrao@sporting.pt) ou [fcdinis@sporting.pt](mailto:fcdinis@sporting.pt), os nomes dos profissionais que estarão presentes, que terão de se identificar junto da segurança, exibindo a Carteira Profissional de Jornalista.
- Apenas estará autorizada a presença de um repórter de imagem da Sporting TV, que cederá o sinal a todas as outras televisões. Peço que contactem a produção da Sporting TV, para acertarem os detalhes técnicos.
- Apenas estará autorizada a presença de um repórter fotográfico do Sporting CP. As imagens serão enviadas a todas as redações com a brevidade possível.

Pedimos a compreensão de todos, para a necessidade de alterar alguns procedimentos habituais.

Alguma dúvida, estaremos ao vosso dispor.

Bom trabalho.



**Paulo Rodrigues Cintrão** | Sócio nº 146.370-0

| Departamento de Comunicação

Academia Sporting

Centro de Futebol do SCP, Apartado Nº. 60 | 2894-909 Alcochete

Telefone | Linha Sporting 707 20 44 44



SCP SPORTING PORTUGAL

LOJA VERDE Online

**DA LOJA PARA A TUA CASA**

#SOEUSEIPORQUEFICOEMCASA

ENTREGAS GRATUITAS EM PORTUGAL CONTINENTAL

\*DE 13 DE MARÇO A 30 DE ABRIL 2020. ENVIOS PARA PORTUGAL CONTINENTAL.

**Anexo 3 - Parecer e avaliação do responsável de estágio da TVI, Bruno Ferreira, sobre as tarefas executadas pelo candidato.**



**Parecer do responsável do Estágio**

Referente ao período de estágio do aluno **David Manuel Marques Piedade**, estabelecido pelo Protocolo de Cooperação entre a **Escola Superior de Comunicação Social (ESCS)** e a **TVI - Televisão Independente, SA**, no ano letivo 2019/2020, o responsável de estágio **Bruno Ferreira**, designado por esta empresa, informa e emite parecer sobre o seguinte:

**1. Descrição sumária das tarefas executadas pelo estagiário:**

- Apoio na preparação de alguns programas, principalmente na edição dos "clips" de imagens e de leads
- Execução de off's
- Editar "vivos"
- Apoio à redação no trabalho diário
- Saídas e entrevistas diversas

**2. Apreciação qualitativa do desempenho do estagiário, tendo em conta os seguintes aspetos:**

- a) Autonomia
- b) Iniciativa
- c) Capacidade de resposta às tarefas propostas
- d) Integração na equipa
- e) Outros aspetos considerados de relevo

- |  |
|--|
| a) Autonomia – O David foi ganhando capacidade para executar as tarefas diárias sem qualquer apoio, precisando sempre de acompanhamento e supervisão.  |
| b) Iniciativa – O David revelou ser interessado, estando atento ao dia a dia e sempre à “procura” de trabalho  |
| c) Capacidade de resposta às tarefas propostas – A exigência da informação diária implica uma capacidade de resposta quase imediata, é algo que se vai adquirindo com a experiência.   |
| d) A Integração na equipa foi bastante boa.  |
| e) Outros aspetos considerados de relevo. O David é muito empenhado e trabalhador. É também muito responsável e metódico. Precisa ainda de desenvolver algumas capacidades de relacionamento interpessoal que o possam fazer triunfar numa área tão competitiva como é o jornalismo. |

Queluz de Baixo, 6 de novembro de 2020.

Assinatura do Responsável de Estágio